Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO II.

PARIS,

EM CASA DE J.P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, N° 11.

M DCCC XXVII.

PARNASO LUSITANO.

Descriptivos, Didacticos, Philosophicos.

MALACA. *

N'este rico archipelago do Oriente,
Para a parte do Artico assentada,
Jaz n'uma estancia fertil e eminente
De Malaca a cidade memorada:
De povos orientaes e do occidente,
Por causa do commércio, frequentada,
Querida dos amigos per preceitos,
Temida dos amigos per seus feitos.

Pelo centro um fermoso e caudal rio,

* O auctor d'ésta producção, pola pureza de seu estylo, e por ter sido amigo e companheiro de Camões, tem juz a entrar n'ésta escolha.

Bem como o Tibre a Roma, a fermosenta,
Fermoso * crystallino e mui sombrio
De mil nações, per pontes, se frequenta:
D'uma parte e da outra o vil gentio
Se recolhe ao Luso em torre isenta;
Reparo algum não tem firme e seguro,
Que o luso braço não consente muro.

O Monancabo a visita e enche d'ouro
Das riquissimas minas e caudaes
De saphyras, rubis; o Pegu-Mouro
De perolas sem preço orientaes:
Os braços tem ja puros de thesouro
Da roca velha, e todos desejais
O branco de canfóra acompanhado,
E de ambar outros muitos mais prezado.

Do subido ouro o astuto destro Chim
De fina seda, almiscar, porcelana;
O Samatra de suave beijoim
E tudo em que se seva a sêde humana:
O rico Sião ja dado ao Bremim,
O Cochim de Calemba que deu mana
De sapão, chumbo, salitre e vitualhas **
Lhe apercebem celleiros e muralhas.

* Os antigos escreviam indistinctamente *fermoso* ou *formoso*.

** Viveres, provisão de mantimentos.

Os Sundes e Malaios com pimenta,
Com massa e noz os ricos Bandauezes,
Com roupa e droga Cambaia a opulenta,
E com cravo os longinquos Maluquezes:
Bengala com mil pannos a frequenta,
Nem falta San' Thomé com seus tres mezes,
Ésta de mantimentos a fornece,
Java de cavallos a guarnece.

Alli a subtil obra do Japão
Precede inda a materia d'ouro e prata,
O tecido e o lavrado d' invenção,
E o mais de que a Musa aqui não trata:
Avaros peitos fartos ficarão,
Almas não, que a cubiça não se farta;
Aqui jaz o thesouro oriental
Que s' espalha per todo o universal.

Aqui o capro-signo é temperado,
E o leo, contra a antiga geographia,
De boninas matiza o verde prado,
E a ribeira jaz sempre sombria:
O bosque todo o anno stá occupado,
Que feios animaes estranhos cria;
Tal que Venus e Marte de viçoso
O escolhem para o seu furto amoroso.

Aqui na matta espessa e brando feno
Ambos doces effeitos concluiram,

E ora em verde outeiro, ora em ameno
As armas e o amor almas uniram:
Aqui o dourado pomo, que o veneno
Esconde dentro em si, ambos fruiram;
O satyro d' inveja desatina,
E o fauno, que os ve, d'amor se fina. *

Cynthia, Cynthia famosa affeiçoada
Á terra que lhe deu contentamentos,
A destina á nação mais estimada,
E tras a Lusitania a seus assentos:
A gente ao seu Mavorte assimilhada,
E que possue d'amor seus movimentos;
Ja d'uma e d'outra cousa a preeminencia
O tem mostrado a longa experiencia.

A forja onde o fino amor se apura
Dos vassallos, é do rei a gratidão,
Ésta dilata o imperio e a ventura,
E não desarma seu podêr em vão:
Ésta cria o esforço, a chaga cura,
E torna heroe o minimo varão,
Ésta dilata sempre o Luso estado
Per mar e terra além do imaginado.

Este criou aquelle Heroe valente
Afonso d' Albuquerque, que famosos

* Attenua-se, secca-se, mirra-se, etc.

Feitos obrando ganha no Oriente
A mor parte de reis mui bellicosos :
Pois me falta o estylo competente
E os versos d'Homero sonorosos,
So direi que seus feitos bem mostraram
Que pola patria e reis se executaram.

A tudo vence amor ou tarde ou logo,
Que o peito que é leal e amoroso,
Traspassa pelo ferro, agua e fogo,
Constante, firme, ledo e amoroso :
Creado este Heroe foi no marcio jôgo
Aonde o esprito seu fez bellicoso ;
Por seu rei concluiu heroicos feitos,
Altos muros deixando alli desfeitos.

ANTONIO DE ABREU, *descripção de Malaca.*

DIA DE ANNO-BOM.*

Mal da aurora no seio apavonado
A luz aponta que nos abre o dia,
E as portas se descerram do anno-novo,
Alado enxame de gentis ideias
(Que no ar as azas humidas batiam,
De Morpheu espreitando a lenta fuga)
A mente assaltam dos mortaes dispertos:
Qual orvalho de aljofar desparzido,
A lisonja, a ambição, as amorosas
Conquistas, as magníficas promessas
Banham do cerebro o ávido terreno.

Ja dos bons-annos férvida cohorte
Busca as portas dos ricos, invejadas;

* *On regrette que Francisco Manuel n'ait pas achevé son poëme des* Fastes Portugais, *ce qu'il en a écrit étincelle de beautés : le plan qu'il s'était tracé promettait encore à sa nation un digne imitateur d'Ovide. Quelle variété infinie de tons et de couleurs ! quel trésor de poésie dans le vaste tableau des mœurs originales, des usages de l'année à la cour, à la ville et la campagne dans les élégantes* quintas *du riche,*

Bandejas de charão lhe véem no alcance
Co' as troixas loiras, com os pardos fartes,
E c'os antigos bolos de refego,
Caseiro dom dos nossos bons maiores:
Alguns vós mandais, mimosas freiras,
Devotas mestras de boneca e doce,
Ao nedio confessor escrupuloso,
E ao bem-fallante apessoado primo.

C'o trote das saxi-fragas carroças
A calçada d'adjuda atroa e treme;
A roda range, os cubos se abalroam;
Grita o cocheiro, o açoite silva e estala;
Cresce o embaraço, descompõe-se a fila;
Da lisa portinhola um desce o vidro,
E açula o bolieiro; outro escumando
Pede ao sol por frisões o Ethonte, o Eòo,
Por não ser de outro coche atrás deixado:
Em quanto as ancas da ronceira mula

et dans la chaumière du laboureur, ou sous le toît de jonc du pêcheur, dans ces peintures des solennités religieuses, des pélerinages, des fêtes domestiques, des monumens, des anciennes traditions moresques et portugaises, historiques et populaires de la vie agricole et de la vie pastorale de l'Estramadure et de Beira, des sites les plus rians et les plus magnifiques! Mais ce bel ouvrage nécessitait beaucoup de richesses locales: il est le seul que Manuel n'ait pu bien faire loin de sa patrie. SANÉ.

O desembargador chupado e gebbo
Coça a miudo c'os cordões ja gastos;
E a velha alugatriz se encosta ao muro
C'o gordo provincial entabacado,
Porque o duque e o Bandeira* os não enguice.

Taes viu Elis na olympica contenda,
Reis e heroes sacudir as doctas redeas
Aos duros veloci-pedes cavallos.
Fervem** as rodas nos fumantes eixos;
Eis se atraza, eis precede, eis passa adiante
Outro carro de brutos mais fogosos,
Que o perigo despreza, ou não conhece.
Tal das praias de Acestes viu Neptuno,
Nas rebatidas aguas que branquejam,
As phrygias naus vencer, e ser vencidas,
Quando os deuses com braço poderoso,
Esta impellem, aquella não ajudam,
Ou n'um baixo se engasga*** a mais ligeira.

Já se apeam na sala dos tudescos
Luzidos cortezãos, tufados béccas;

* Negociante mui rico em Lisboa.

** .... *Metaque fervidis*
Evitata rotis.
Horacio, liv. I, od. I.

*** Adequadissima applicação! mas repare-se na propriedade do verbo *engasgar*, exprimindo *embaraçar*, *entalar*, etc.

Aqui o militar agaloado
Saúda o principal de longa cauda;
Alli c'o hábito rico, o cavalheiro
(Inda ha pouco villão) c'os olhos busca
Em que roda de nobres se afidalgue:
Um possante geral de duas barbas
La falla, ao canto do balcão de vidros,
Nas tesas conclusões de theologia,
Nas distincções com que tapara a boca
A doctos mestres que a encová-lo vinham,
E a dar-lhe as calças, que elles bem levaram.
N'outro corrilho nobres puritanos
De avós podres a têa desenrolam:
« Aqui não ha judeu; meu sangue é limpo;
Lucrecias * foram todas as esposas
De meus christãos guerreiros avoengos. »

Leves susurros, mal-rasgados risos
Ora partem d'aqui, ora se chegam.
Aqui se escarra, alli da caixa de ouro,
Batida com desdem, o po se off'rece.
D'este lado a lisonja carinhosa
Baixa a cabeça, encosta as mãos ao peito,
Os termos mede, o comprimento adoça;
Do outro a fofa bazófia empavezada
Faz alarde da bem bordada véstia,

* Se como a Lucrecia romana tiveram seus Tarquinios que as dormissem, não consta que como ella se apunhalassem.

Da larga fita em que arfa a cruz comprada,
E c'o inquieto brilhante afaga a testa,
Coça uma e outra orelha não peccantes.
Encostada ás riquissimas parèdes
Destorce as torpes roscas a calúmnia,
E sopra (não sentida) atro veneno,
Que o zêlo, que a ambição destros fomentam;
Porque melhor no incauto peito cale.
Mas, eis que a porta se abre, o rei se avista:
Um so cuidado as mentes alvoroça;
— O garbo da airosissima mesura. —

Oh quanto é mais feliz o villão tosco,
De rubicunda prazenteira face,
Que emtôrno* da lareira** co' as saloias
Canta ao som da viola, que reclama,
As simples trovas das pagans janeiras;
Que o cangirão empina, a sertan meche
Do saboroso lombo que rechia;
Sem pretender do ceo maior riqueza,
Que uma farta colheita e um manso cura!

F. Manuel, *os Fastos.*

* Os sectarios do *moderno idioma* escreveriam *ao redor.*

** Pedra, emcima da qual se accende lume no meio da casa.

MANHAN D'ESTIO.*

CAMPOS D'AMERICA E EUROPA. — O CAVALLO. — RECORDAÇÕES.

Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flor aos raios
Da rociante manhan, se abre ao contento!
Que rica profusão de aspectos, côres
Attrai meus olhos sofregos! presumo

* Os seguintes versos, extrahidos da epistola impressa em frente d'este poema, servem de apologia ao grande talento e apurado gôsto de seu illustre auctor:

> ... Dos montes da lyrica harmonia
> Descendo ás didascalicas florestas,
> Co' a formosa Lieutard, e amor com ella,
> Revendo e contemplando a natureza;
> Imitador de Saint-Lambert e Tompson,
> Co' a amenidade de um e o siso de outro,
> Em que pulchra dicção, acceita ás Graças
> Devolves philosophicos mysterios,
> Deleitoso *Passeio* historiando!....
>
> MONIZ.

Que tudo quanto eu ouço e quanto eu vejo
Me convida a gozar. Mais melindrosa
Era (confesso) a scena que inda ha pouco
Risonha alardeava a primavera :
Nas gramineas encostas já não vejo
Surgindo a medo a tímida violeta,
A rosa abotoar, florir o espinho ;
Vai decrescendo a purpura do verde,
Em que fulgia a tunica da terra ;
Mas do ouro a côr succede-lhe, e natura
Toma um ar mais augusto ; e assim me agrada.
De novas sensações confuso enxame
Ja tanta actividade em mim não sopra
E me leva ao prazer ! minhas ideias
Não se atropellam rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso universo. Um sol mais vivo,
Duplicando o calor com seu influxo,
Relaxa os nervos, musculos distende,
E ao repouso me inclina ; entra em meu peito
Mais tranquilla, mais placida, mais doce
Satisfação, que me engrandece e anima.
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao homem, me interessa o campo.

Se comtigo, Lieutard, eu decorresse
De Ceilão aromaticas florestas,
Ou da que, ao sceptro hispano, insula, arranca
O denodado Pen, vergeis frondosos

De auri-floreos manjins, cafes, olspices;*
Se respirasse a viração sadia
De um clima salutar no ameno Elysio
Que tanto engrandeces-te em versos de ouro,
Waller** encantadòr, quando fugindo
De uma patria manchada em regio sangue,
La te foste asylar, d'onde trazidas
Per mão do luxo á Europa estereis palmas
Vinham transpondo os ceos, transpondo os máres
Ornar a frente de anglicas beldades:
Oh! como acceso em estro eu descantára
Esses grupos de altissimas montanhas,
De alcantiladas rochas figurando
Que pendem, que despenham! densos bosques
Que sôbre ellas ondeiam, que estendendo
Tortas raizes atravez das fragas,
De lascados penedos, hi procuram
Humido nutrimento que as procellas
Depositaram la! suberbos rios
Que em cascatas fluctisonas*** tombando
Com medonho estampido, aos valles descem,
Onde correndo em morbidos remansos
Fazem brotar per fertiles**** planicies

* Especie de myrtho da Jamaica.

** Um dos mais delicados poetas da Inglaterra.

*** Epitheto com que o auctor enriqueceu o idioma: vem do latim *fluctisonus*.

**** Fazei-os campos *fertiles* viçosos.
QUEBEDO.

D'eterna primavera o esmalte e o viço!

Mas, campinas d'America, indios campos,
Não vos cede em belleza a patria minha! —
Aqui não surge a férvida canella,
Não floresce o cacau, nem corre o nectar
Dos verdes canaviaes: porêm que importa,
Se com pródiga mão Ceres reveste
Nossos campos de luridas espigas?...
Se o Numen d'alegria em Nisa honrado
Folga de coroar-se, e enflora e thyrso
Dos vicejantes pampanos que adornam
Nossos ricos outeiros? — Se Minerva
Sua árvore aqui planta? — Olfato e vista
Pomona nos lisonja * com seus fructos?
Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? — Vossas aves,
Sem galhardia mais que insulsas côres,
Co'o rouco pio vencerão das nossas
Dulcisono trinar e arpejos doces? —
Tu so, tu rouxinol que ao pôr do dia
N'um verde myrtho solitario exprimes
Tam extremoso amor, tu so bastavas
A animar nossos bosques! Como a ouvi-lo
Doce melancholia a alma me opprime!
Parece-me que as árvores se inclinam,

* Porque a Fama te exalte, e te *lisonje*.
CAMÕES.

Que se demoram trepidos ribeiros, *
E os zephyros brincões as azas fecham
Para se enternecer, carpir com elle!...
Com tammanha ternura a gentil noiva
Não chamou nunca o adolescente esposo,
Ou foi saúdosa mãe do filho á pyra
Dizer-lhe o último adeus, votar-lhe as tranças**

Se não vemos pular nos lysios campos
Rapido arminho, e no cambiante pêllo
No estio ouro emular, no hinverno a neve;
Se alli longi-vidente hirsuto lynce
Té o cimo das arvores não segue

* .... *Et obliquo laborat*
Lympha fugax trepidare rivo.
HORACIO, liv. II, od. 3.

** Entre os Gregos era do ritual funéreo, que o parente mais proximo, ou a pessoa mais interessada polo defuncto, cortasse o cabello e o queimasse com o cadaver. Homero, descrevendo os funeraes de Patroclo, diz, que Achiles depois de desculpar-se com o rei Sperchio.

Εν χερσὶ κομεν ἑτάροιο φίλοιο
Θῆκεν τοίς δε πᾶσσιν ὑφ ἵμερον ωρσε γόοιο.

Nas mãos do caro amigo impõe a trança,
E saúdade geral provoca ao pranto.
ILIADA, liv. XXIII, v. 152.

Tímida prêsa em que sacie a fome;
Se artifice castor do Tejo á beira,
Com pasmo do philosopho, não mostra
Ingenhoso primor d'architectura;
Por estes animaes, que apenas servem
De exornar de pelliça ao rico estulto,
Com seu leite mansissimas ovelhas
Nutrimento nos dão, co'a lan nos vestem.
O cornigero touro nos ajuda
A romper com o arado o seio á terra
Para extrahir os solidos thesouros,
Firme esteio dos povos! E quem póde
Olhar sem gôsto o intrepido ginete,
Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nítrido feroz que a guerra incita?
Languido tosa a relva... a tuba canta,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja que o dorso ja lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle
Se arroja aos batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos tambores, não se assusta
Vendó luzir mortiferas bayonnetas,
Folga escutando o síbilo das ballas,
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece.*

* Êsta descripção do cavallo, per sua originalidade e movimento, nada tem que invejar ás mais gabadas assim naturaes, como estrangeiras.

Se ufanía vos sopra a infausta posse
D'esses metaes funestos, que outro tempo
Tantas vezes em sangue vos tingiram,
Nascem a-farto aqui, nós os pisâmos;
De nossos montes no abrasado seio
Sali-sulphureas sem cessar s'elevam
Exhalações que operam, que dividem
Metalinas moleculas, e as fazem
Turbilhonar nas terreas cavidades:
Umas com outras no gyrar se engrossam,
Cedem ao pêso, e cahem, e se empastam,
Formam puros metaes, a prata, o ouro,
Plumbo, cinábrio, o hydrágiro que enfreia
Virulenta syphile! De igual modo
Nos figuraram ja tenues parcellas
D'esse ether subtilissimo expandido
Na vasta creação, que combinadas
Co'as substancias chylígenas nos corpos
O espirito, que os move, influem, geram!

Oh Lysia, oh cara patria, eden d'Europa,
Mãe fecunda de Pindaros, de Homeros,
Tuas lindas paizagens,* teus prospectos
De um Boucher ou de umTompson não poderam
Inda o genio accender. — Indifferentes
Teus cantores olharam ricas scenas,

* Quanto fólgo de olhar *paizagem* rica!
Bocage.

Em que emtôrno lhes ria a natureza,
Vertendo a inspiração. — Sem transportar-se
Vicissitude immensa contemplaram
De prespectivas, onde o forte, o brando,
Assombroso e aprasivel se alternavam
Em valles, em montanhas, vargens, praias,
Ora erguendo-se aos ceos agudos sêrros,
Estalados penedos, que parece
O cahos recobrar, restos medonhos
D'extinguidos vulcões. Alli negrejam
Entre o fundido ferro escorias, lavas,
Congestos de basaltico: arde o spatho,
Schistos, schorles, fractiveis pedras que ornam
Despojos dos tres reinos. Ora fulgem
Verde esmeralda e nitida saphyra,
Diaspro, amethysta, ágatha e pyrites,
Granada, onix, diamante. Além se elevam
Calcarias massas, marmore, alabastro,
Que tua mestra mão fará sem custo
Em numes transformar, solerte Gomes *.
Na flor da terra ao longe reverberam
Per entre a relva e as mádidas areias,
Do rei do dia ao trémulo reflexo,
Os diaphanos crystaes, brilhantes filhos
Da terra e mar, quando ella o sol falseia.

Eis perto e longe em quadro picturesco

* Alexandre Gomes, esculptor portuguez.

Arvoredos, casaes, collinas, fontes,
Flumens,* prados, plantios e remansos,
Onde imaginações sublimes, ternas
O espirito salteiam. — Ledos gados
Pascem as relvas morbidas, que encobrem
Magestosas ruínas de um castello,
Onde outrora suberbas tremolaram
As mauritanas luas!... La descobre
Rustico arado ossadas dos Romanos
Que ao ferro de Viriato** a vida deram.
Este rio me diz que em margens suas
Viu fugindo Pompeu!...*** N'essa campina
O fementido Galba **** sangue em chôrro
Fez correr á traição de um povo inerme!
Aqui entre trezentos mil alfanges *****

* Rios.

** Portuguez valorosissimo, o qual de pastor, e depois de bandoleiro, veio a levantar-se com toda a Lusitania, por cuja defensão deu assás em que entender aos Romanos, per espaço de 14 annos.

*** Elle foi vencido per Sertorio, general dos Lusitanos.

**** Este pretor sendo derrotado pelos Lusitanos, veio depois á testa de novo exército, e, á falsa fé, e contra a segurança promettida, matou muitos d'elles pelos annos de 3851, de que escapou Veriato.

***** A este número faz la Clede subir a hoste dos cinco reis Sarracenos, que D. Afonso Henriques debellou no campo de Ourique.

Do Mouro atroce impavidos ergueram
Lusitanos heroes seu rei primeiro.
Com que ternura Scálabys * não viste
Caro ás musas e a Marte o bravo Hermingues,**
Sôbre palmar que o sangue borrifava,
De Fatima render-se a um terno riso.
Inda murmura em margens do Mondego
Essa fonte que o nome tem de amores,
Onde folgando em braços do teu Pedro
Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,***
Sem temer o punhal que a inveja erguia.

Eximios vates que adornais a patria,
Tempo é ja de mostrar ao Elba, ao Thames,
Que tem bardos o Tejo, que descantem
Seus Elysios gentis em metro augusto.
Festões de flores entretece a glória
Para a frente cingir-lhe, e os chama ao campo!
Ouvidos não cerreis á voz da deusa.
Aqui onde ribeiros tortuosos
Verdoso esmalte morbidos retalham
D'ésta campina em modos mil, e á sombra

* Santarem.

** Gonçalo Hermingues, cavalleiro e trovador muito acceito na côrte d'el-rei D. Afonso I: em um recontro que teve com os Mouros aprisionou uma gentil Moura, com aqual se recebeu, depois de baptizada.

*** Verso de Camões.

D'estes pomares recendendo ao longe
Co'a alva flor de auri-verdes laranjeiras,
Vinde de Cramer * dedilhar o alaude.

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio*.

* Poeta alemão.

A SOLIDÃO.

ACHILES. — GALILEU. — MILTON. — TASSO. — YOUNG. — VIRGILIO. — DIDO. — PINTURA. — O MALVADO. — OS AMANTES. — AMERICA.

Amavel solidão, tres vezes salve!
Amavel solidão! tu es o extremo
Dos bens que Jehovah reparte ao mundo.
Por ti nossos prazeres se aviventam,
Por ti nossos prazeres se amortecem!
Amante desditoso que revolve
No coração océanos de penas
Foge a teu seio: á chaga tu lhe vertes
Salutifero anódino, e benigna
A dor lhe estancas, e a razão lhe volves!

La quando emtôrno aos muros de Neptuno*
Com guerra de dous lustros fatigavam
Da Grecia os filhos aos heroes da Phrygia,
Do altivo rei dos reis, do audaz Myceno
Vivamente offendido, e maldizendo

* Consulte-se a Iliada, liv. IX, ver. 186.

Porque os ceos a vingança lhe coarctavam
O filho de Peleu, da Grecia o raio,
Deixadas armas, glória, amigos, tudo,
Entregue so a ti, ao som da lyra
Na solitaria praia descantava
A enternecida amante que em soluços,
Per grosseiros heraldos arrastada,
Em vão de Achiles implorára o nome.

Artes, sciencias, dadivas do Eterno,
Que o mundo abrilhantais, ao seu abrigo
O mor lustre deveis : n'elle incansavel
O sublime Buffon co'a mente accesa,
Co'a vista curiosa penetrava
Da natureza o sanctuario occulto,
Onde em mystica névoa involta, esquiva
Olhos ignaros do profano vulgo,
E o liminar lhe vela assiduo estudo,
Cujo ardente phanal mostrava ao genio
Altas verdades, immortaes segredos,
Com que o mundo depois encheu de assombros.

No repouso da noite quando o somno
O resto dos mortaes em ocio ignavo
Prendia ao leito, o Newton da Toscana,*

* O celebre Galileu, punido por ensinar o systhema de Copérnico, hoje plenamente recebido de todos os sabios.

Victima da ignorancia e fanatismo,
Titão sem crime, ia escalar o Olympo,
Olhava o curso das fulgentes massas,
Milhões de mundos que no espaço nadam,
Chegando-se, fugindo-se continuos,
Reciprocos se prestam luz e sombra.
Via se era o cometa qual pensava
A rude antiguidade, annúncio torvo
Da ruina dos reis, quéda de imperios;
(Pois throno jamais cai sem que seu pêso
Esmague uma nação); ou vagabundo
Explorador do exército dos astros,
Que humilde á voz do general prestante
Descreve emtôrno ao sol ellipse immensa.

Vós, prazer dos mortaes, da vida incanto,
Filhas do ceo, oh Graças tres das artes,
Sábia poesia, musica, pintura,
Vós da morte rivaes, rivaes do tempo,
Que em metro, em canto, que em pincel divino
Os heroes arrancais á campa fria,
O pensar lhe volveis, voz, moto e vulto,
E ao seio os conduzis da eternidade;
Quanto não lhe deveis? Foi por ventura
No turbilhão e estrepito do mundo,
De brilhantes faustosas assembleas,
Ou recolhido em si, que o Anglo-Homero*

* Veja-se sôbre ésta passagem o Paraizo perdido de Milton.

Vingando-se do insulto da desgraça
Que aos olhos o universo lhe furtava
(Á maneira do heroe que ve mal pagas
De tyranno, que serve, altas proezas,
Vai offrecer-se a principe brioso
Que o ama e com usura o remunera)
A terra desdenhando, sôbre as azas
D'aquecida inspirada phantasia
Impavido adejava a ignotos mundos,
Ia ao throno curvar do Omnipotente,
Ouvir-lhe a voz, e examinando o empyreo,
Ao Barathro profundo se arrojava.
La o antitheo Satan bramando via
Do igneo lago surgir, qual sai zunindo
Das inflammadas fauces do Vezuvio
O lava destructor que involto em fumo
Vizinhas povoações destroi, derruba,
E ameaça ruína ao orbe inteiro;
Do monarcha infernal ouve o concílio,
Acompanha-o depois, ve como encara
A incestuosa filha, o filho infando;
Passa incerta a do cahos anarchia:
Ve-o atravez do vacuo ao sol subindo,
Uriel illudir, e no Eden sacro
A innocencia opprimir! Oh noite amiga
Socia da solidão, tu testifica
S'ella foi quem dictou o canto augusto
Ao Britanno cantor! Quem, senão ella,
A Tasso revelou os ais, os prantos,

Ternos suspiros da extremosa Erminia?
E extrahia do meio dos sepulcros
Esses nocturnos ponderosos cantos
Do vate do Futuro* que incantaram
A suberba Albion? Tu que de Roma
Foste a glória, e es o idolo do mundo,
Tu que brilhante estrella encaminhaste
Meu passo juvenil pela ardua senda
Do difficil Parnaso a tantos ínvio,
Oh! mestre, oh Phebo meu, Virgilio amavel,
Quem póde duvidar que a musa tua
Amára a solidão? Tu mesmo o dizes,
Quando, depois de expor em versos de ouro
Os segredos d'essa arte proveitosa
D'alimentar os homens,** que insensatos
Mal se lembram que existe, quando insanos
Na que os destroi se esmeram, suam, cançam.
Em quanto Cesar, vencedor no Euphrates,***
Fulmina victorioso, e leis promulga
A submissas nações, tauto engrandece
Da tranquilla Parthénope o repouso.

Desce a noite, supíta o somno o mundo;
No solitario leito a infausta Dido ****

* Young, poeta inglez
** As Georgicas.
*** Vejam-se as Georgicas, liv. IV.
**** Recorra-se á Eneada, liv. IV.

Unica vela : em mar de pensamentos
Sua ideia naufrága : amor, vingança,
Odio, furor no peito se lhe alternam,
E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.*
« É ésta a fe (exclama em pranto a triste)
D'esse heroe em piedade abalizado,
Que o velho pae salvou per entre as chammas
Da abrazada Dardanía ! que blasona
D'interessar os ceos em seu destino !
Se é tal um semideus, quem será monstro ?
Sacudido do mar co'a morte á vista
Ás praias do meu reino, o acolho meiga,
Franqueio-lhe meu paço... oh!... isto é nada...
Minha mão... e por premio me abandona!...
Cabe tanta maldade em peito humano?...
Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma,
Seu rosto taes perfidias não promette !...
Eu talvez m'enganei... suas palavras
Não percebi... talvez, Dido infelice,
Amor com vãos phantasmas te atormenta...
Sim, as naus que engolphadas ja presumo,
Talvez na fulva areia a quilha encravam... »

Nada socega a receiosa amante;
Corre inquieta a misera raínha :
Ja com tremulo pe ganha alto eirado

* Se lhe afigura, reprezenta, etc. : vem de latim *ante oculos*, e do portuguez *ante os olhos*.

Que dominava o mar, e immobil fica;
Á luz da incerta aurora vira a infausta
Do perjuro os baixeis, que a plenas velas
Entre as vagas azues de um mar dourado *
Sôbre as azas dos ventos se escondiam.
Um pouco torna em si, que não tornára,
Sentíra menos dor!...» Que! desaferram!...
Partíram! ai de mim!... Oh Jove oh! numes!...
Mas que Jove ou que numes! são chymeras,
Ou justos em punir minha loucura!...
Eu, eu propria devia o tenro filho
Co' éstas mãos lacerar:... c'os membros d'elle
Banquetear o pae!... Mesmo a seus olhos
Levar o fogo ás naus, matar-lhe os socios,
E enviá-lo depois ao negro inferno
Seus manes consolar... Mas... ah! que os monstros
Ja de todo a meus olhos s'esconderam!...
Zombam do meu furor; E fico inulta!...
Furias, surgi, brami, tufões e ventos,
Inchae-vos, escarceos!... vossos furores
Sôbre o ingrato apurae... vingae... vingae-me...
Jôgo das vagas largo tempo, acabe
Sôbre duro penedo. — Ésta alma... ésta alma...
Que um momento não tarda, chegue a tempo
De insultar seu destino... » — Mais dissera,
Mas fallece-lhe a voz e á dor succumbe.

Quadro divino, vezes mil fizeste

* Dous versos de Garção.

Meu pranto borbulhar! Talvez o vate
Á mesm'hora em que o Teucro fementido
A miseranda Elisa abandonava
Pensava em ti! talvez na muda noite
Vinha inspirá-lo o espirito da infausta,
Descubrir-lhe fiel quaes então foram
Sua dor, suas vozes, exultando
De eterna reviver em seus escriptos.

Raphael e Lully, Rameau,* Corrégio,**
E vós, patricios meus, Marcos, Henrique***
Que d'Elmano as feições roubas-te á morte,
Para que sempre os pósteros tivessem
Seu rosto em teu pincel, a alma em seus versos,
Seus discipulos sois: mas quem no mundo,
Amavel solidão, a ti não deve
Sua glória ou prazeres? Ai d'aquelle
Que em teu seio não folga de abrigar-se!
Virtuoso não é. Áspide occulto,
Que as entranhas sem dó lhe dilacera,
É o torvo remorso que lhe esperta
Não desmentida voz da consciencia...

Consciencia que és tu?... fiel relogio,

* Célebres musicos francezes.

** Rafael e Corregio, insignes pintores italianos.

*** Marcos Antonio Portugal. Henrique José da Silva, que tirou o retrato de Bocage moribundo.

Obra prima do artifice supremo,
Que ao homem la no fundo d'alma apontas
Delictos e virtudes ! de ti fuja
Quem lembrança do crime afflige, anceia.
Desgraçado, ó Lieutard, o que as mãos ímpias
Tyranno cruentou em sangue humano,
Se fugindo a si mesmo escapar pensa
Nos solitarios bosques embrenhado :
Companheiro fiel dos reos, ó mêdo
Vai em seu coração, e lhe povôa
De phantasmas sem conto a oppressa ideia.
Brando murmurio de agitadas ramas
É do trovão o estouro que annuncia
O raio vingador do Omnipotente.
Pequenino regato, que deriva
Per entre alvos seixinhos saltitante, *
Os brados com que o sangue despargido
Clama vingança aos ceos : e em toda a parte
Sombras, ventos, outeiros, que figura
Mil lémures ** de aspecto carrancudo;
Lhe quebram tanto os olhos, que endoudece.

Que differente quadro nos presentam
Dous puros corações de amor accesos,

*Como o adjectivo *saltitante*, imita bem o sonoro rugido do regato! Estes dous versos são admiraveis.

**Almas ou sombras dos maus que depois de mortos perseguem os vivos.

Que um para o outro, como nós, respiram,
E a meigas sensações so se abandonam!
Longe o negro pezar equuleo d'alma!
Emtórno d'elles ri-se a natureza,
O ceo chove seus dons, pula a alegria.

Quantas vezes á sombra d'estes myrthos
Reclinando no molle teu regaço
Minha cabeça, e sofrego fitando
Teus lindos olhos, unicos meus deuses,
Beijando a nivea mão com que me afagas,
De teus labios pendi immoto e quedo;
Em máres de prazer a alma engolphada,
Cri ver a terra rebentar-me em flores,*
Cantando festejar-me as avesinhas,
Os ventos murmurando de invejosos,
E luminoso genio em nuvem de ouro
Sôbre nós despargindo idalias rosas!
Então, mudando ser, o pensamento
Em ti fixava: em extasi pensando
Que o mundo fica alli, não vai mais longe.**
Momentos de prazer, parae... fugíram!....
Momentos de prazer, quanto sois leves,
A fugir e a volver quanto tardonhos.

* *E detto questo, subito abracciolla;*
Poi si colcar ne la minuta erbetta
La quale allegra gli floria d'intorno.
TASSINO.

** Que bellissimo quadro!

Parece que prégais á humanidade
Que á dor nasceu, á pena, ao pranto, á mágoa!
Da America tranquillos habitantes,
Quem melhor do que vós póde affirmá-lo?...
Vós que outrora o destino parecia
Á desdita furtar?... Em vão natura
Vos tinha acantonado em mundo ignoto!...
Immensuravel pelago debalde
Vos circum-defendia! que obsta ao homem,
Quando o inflamma a ambição, o accende a glória?...
Per esse mesmo pelago ja rompe
O Ibero destructor co' a morte ao leme;
Debalde empolla o mar, que s'embravece
Com a insólita audacia!... em vão tres vezes
O genio d'esse globo a mão levanta,
Porque em líquido tumulo sepulte
Dos corsarios da Europa o nome, os crimes:
Irrevogavel lei do fado o impede;
Elle o conhece, e as lagrymas lhe assomam.
« Ai, miseranda America! não posso,
Não te posso valer!... Eu vejo os ferros
Eu vejo a escravidão vejo os estragos
Que esses baixeis conduzem! a ventura
Foge d'este hemispherio, e amor com ella.
Ólho o sangue, ólho o fogo: ja fuzila
O tremendo Cortez, o audaz Pizarro,
O bronzi-tono Almagro, que dos Andes,*

* Este cordão de montanhas (as mais altas do globo) se distende per mais de mil e duzentas leguas a.

Collossos que dos ceos o pêso aturam, *
A cordilheira asperrima atravessa
Para ir fartar no Chili a sacra fome **
De sangue, e de ouro, que lhe abarca o peito!...
Vejo os trovões esphericos que prostram
Os pagodes do sol!... La sôbre as aras
Seus ministros por victimas expiram!...

Que povo immenso*** que remeda a noite
Na côr da face que o pezar lhe enruga,
A este Orbe devastado se transplanta!...
Aos centos, aos milhares os vomitam
Artilhados galeões! tumida a espalda
C'o retalhante açoute, e tarda a planta
Do estridulo grilhão, entranhas rompem
De rochedos e montes, por que escavem
Thesouros que enriqueçam seus tyrannos!
Ou nutridos de um pão, que o pranto abranda,
As preciosas árvores cultivam,
Que o luxo lhe fomentem com seus fructos.

Mas que espadana fúlgida rompendo

do isthmo de Panamá ao estreito de Magalhães, e divide o Peru do Chili, correndo de norte a sul.

* Verso de Bocage.

** ..... *Quid non mortalia pectora cogis*
Auri sacra fames.

VIRGILIO.

*** Os negros.

A nevoa espessa, em que se involve o tempo,
Prospectos abre que o desgôsto adoçam!
Regozija-te, America! a vingança
Chega dos ferros teus! por que alto preço
Teu dominio fatal acquire a Europa!
De pólo a pólo a guerra s'incendeia,
Cresce a exigencia, estragam-se os costumes,
Perece a fe dos thalamos, mil fórmas
De inauditas, de esqualidas doenças,
Toxicos vertem de tartareas taças!...
Corrupta a geração nas proprias fontes,
O acceso amante pallido receia
Ir a morte encontrar da amiga em braços!...»
Assim fallando o Genio, em densa nuvem,
Rosto e vulto involveu, no mar sumiu-se.*

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio*

* Se muitos dos que hoje, em nossa terra, blasonam de poetas, recheiassem as suas producções com quadros d'ésta especie, não estariamos tão infastiados de uma arte que tanto eleva e instrue o espirito.

OS CEIFEIROS; OS PASTORES.

N'essa vasta planicie agora attenta :
Que fertil luxo Ceres assoalha !
Ve em montes alli fulvas espigas
Derrubadas jazer ; e além cubertos
De contente suor, os segadores
Brandindo a curva fouce em terra prostram
Essas, que, inócuo * mar, ao vento ondeiam !
Não d'outra sorte a insaciavel morte
Corta, sem distincção, humanas vidas,
Jovenes lindos, enrugados velhos,
No throno os reis, nas choças os pastores,
E indistinctos os lança á sêpultura **.

* Pacifico.

** Imitação d'aquelles versos de Horacio :

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres....

Ode IV, liv. I.

Ou d'estes de Malherbe, fallando tambem da morte:

Le pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre,
Est sujet à ses lois,
Et la garde qui veille aux barrières du Louvre
N'en défend pas nos rois.

Perto, não delicada aldeana bella
Quer inda mais infeitiçar o amante,
Não usa enfeites vãos, nem falsas côres,
Ou brando mover d'olhos refalsados,
Como da côrte as túmidas, deidades;
Porêm, brandindo a fouce, co'elle aposta
Quem primeiro verá o termo ao sulco:
C'os olhos n'ella o rustico mancebo
N'alma se applaude de ficar vencido:
E porque assim desfructe o rosto amado,
Brada-lhe ás vezes, que recolha espigas
Que espalhadas deixou!... Volve a serrana,
E as espigas não vendo, a astucia intende,
E farpão novo n'um surrir lh'encrava.

Alêm, d'aquelle ulmeiro á basta sombra,
Níveo velho, Nestor d'estes contornos,
S'encosta ao filho, que a campestre avena
Une ao labio, e singelos sons desfere,
A que attenta a grosseira juventude
Lasciva* enlaça rápidas choréas.
Ora todos em chusma jovens, môças

* Camões usou de *lasciva* n'ésta mesma significação, quando disse:

> Assim como a bonina, que cortada
> Antes do tempo foi candida e bella,
> Sendo das mãos *lascivas* maltratada
> Da menina, que a trouxe na capella, etc.
>
> LUSIADAS, cant. III, est. 134.

Rapidos gyram deslizando a terra,
Ora extantes os mais, de grupo avança
Airoso par que em destros equilibrios
Exprime d'alma occultos sentimentos;
De novo em chusma rodeando-os pulam,
E de flóreas grinaldas os enlaçam:
Soam vivas e palmas, gôsto occulto
No coração do velho se insinúa,
E crê de novo remoçar c'os moços.
La dous membrudos rusticos athletas
Nos braços nus s'enredam, luctam, gemem,
Forcejam, vergam :... o suor em bagas
Lhe inunda as faces, lhe humedece as grenhas:
Curvam joelhos :... pela pelle avultam
Túmidas veias, musculos pulantes.
Ouves os gritos, os applausos ouves
Com que os accende a turba circunstante,
Que o brinco fadigoso escarnecendo,
Estendidos na relva a taça emborcam
Do patrio vinho, que melhor lhes sabe
Que o çumo d'essas vides que opulentam
Ferteis margens do Rheno, e em ricas mezas
Vem fervente espumar a pêso de ouro! *
Assim tranquillo o sabio mofa e zomba
Do insensato qu'estólido dá costas
Á ventura que o chama, e vai ao longe

* Esta pintura nos mostra, ou para melhor dizer, nos transporta ao lugar da scena.

Per máres, per sertões pisando abrolhos,
Arrebentar no trilho ao seu phantasma!
Attenta agora ca. Do myrtho á sombra
Ve dormindo na morbida verdura
Linda pastora que uma nympha imita:
Em quanto, seu rebanho, se penduram
De rócha em rócha trepadoras cabras.
D'após do myrtho eis surde manso e manso
Joven pastor, e o dedo unindo ao labio,
Risonho impõe silencio á companheira
Da adormecida amante, á fronte ajusta
Linda capella de jasmins e rosas!...
Ja de antemão gozando da surpreza
E curioso embaraço da formosa
Quando desperte e co'a grinalda encontre.

Oh divino pintor da natureza
Prestigioso Gesner,* meu doce enlêvo!
Oh! tu, cujas canções harmoniosas,
Como o sol bellas, gratas como as flores,
Puras como a tua alma, quando as lia
Ou de uma fonte ao trémulo murmurio,

* É tão notorio o merecimento de Gesner, especialmente dos que teem algum conhecimento da lingua aleman, que me dispensa de fallar d'elle com mais extensão. Seu imitador Schmit, e o nosso Quita, são os unicos, que pela doçura de seus versos, delicadeza e ar campestre de seus pensamentos, me parecem avizinhar-se a este grande modêlo.

Ou á sombra de um plátano, ou de um louro,
Dos olhos doces lagrymas saltaram,
E no sensivel coração me erguiam
Terna saúdade, ou co'a innocencia e mágoas
Dos nossos paes primevos, ou c'o quadro
Dos singelos costumes dos pastores.
Vate immortal! quanto mais ólho o campo,
Mais em mim de teu canto a estima augmenta!

Mãe do prazer, da liberdade filha,
Doce alegria, o campo é teu imperio!
N'elle dominas soberana amavel,
Nunca odiada e suspirada sempre.
Quando entre as nymphas tuas, tropa linda,
A candura, a innocencia, a paz, a incuria,
E a, por desdita nossa, hoje tam rara
Sancta amizade, vens folgar nos prados;
Debaixo de teus pés s'enflora a terra,
Vestem as selvas galhardia ufana,
E nas altas montanhas, fundas gruttas
Onde natura se mostrou medonha,
O proprio horror surri! doce alegria,
Qu'errados vão satellites do fausto,
Que no motim te buscam das cidades,
Onde o mesmo prazer enoja e cança!
N'esses brilhantes circulos de amigos,
Que um momento ligou, sólta um momento;
La onde o coração fallar não ousa,
E as vozes d'arte a atraiçoar s'esmeram!

Ou aos pés de bellezas petulantes
Que em prémio d'um surriso fementido,
De fracos corações latria exigem!
Ou pondo sôbre um dado os bens e a honra,
Ou nos da corrupção dourados templos,
Onde o crime s'ensina e apprende o crime,
Dictos theatros,* que infernal malicia,
Por que os mortaes perverta, eleva aos ares!

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio.*

* Os apologistas do theatro chamam-lhe — *grande eschola de moral* — Confesso que não posso perceber como um lugar (onde se ajunctam pessoas de todo sexo, condição e idade; onde jogam, commovendo o espectador, as paixões mais violentas e perigosas; onde desenfreiadamente se faz a satira de classes e nações, e de quando em quando soam alguns dictames da verdadeira moral, pronunciados per pessoas que os deshonram e contradizem) possa merecer esse nome.

O CREPUSCULO
DA TARDE.

VOLTA DO CAMPO. — O CEMITERIO D'ALDEIA. — A MORTE.

Mas do sol os flammivomos ethontes
Cubertos d'alva espuma, e fatigados
Do comprido gyrar, o passo abrandam;
E manso e manso pelo mar s'escondem.
Pelo acceso horisonte assoma ao longe
O mimoso crepusculo da tarde;
Roupas trajando azues bordadas de ouro,
Vem na esphera ostentar seu curto imperio:
Zephyros brandos, placidos favónios
Emtórno ao seu monarcha adejam, voam.

La deixa o valle balador rebanho
De mansas oves* que n'alvura excedem
Neves septentrionaes: d'aqui parece
Um longo mar que empóla, e que toldaram

* Do latim *ovis*, ovelha.

Os ventos a bramir de fofa espuma:
De bouinas ornada o seio e as tranças
A candida serrana as acompanha,
E rindo escuta do amador vaqueiro
Toscas finezas, naturaes requebros.

Tudo larga do campo, e tudo busca
De seu alvergue o asylo: ao nosso alvergue
Vamos tambem; Lieutard, teus mestres dedos
Extrahindo o matiz dos sons do cravo,
De Marcos e Hasse as arias portentosas
Co'a voz divina tornarás mais bellas:
Eu doudo de prazer de ouvir teu canto,
Sôbre teu hombro repousada a fronte,
Do mundo e de mim proprio heide esquecer-me.
Oh! quanto é doce um magico surriso
Ver adejar nas rosas de teus labios!...
Como ardo e me transporto se em mim fitas
Olhos, onde ternura Amor fuzila!...
Não te posso render grandezas, sceptros;
Mas tenho um coração em que dominas,
Pequeno imperio sim, mas sem rebeldes;
Branda cithara as musas me temperam,
Heide teu nome eternisar com ella.

Mas que novo espectaculo nos olhos
De subito nos dá!... Da aldeia o templo
Subindo aos ares co'as idosas tôrres:
O adro soturno que deroda cercam

Tumulos toscos, funeraes cyprestes,
Talvez plantados pela mão devota
Do fundador da igreja que hi repousa
Sem inscripção que um ai lhe lucre ás cinzas:
A branda viração que abãna os ramos,
Que o reflexo pathetico da lua
Deixa passar a custo, onde se acouta
O mocho infesto lúgubre piando,
Doce melancholia acordam n'alma!....*

Porêm teu braço tremulo e teu rosto,
Para a terra apontado, assás me inculca
Que a solidão e o sítio te apavoram!...
Oh! não temas, meu bem!... na sepultura
Não se aninha a maldade: nunca os mortos
Guerra aos vivos fizeram: paz constante
Tem alli seu imperio: alli não soam
Sussuros venenosos da calúmnia:
Nem se affia o punhal que beba sangue
Do atraiçoado amigo; antes aquelles
Que em ódio n'ésta vida deliravam,
La misturam seu po, se abraçam na urna.
A morte, que figuram tam medonha,
Tam fera, tam cruel, é branda amiga,
É redempção ao misero que soffre,
Ao varão justo oppresso ou mal punido,
É como o pôrto após a tempestade!...

* Versos cheios de poesia de imagem.

Um sereno Catão sem susto a invoca,
Livre em seus braços Cesares insulta.
A seu bafo Pacheco em pobre leito *
Despe a miseria, ingratos reis absolve.
Outrora, como a ti, negras ideias,
Que na infancia bebi, me figuravam
Na morte o maior mal, não me animava
Um epitaphio a ler; estremecia
Ao som pesado dos funéreos psalmos:
Mas alfim do Thamisa o serio vate **
Minha illusão desfez, co'elle na vida
Olhei males reaes, afiz-me ás trevas;
Pago-me de scismar*** entre os sepulcros.....
A muda solidão e o pavor sancto
Fundas meditações me assomam n'alma;
Ólho rasteira campa involta em musgo,
Digo comigo: — Aqui talvez repousa
Algum novo Camões!... outro Bocage!...
Um que levasse heroes a estranho mundo
Per máres nunca d'antes navegados, ****

* O valorosissimo Duarte Pacheco, tão célebre na historia da India, pela defeza de Cochim, e outras gentilezas marciaes, que chegam a parecer incriveis, morreu desgraçadamente n'um hospital.

** Young.

*** Voz pouco poetica: Francisco Manuel disse no Oberon, cant. II, pag. 47:

Hugo *scisma* Bagdad, e ver-se n'ella.

**** Verso de Camões.

Outro que estemporaneo aos ceos voasse
Sôbre versos de fogo !... abandonou-os
A sciencia, a fortuna !... em flor murcharam!...
Vou mais ávante ; os restos talvez pizo
De um Nuno sustedor de solio incerto !...
Mas talvez juncto d'elle em paz descança
Um Mafoma impostor !... talvez se unisse
Áquelle casco um monstro, que esperava
Para a terra ensopar em sangue humano
Que uma nação maniaca, de novo
Degollasse seu rei ! ambos a parca
Immaturos ceifou a bem do mundo !

Mais ao longe imagino que a verdade
Me aponta um mausoleo, me diz : « Humanos,
Aqui se acaba tudo ! ruem, morrem
Imperios, gerações e monumentos ! *
Foi sábia um tempo a capital do mundo,
Pobre aldeia sem nome é hoje Athenas ;
Escrava bruta de senhor mais bruto :

* *Giace l'alta Carthago : a pena i segni*
De l'alte sue ruine il lido ser la ;
Moionno le citta, moionno i regni
Cobri i fausti, e le pompe arena e erba!

Tasso, Jerus. lib. cap. xv. est. 20.

Veras el Tiempo con la diestra ayrada
No ay imperio mortal, que non consuma.

Lop. de Veg. Carp.

Onde Sophia reinou, onde a virtude
A inercia o barbarismo despotizam !...
Que é da torrente de mortaes selvagens
Barbaros como as feras de seus montes,
Que o romano colosso derrubaram ?
O nada os deu, ao nada outra vez foram.
D'Epheso o templo um louco * o poz em cinza !
E a morte estranha o homem !... não, querida,
Eu não a estranharei!... d'ha muito afeito
A contemplá-la estou!... sei que outro em breve
Hade vir meu logar tomar no mundo!...
Então debalde do amador sem vida
Igneos beijos darás nos labios frios!...
Chamas por elle.... e te responde ao longe
Lugubre sino que o convida á terra!...
Nunca mais o verás, a um teu suspiro,
Suspiros mil e mil lançar do peito!...
Adeus, jogos de amor!... adeus, prazeres !...
Ledos passeios, namorados versos!...
Tudo co'elle caminha á sepultura!...

J. M. da Costa e Silva, *o Passeio.*

* Este louco e perdido foi Herostrato, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, so por acquirir fama immortal no mundo.

AS AVES*.

Em que te occupas, diligente Lanio,
Quando ja de mil flores coroada
A estação dos amores se adianta?
Ja te vejo rasgar os leves ares,
E sentindo aquecer o rubro sangue,
Cédes tambem de amor ao vivo impulso.
Sim, es tu... não me engano... a natureza
No teu rosto character mui distincto
Estampou, com mão firme e vigorosa,
Fazendo-o menos curvo, e interrompendo
A constante subtil pulida margem
Com mui visivel falha; e vigorando-o
Com assassino duplicado dente.
Não te demores, aproveita os dias

* Eram tantos os rasgos de genio, tantas as bellezas poeticas, e tantas as difficuldades vencidas n'ésta obra, que eu julguei dever, sé não acabar, aomenos corrigir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, para honra do auctor, e da lingua portugueza.

STOCLER.

Em que ferve o prazer, e Venus bella
D'entre as vagas do mar, onde acolhida
No seio de Amphitrite repousava,
Ergue a frente cercada de deleites.
Olha comc respira docemente,
E nas azas dos zephyros levada,
Seu halito fecundo se insinúa
Nas entranhas da terra amortecida:
Como, depois do hinverno triste e languido,
Remoça o orbe vigoroso e ledo.
Ja nos campos, nas asperas florestas
Ao ninho esperançoso te convidam
As árvores, no verde altivo cume
Afiançando providente abrigo.

Não eram estes os cuidados ternos,
Que na amorosa errada phantasia
Imaginavas nescia, ó Nyctimene.*
Suberbo throno a perfida fortuna
Parecia guardar-te; eis derepente
Da noite sob o manto escuro e denso,
Envolta foges agoirando males,
E te esquivas á luz do sol brilhante.
Nas frouxas garras do lascivo incesto,
Perdeste a delicada antiga fórma;

* Donzella thessalonica, que tendo demasiadamente amado a seu pae, foi metamorphoseada em coruja.

A occulta mão, que o crime enfreia e pune,
De escuras pennas revestiu-te o corpo
Na cabeça disforme la te rasga
Os olhos que, por grandes, mais te afeiam;
Nem se erguem sôbre o curvo rosto as plumas,
Que airosas n'outras aves o rematam:
Frouxas e reclinadas a guarnecem,
Afrontando as obtusas corneas ventas,
E entre todas te fazem conhecida.

De Creta sôbre as praias lastimosas,
Aonde pela vez primeira o canto
Horrivel, que entoaste, foi ouvido,
Desgrenhando as madeixas de ouro fino,
Longos annos gemendo memoraram
Teus erros, e teu fado miserando,
As compassivas nymphas e as napeyas.
Mal podem consolar-te ufanas plumas,
Que recurvadas na cabeça imitam
Da tortuosa orelha o fino talhe:
Embora a teu querer obedientes
Ora se abaixem, ora se levantem:
Não cabe em vãos ornatos da desgraça
Mitigar o pungente acerbo golpe:
Que te vale ter sido consagrada
Á casta deusa que ao saber preside,*
Se te deslumbra os olhos vergonhosos

* Minerva.

A luz clara do dia, e torpe objecto
Exposta jazes á picante mofa
Dos passaros mais debeis e mesquinhos?

Tal é per toda parte o teu destino,
Quer nos campos da Ausonia negras azas
Agites, ou nos rijos pés despidos
De plumage te firmes; quer ostentes
Alvo corpo nas frígidas montanhas,
Onde o baixo Laponio contrafeito,
Miseravel sustenta errante vida.
Embora vingues dilatados máres,
E de Hudson * nas rochas procellosas
Assentes o teu ninho, ou la nas terras,
Onde o seu throno nebuloso o hinverno
Firmou sôbre montões de fria neve
E esteril gêlo; terras desditosas
Que um capitão brioso, hallucinado,
O ousado Magalhães ** ao mundo antigo
Patentes fez, tentando nova estrada,
Que per ignotos rumos conduzisse

* Estreito da America nas terras arcticas ao norte da terra de Labrador, descuberto per Hudson inglez em 1602.

** Fernão de Magalhães, cavalleiro portuguez, (que descontente d'el-rei D. Manuel, se tinha passado para o serviço do imperador Carlos V) descubriu o estreito, que d'elle tomou o nome na America-meridional, em o anno de 1519.

Os emulos da patria a disputar-lhe
O dominio e riquezas do Oriente:
Vingança torpe, de renome indigna!

Ja pela mão de Ceres conduzidos
Abandonavam as incultas brenhas
Os homens d'antes barbaros e rudes;
E qual de abelhas diligente enxame,
Com discreto trabalho melhoravam
Os fructos que bravios dava a terra,
E as ricas fontes da abundancia abriam.
Ja das artes emfim a que mais vale,
Aquella que fixou e que sustenta
O sociàl estado, começava
A libertar os homens da bruteza
Que nas asperas serras os detinha;
Quando das chammas do sulphureo Etna,
Em voragens involto de atro fumo,
Rompeu e viu o dia o deus do Averno.
Amor, que então nas aprazìveis praias
Da Sicilia aportára, mal o avista
Maligno se surrí, e com destreza
No arco embebe* envenenada setta,
Com que lhe vare o duro indocil peito.

* Afirma Francisco Manuel, que viu um manuscripto de um sermão de Vieira, onde para escolher a mesma phrase — *embebe a setta no arco* — havia 23 entre-linhas de 23 phrases, que antes d'ésta lhe descontentaram. O que não me admira, quando

Mal o tiro desfere, e ve turbado
O implacavel Plutão, que ancioso exhala
Um profundo suspiro; a mão erguendo,
Com o dedo lhe aponta astucioso
Proserpina de Ceres filha amada,
Que festiva traçava e graciosa
Mil innocentes jogos com as nymphas,
Suas ledas amaveis companheiras:
Vê-la, abraçá-la, e com despejo insano
Roubá-la, foram actos de um momento
Para o deus que domina o Estygio lago.
Mas ja soam os miseros lamentos,
Os suspiros, as lagrymas queixosas
Da magoada Ceres, que buscava,
Attonita e convulsa a cara filha.
Debalde pressurosa os desabridos
Climas percorre* aonde o frio norte

contemplo que a sua prosa é a mais correcta de todas as prosas portuguezas.

* Bemque este verbo não se ache no diccionario de Moraes, usou d'elle Leonel da Costa, na vida de Terencio, a paginas xxxv, vertida em portuguez pelo dito Leonel; a qual vida, em testa de quatro comedias do auctor latino, com o texto em frente, sahiu á luz em Lisboa, no anno de 1788.

Eis a passagem acima allegada:

« Sendo (Terencio) convidado que se sentasse a ella (meza) ceiou junctamente com elle; e, acabada a ceia, foi *percorrendo* pelas mais (comedias) não sem grande admiração de Cerio. »

No gêlo enrija as ponteagudas azas :
Debalde a esses passa aonde Cook*
Ousado quanto humano, com mão firme
Fixou do mundo a derradeira méta:
Debalde a sua amavel Proserpina
Chama, vertendo amargurado pranto :
Nenhuma voz responde a seus clamores :
Nenhum vestigio encontra, que avivente
Em sua alma a esperança amortecida.
De novo entre gemidos volta aos campos,
Onde Arethusa em fonte transformada,
Per desvios conduz as claras aguas,
Como se inda fugisse á petulancia,
Com que Alpheu abraçá-la pretendia.
Os olhos, onde as lagrymas pulavam,
Lançando acaso á limpida corrente,
Ve ainda boiando sôbre as ondas
O cinto virginal de Proserpina;
E como se a perdêra n'esse instante,
Volvendo ao ceo o rosto magoado,
Fere co'as tenras mãos o niveo peito,
E sólta aos ares insoffridos brados.
Ja quasi maldizia a terra ingrata,
Em que tanto pezar a sossobrava;
Quando Alpheu, d'entre as águas levantando
A limosa cabeça, lhe dizia :
« Modera, ó deusa, a tua dor; e sabe

* Viajante e escriptor inglez.

Que no Tartareo reino o sceptro empunha
Do teu materno amor o doce objecto :
Eu a vi, de Plutão entre os nervosos
Negros braços, entrar no seio escuro
Da terra que se abríra ; e conduzida
Ser per elle aos abysmos. So de Jove
A voz omnipotente póde agora
Arrancá-la do reino de Summano. »
Disse ; e a deusa subindo ao alto Empyreo,
A Jupiter expõe o infame roubo,
Com lagrymas de dor pungente e viva.
Condoído o pae terno lhe promette
Que a filha lhe será restituida,
Se com fructos do Averno, suavisado
Ainda não tiver a fome ou sêde.
Lei dura ! mas do fado irrevogavel
No livro dos destinos decretada.
Afouta Ceres desce ao lago Estygio :
Mas póde acaso afiançar prudente
Quem a fôrça conhece e o vivo impulso
Dos appetites no femíneo sexo,
Que de um formoso fructo os attractivos
Não hão de escurecer per um momento
De acerbas mágoas a impressão penosa ?
Proserpina gentil, semque a pungente
Materna saúdade lhe empecesse,
Ou de Plutão a barbara bruteza
De invencivel horror a penetrasse,
Tinha provado nos jardins que cercam

Do austero Dite o magestoso paço,
Succosos bagos de roman viçosa,
Que a rubra côr da vívida granada
Pelas fendas da casca aos olhos mostra.
Ascálapho somente a tinha visto
Saborear o delicado pomo;
Ascálapho que filho era de Orphene,
Entre as nymphas do Averno a mais formosa.

Tal da Ethiopia nas adustas côrtes,
Entre as esposas dos brutaes monarchas,
Por linda se avantaja a que reúne
Á negra côr do ébano lustroso
Olhos, aonde o fogo de amor brilha,
E dentes que na alvura sobrepujam
O polido marfim: assim de Ascálapho
No Averno a mãe gentil se avantajava
Ás outras nymphas de infernal belleza,
E Plutão juncto d'ella, muitas vezes,
Das fadigas do throno se esquecia.
Até ao vê-la o duro Rhadamanto
Se diz que os feros olhos ameigava:
Mas era van, travêssa, e sem disvelo
Tinha educado o filho, que imprudente
O segredo fatal revela, quando
Ja entre os meigos braços a mãe terna
Reconduzia a suspirada filha.
Indignou-se do Erebo a sob'rana,
E nas aguas do torvo Phlegethonte

Ensopando flexivel teuro hyssopo,
Lhe aspergiu a cabeça que disforme
E emplumada ficou: a um lado e outro
Seis recurvadas pennas se levantam,
Ás humanas orelhas parecidas;
Quiz fallar, e do rosto adunco rompem
Somente tristes agoureiros pios,
Que frequente com rouca voz repete:
Vai os braços mover, e sôbre os ares
O levantam pintadas longas azas
De pardo-escuro e ruivo colorido:
Em vez de pés, so dedos guarnecidos
Acha de agudas encurvadas unhas:
Desde então as nocturnas sombras ama;
E do Averno fugindo sôbre a terra
O vôo dirigiu; onde lhe chamam
Mocho, presago de funestos males.
Ora habita edificios carcomidos,
Ora cavernas de medonhas rochas,
Ou cavos troncos de árvores antigas:
Sempre nos montes vive, e priguiçoso,
O unico signal que testimunha
Sua antiga grandeza, é a vaidade
Com que em ninhos alheios deposita
Os proprios ovos, para ver sem custo
Prosperar a voraz infausta prole.

A. P. de Souza Caldas, *as Aves*.

O HOMEM.*

NO ESTADO INSOCIAL. — DE FAMILIA. — SOCIAL. — NASCIMENTO E PROGRESSO DAS ARTES E SCIENCIAS. — EGYPTO. — ROMA.

Da culpa é primogenita a ignorancia,
D'ella romperam carregadas sombras,
Que os claros horizontes enluctaram
Da razão que no berço em luz nascêra:
Qual dos corruptos pantanos s'eleva
Exhalação mephitica, que abafa
E que embacia o sol, toldando os ares.
O rei da creação, tu foste, ó homem;
Ficaste escravo em carcere profundo:
A doce habitação do Eden viçoso,
Ond'um instante so tiveste o solio,
Perdeste para sempre; errante e triste,
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando o suor e lagrymas á terra,
Que indocil a teu braço entre os abrolhos
Te dava apenas misero sustento,

*Relativamente ao poema, de que extrahi os seguintes pedaços, leiam-se as paginas LV e LVI d'ésta collecção.

Que disputaste ás feras rebelladas :
Fugiu-te qual relampago a ventura.
Qual ephemera flor que brota e murcha :
Assim vemos nascer na primavera
Resplandecente o sol, risonho o dia,
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz, e a paz aos ares;
Tal o destino do mortal primeiro;
Nascendo viu a luz serena e pura;
Raiar a viu... esvaecer-se logo.
Houve entre o berço e tumulo um so dia.
E tanto póde em nós seu êrro e crime,
Que temos por herança o mal e a morte :
Para nós foi destêrro o qu'era patria;
A um dia d'ouro seculos de ferro
Se viram succeder; fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra;
De mistura co'as brutas alimarias *,
O rei da creação nos bosques vive.

Estado insocial, embora acclame
Teus falsos bens, chymerica igualdade,
O sabio hypocondriaco eloquente
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas no profundo estudo,
Que os homens aborrece, e os homens busca,

* Deu-lhe dous elephantes, e uma *alimaria* que se chama Ganda.

ALBUQUERQUE, comment. tom. IV. pag. 98.

Que adora a solidão martyr da glória,
E Timão so quer ser sendo Aristippo.
Se elle comigo pela marge' immensa
Do Amazonas medonho os homens víra
Humanos na figura, em tracto feras,
Nus sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere e que os ferros,
E so menos cruel que o jugo injusto,
Que esses, que elle illustrou, cobardes soffrem*.
Pelos vastos sertões sem lares gyram,
Qual onça insocial, so pasto buscam,
Nos lacerados membros palpitantes
De seus mesmos iguaes (e, de assustada,
Doce mãe naturéza os olhos tapa)
A crua fome, e a gula ávida cevam.
N'elles é morta a luz do intendimento;
Contra a injúria do ar lhe ensina apenas,
Qual brada ás feras machinal instincto,
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes que matam.
Gente errante, infeliz, não sente apêgo
Á terra em que nasceu; repousa e dorme;
Onde a seus olhos lhe fenece o dia,
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.
Se o sol surgindo as palpebras lhe toca,
Frouxo, indolente o barbaro desperta.

* O tyrannico e usurpado governo de Bonaparte.

Ora um tigre veloz o despedaça,
Ora co'a hervada frecha vara um tigre;
Co'a mosqueada pelle os membros cobre,
Se o frio agudo os membros lhe retalha.
Sente o calor? indifferente a deixa;
Não se ouve um pranto, lagrymas não correm,
(Feudo que á morte a natureza paga)
Se no bocejo extremo a vida foge,
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha Hyena;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma boca os ultimos suspiros
Lhe toma, e lhe conserva: assim nos bosques
Viveu per muitos seculos o homem;
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos sertões da America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda,
Para o perfeito, progressão dos entes;
Tem limites no bruto o instincto, e nunca
Dos homens a razão pára n'um ponto! *

D'este barbaro estado a raça humana
Foi dando passos vagarosamente
A estado social: barbara usança
Em costumes mais doces se transforma;
Laço moral os homens presentiram;

* Ésta pintura do homem selvage é desenhada com summa propriedade e energia.

Co'as mutuas precisões a fôrça unida
Rebate as furias de aggressor injusto;
Este o primeiro original ensaio
De um pacto social, da lei primeira,
Clara expressão de universal vontade,
Que de todos ao bem sujeita todos,
Que de um nas mãos, ou, se lhe apraz, de muitos,
Depositára executiva fôrça.
Eis a fonte das leis, do imperiò a origem;
E nada mais teus calculos nos dizem
Em aureo estylo, mysantrópo illustre,
Pintor illuso do mortal que ignoras,
Pois ás brenhas da America não foste
Ver do contracto social a origem;
Foi so obra dos seculos. E quantos,
Quantos houve mister para que as luzes
Reconcentradas n'alma s'evadissem!
(N'alma as amortecêra a mão do crime,
Em grosseira ignorancia o homem tendo.)
Porém qual fogo ardente, ou chamma activa,
Que nos veios reconditos da pedra
Occulta jaz, mas subito scintilla
Do rijo ferro ao golpe repetido;
Tal da humana razão o ethereo lume
Permaneceu per seculos sem brilho;
Mas era emfim razão, bemcomo é fogo
O sol indaque involto em pardas nuvens;
Do tempo a immensa successão de todo
As sombras desterrou; e a natureza

Com grande esfôrço os ferros despedaça.
Passa ó homem do bosque á sociedade;
As precisões reciprocas soccorro
Pediram aos mortaes; e occulta fôrça
Irresistivel sympathia os laços
Da ventura commum com leis aperta :
E ja, não rude habitador das brenhas,
Nem surdo á voz da natureza, o homem
Sente do imperio paternal o jugo
Incognito atélli, pois se dos peitos,
E braços maternaes se desprendia,
Findava a dependencia, ãmor findava,
Ia ao longe buscar pasto e guarida.

Foi da excelsa razão primeiro ensaio
A affeição paternal, e a lei primeira;
E na mesma caverna o esposo, a esposa,
(Dulcissima união!) co'os tenros filhos
Da humana sociedade a ideia mostram.
Do imperio ou reino o archétypo foi este.

A indústria natural se desenvolve;
De sêccas folhas, de quebrados troncos
A primeira choupana ao ar se eleva;
Das brandas aves o mimoso ninho;
Das feras o covil foi seu modêlo;
Contemplando o castor industrioso
Dos largos rios nas virentes margens
Formando habitação, ergue a morada,

E aperfeiçoa mais commodo alvergue;
Das ferteis plantas espontaneos fructos,
Olhando ao perto a próvida formiga,*
Para a quadra opportuna ajuncta e guarda.

Salve, primeiro braço, que intentaste
Rasgar o seio da fecunda terra!
Obedeceu-te a natureza, e veste,
A teu aceno formosura estranha.
A tam nobre suor agradecida,
Do maternal regaço entorna em ondas
Seus fructos e seus dons, que os votos enchem
Do ja não fero agricultor primeiro.
Salve, feliz mortal, tu so de estatuas,
Tu foste digno so de nome e fama:
Chame-te Osiris ** fabuloso Egypto,
Ou Triptolémo a Grecia aduladora; ***
Fosses quem fosses tu, digno es por certo
Do respeito dos seculos, mais qu'esses,
Que fizeram gemer, curvar co'o pêso
De imperios vastos a mesquinha terra!

Per degraus mais e mais a indústria cresce:
A sebe fecha os campos, defendidos
So das feras então, depois dos homens;

* Veja-se a primeira fabula de J. La Fontaine.
** Filho de Jupiter e de Niobe.
*** Filho de Celéo, rei de Eleusis e de Metanire.

Quando avareza vil, cubiça insana
Quiz dar jus á rapina, e jus á fôrça,
Fundando o imperio da razão nas armas.
Das várias estações ja sente a volta
Cultivador sagaz, reflecte e segue
O passo igual da natureza activa.
Brotam das plantas fructos espontaneos,
A indústria os amacia, os multiplica;
Crescem as precisões, e a luz recresce
Frouxa, debil téalli, de humano ingenho.
A doce agricultura, o brando armento*
Foi da indústria mortal primeiro emprêgo;
Assim nos falla oraculo divino!
Hobbes ** profundo, e triste embora diga
Involto em sombras, que o primeiro estado,
Ou primitiva condição dos homens,
Fôra so dura guerra e roubo e morte.
Onde tudo é commum, communs os fructos:
Era ignota a vaidade, ignoto o luxo.
Dava a terra o sustento, e hirsutas pelles
De extinctos animaes davam vestido.
Os raios accenden da injusta guerra
O deslumbrado idólatra da glória;

* Gado grosso e vacum. Usou d'este termo Sa de Menezes, na sua Malaca:

> Qual pelo prado vagaroso *armento*,
> Segue o suberbo touro não domado.

** Auctor philosopho inglez.

Quanto distante da innocente vida
De ingenuo agricultor! Pesou no mundo
Desmedido podêr de Assyrio imperio!
Então louca ambição, cubiça infausta,
A torpissima fronte aos ceos alçaram;
A espada então foi lei, direito a fórça.
Hobbes profundo, triste, erraste, erraste.
De Genebra o philosopho * comtigo
O fio despedaça, e áquem se fixa
Do ponto onde começa, onde eu diviso
A progressão moral do ingenho humano.

Eis véem da sociedade as artes uteis;
O acaso de um volcão no extincto seio,
Em cuja boca seculos cahissem,
Para apagar de todo o activo incendio
Foi descubrir metaes! Funesto encontro!
De um raio, ou de um volcão roubando o fogo,
Sôbre alizada pedra o ferro estendem.
Ah! miseros mortaes! Não foi por certo
A cortadora lamina fulgente,
O rígido pavez, e a brava chuça,**
Primeira producção da indústria vossa;
Foi pesado alvião, foi lizo arado;
Este do ferro primitivo emprêgo.

* J. J. Rousseau.

** Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças *bravas*.

CAMÕES.

O seio se rompeu da meiga terra,
Em pouco se cubriu de louras messes;
E no empinado outeiro ao sol opposto,
Os vicejantes pampanos s'enlaçam.

Éstas da idade d'ouro as artes foram.
Nunca os humanos outras estudassem!
Nem passaria o Grânico Alexandre,
Nem fôra Augusto fulminar no Euphrates.
Inda existíra Arbella, e erguêra Tyro
Das azuladas ondas a cabeça.
Nos campos de Pharsalia, abrindo os sulcos,
Nunca topára o lavrador co'os ossos *
Do orgulhoso Romano que disputa,
N'uma batalha so, do mundo o throno.
Nem fôras Magalhães, n'um fragil pinho
Buscar n'um mar ignoto a glória, a morte.
Inda existiras, Mexicano imperio!
Souberas, Indostão, que havia o Tejo,
Sem d'elle ver o ferro, e heroes da guerra.
A natureza em primitivo estado
De seus fructos, seus dons, e seus thesouros,
Pompa frugal fazia, então singelo

* *Scilicet et tempus veniet, cùm finibus illis*
Agricola, incurvo terram molitus aratro,
Exesa inveniet scabrá rubigine pila,
Aut gravibus rastris galeas pulsabit inanes,
Grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.
VIRGILIO, Georg. liv. 1.

Era o sabor que as iguarias tinham.
Não manchava o mortal profana dextra
Dos animaes pacificos no sangue:
Á vida so bastava o fructo, a planta.
Não foi por certo do nascente mundo
Outro o ingenuo sustento, e so com elle
Se volvia mais pura a longa idade;
Nem conhecia a pallida doença:
Vinha a morte, qual vem tranquillo somno,
E cortava sem dor da vida o fio,
Antes que o duro cataclysmo ou golpe
Do braço vingador cubrisse a terra
De um sem limites turbido Oceano,
Que as ondas arrojou sôbre escarpadas
Altas cimas de inhospitas montanhas;
Desatados em chuva os turvos ares
Ao mar, sem freio ja, dobraram furias:
Miseranda catastrophe do globo,
Que inda os vestigios lastimosos guarda!
São pregões do diluvio essas, que esconde
Marinhas producções no seio a terra;
Não successão das epochas e estados,
Porque em milhões de seculos passára,
Como dizes, Buffon * este arrancado
Á gran' massa do sol planeta nosso.
Antes do horrendo universal castigo,
Os ingenuos mortaes contentes viam

* Eximio naturalista francez.

Correr a longa idade alheia aos males
Que ora tanto o periodo lhe encurtam;
E vagarosamente as Parcas duras
Iam fiando seculos Titonios,
Ou dias d'ouro do nascente mundo.
Agora saciada a cega fome
Co'a carne e sangue de animaes extinctos,
Mais prompto o fado vem, e asinha* a morte.

Ligeira se mudou do mundo a scena,
Qual dava e quer a ingenua natureza;
A mão do luxo abate a choça humilde,
Que, ou respeita, ou ignora o raio aceeso,
E vai tirar dos montes empinados
Com sacrilego insulto as duras pedras:
Foi suberba, e não foi sonora lyra,
Quem fez chegar os marmores a Thebas,**
Não tem tal fôrça a fôrça da harmonia;
Foi so louca ambição, foi so vaidade,

* Este erudito auctor esparge per todos os seus poemas, com larga mão, novos, antiquados, compostos e latinos termos, sem lhe importar o que dirão os praguentos. Oh nunca a mão lhe doa! E continue sempre a desprezar censuras de leigos na materia.
FRANCISCO MANUEL.

** Diz a fabula que Amphion edificou os muros d'essa cidade com o suave som de sua lyra. As pedras sensiveis a ésta melodia, per si mesmas se accomodavam em seus lugares.

Quem nas campinas do suberbo Euphrates
Quiz ir roçar os ceos com tôrre immensa,*
E os raios accender na eterna dextra.
Então lisonja aos despotas sombrios
Da terra profanada eleva aos ares
As immortaes pyramides, que affrontam,
E até cansam dos seculos a roda**;
Pelas margens do Nilo, onde transpondo
O leito natural o Egypto innunda,
Vejo de espaço a espaço estes insultos
Feitos do tempo á mão, da morte á fouce.
Tirou so morte o movimento ao corpo,
Inda a fórma alli está, e existem mumias;
Inda, a favor do barbaro sepulcro,
A cinza quasi organisada observo.
Quanto dista a pyramide da choça!
O ingenho humano estende os horisontes:
Tudo no estado social se apura!
Sôbre as azas dos seculos as artes,
Como um rio caudal, na terra espraiam;
O Genio as leva ao término perfeito;
Os Phenicios primeiro se atreveram
A pôr á vista as vozes debuxadas,***

* A torre de Babel.

** *Sa masse indestructible a fatigué le temps.*
DELILLE.

*** *C'est d'elle*[1] *que nous vient cet art ingénieux*

[1] Phénicie.

E com signaes pasmosos a deixaram
Sempiternas nos olhos e memoria:
Certo, se haviam ja rudes choupanas
Transformado em dourados alizares: *
Da terra oriental déspotas muitos
Tinham sôbre oppressão fundado imperios,
Que o tempo devorou, deixando o nome
Nas permanentes paginas da história,
E a lembrança nos restos espalhados
D'essas vastas metropoles, que a areia
Cobre e descobre no confuso Nilo.
Sacro analysta do nascente mundo
Na sciencia symbolica, e nas lettras
Illustrado era ja, quando Erithreas
Ondas rasgou mysteriosa vara;**
Ja então sôbre os marmores estavam
Esculpidos os symbolos das artes.
Escriptura enigmatica mostrava

De peindre la parole et de parler aux yeux;
Et par les traits divers des figures tracées,
Donner de la couleur et du corps aux pensées.
BREBEUF.

Ou, como disse o grande Corneille:
C'est d'elle que nous vient le fameux art d'écrire,
Cet art ingénieux de parler sans rien dire,
Et par les traits divers que notre main conduit,
Attacher au papier la parole qui fuit.

* Guarnições de madeira nas portas e janellas.
** A vara de Moysés.

Da terra o vasto gyro, e as leis dos astros,
Proficuos utensís de agricultura,
Do tempo a successão, dos equinoxios
O constante periodo marcado.
E se na terra a medicina existe,
A serpe alli e os simplices estavam.
Da difficil sciencia, que os extensos
Tumultuosos máres avassalla,
E enlaça agora os hemispherios ambos,
Alli primeiro o archétypo s'admira.

Tanto estender o círculo das luzes
No estado social o genio pôde!
Foi correndo da rustica choupana
Per gradações sem número ás suberbas
Muralhas de Babel, de Tyro ao fasto,
E gigantescos porticos que aos olhos
De incredulo Volney* triste e confuso
Mostram na areia os restos de Palmyra,
Do Arabico pastor guarida apenas,
Que á sombra ingrata de lascadas pedras
Leva o tímido armento, e pastoreia
Na relva escassa o soffredor camello.

Mas o luxo dos reis, a glória, a fama
A que anhela o podêr, dos reis a pompa
Aos miseros mortaes lançou cadeias,

* Escriptor francez, que publicou uma obra intitulada: *As Ruinas.*

E fez servir á vaidade o genio.
D'estes ferros servís rebentam luzes;
Da Egypcia escravidão nasceram tantos
Monumentos das artes e sciencias
Que a Grecia depois viu, e agora Roma,
Se a terra onde s'ergueu de novo escava.

Oh portentoso Egypto! em ti contemplo
Em ti diviso e estudo a especie humana,
E me sei conhecer na origem minha,
No primitivo e social estado!
Primeiro agricultor, depois ouvindo
A interna voz da sábia natureza
Que une homens iguaes, qu'imperio outorga
Á lei que é voz de universal vontade,
Que á virtude dá prémio, ao crime a pena,
Que o privado intêresse ao bem de todos
Manda sacrificar. Em ti das artes
Ao templo excelso as bases se lançaram,
Em ti foram subindo, em ti de todo
No maior lustre os seculos as viram.
O Persa adorador do sol ou fogo,
Em ti religião buscou por certo.
De ti com armas de Sesostris * foram
Té do adusto Oriente á plaga extrema,
Onde o Chim se recata as artes todas.

* Este grande homem, per conquistas, subiu ao throno do Egypto, e obteve o primeiro lugar entre os legisladores té então conhecidos.

Das leis, dos cultos teus vejo os vestigios
Pelo vasto Indostão, pasmoso Egypto!
Do indagador á vista a natureza
Em ti mostrou primeiro o seio immenso
Da sciencia, que os ceos contempla e mede,
E segue o gyro dos fulgentes astros;
O astronomo Chaldeu de ti porcerto
As regras, o compasso, a luz obteve;
E onde suberba Babylonia aos ares
A frente alevantou, na estiva noite
Começou de volver ao ceo seus olhos.
Da vasta Thebas a muralha ingente
Deu a ideia a Semíramis dos muros,
Dos suspensos jardins qu'inda hoje a fama
Entre as do mundo maravilhas conta.
Do seio da opulencia e glória tua
Vasta imaginação desprega os vôos,
Em tuas obras immortaes a próva
Vejo do humano espirito sublime
Que o taciturno atheu rebate e chama
Um mais perfeito instincto, e mais activo
Que esse, que mostram brutos uniformes.
Meu ser é mais, é mais; lampeja um lume
Reflexo do immortal sôbre o meu rosto.
Tanta nos versos meus philosophia,
Tanta imaginação nos sons cadentes,*

* Aqui olvidou o auctor aquelles notaveis versos de Horacio na Arte poetica.

. . . . *An omnes*
Visuros peccata putem mea? tutus, et intrà

Não são de inerte mechanismo effeitos.
Meu estro me conduz á egypcia Thebas;
N'uma cidade um reino! abre cem portas
E aguerridos exercitos vomitam; *
Do séio á terra os porphydos se arrancam,
E o braço do mortal os affeiçôa
Em pedestaes, que solidos sustentam
Esfinges, bustos, respirantes bronzes.**
Aqui pasmado, attonito contemplo
Os restos, os signaes do immenso lago
Onde egypcio podêr depositadas
As aguas tinha do fecundo Nilo,
Que a falta íam supprir da natureza,
Se de montes incognitos a neve
Descoalhando-se ao sol não dava ao rio
Os que inda tem prodigiosos éstos.***
Este espantoso circulo parece

Spem veniæ cautus. Vitavi denique culpam;
Non laudem merui.

* Lançam, arrojam de si:

Postoque o paço altivo das suberbas
Portas não *vomitou* das casas todas
A grande multidão dos que saúdam
Logo pela manhan.

LEONEL DA COSTA, pag. 140.

** *Excudent alii spirantia mollius æra:*
Credo equidem, vivos ducent de marmore vultus.

VIRGILIO.

La toile est animée, et le marbre respire.

VOLTAIRE.

*** Enchentes.

Ser obra so de artifice divino,
Não de indústria mortal e humano esfôrço.
A ferrea mão dos seculos vorazes
Não pôde inda (qu'injúria!) a massa enorme
Desfazer das pyramides suberbas!
Jaz Thebas em ruína, em cinza Memphis,
Jaz sôbre culto Egypto agreste Egypto;
E do sabio antiquario a mão teimosa
Das incultas areias desenterra
Cem columnas de porphyro lascadas,
Restos de antigos porticos: um d'elles
Vale, ó Roma immortal, tudo o que a furia
Do Godo assolador em ti deixára,
E se acabou co'os Wandalos do Sena; *
Montão de estragos, templos sôbre templos
De teus monstros, teus reis, vaidade e luxo.
Voluveis grãos de tórridas areias
De Amasis, Meris e Sesostris cobrem
Aureos palacios, e suberbas torres;
E as immortaes pyramides disputam
Ao mundo a duração, ** phanaes eternos
Entre a sombra dos seculos plantados,
Per cuja cima o tempo apenas roça,
Voando de contínuo as ferreas azas.

Tiveram perfeição no Egypto as artes,

*Os Francezes.

** Ésta mesma ideia acha-se reproduzida duas vezes.

Declinaram por fim, por fim morreram;
Que a sorte em tudo dos mortaes é ésta!
So contra a lei da morte é quasi eterna
Da sapiencia a luz. As bases firmes
Da geometria ao templo se lançaram
No portentoso Egypto. A geometria
Abre da vasta natureza as portas,
E leva a seus alcaçares o sabio.
Com ella ao sol ardente eu meço o globo,
Com ella so podeste achar dos astros
As sempiternas leis, profundo Kepler; *
E com ella o philosopho se lança
Na immensa ellipse excentrica do triste,
Inda incognito a nós, cometa errante.
Se eu geómetra sou, não é por certo
Isto que pensa em mim, materia inerte;
Sem ti no templo da philosophia
Não queria Platão que temerario
Entrasse o ente pensador! Tu mostras
As leis que observa em movimento o corpo
Ao martyr Galileu: Buffon comtigo
As epochas marcou da natureza,
E nas mãos os pinceis tu lhe ensopaste
Com que animou prodigiosos quadros.
Descartes so comtigo o gyro aos astros
Dentro dos leves torbilhões signala:
No cahos da catóptrica tu foste

* Astronomo alemão.

Quem o trilho da luz lhe marca e mostra.
Sem ti Newton que fôra? E quem Lalande*
Quando da terra levantado espia
Globos a mais a mais no espaço immersos?
Ao lado vais de Condamine; e sôbre**
O levantado Chímboraço lança
Aos pólos e equador profundas vistas,
E d'este nosso domicilio, a terra,
Mostra atélli a incognita figura.
Tu do arduo Apenino entre os cabeços
Meditabundo Bóscovick *** conduzes;
Comtigo tira a portentosa linha
Que marca, e determina, e mostra aocerto
As annuaes variações da terra
Em seu moto veloz do sol emtôrno.

Comam embora os seculos vorazes
Os meditados calculos, as linhas
Do extatico Apolonio: **** aureo compasso
Abriste a Viviâni; ***** oh maravilha!
Risca, mede, calcúla, inventa e acha
Quanto ao grego geómetra faltava;
Quando acaso feliz nos desenterra

* Astronomo francez.

** Um dos mathematicos francezes que foram ao círculo polar, e á grande cordilheira na America-meridional, determinar a figura da terra.

*** Mathematico raguzano.

**** Geómetra egypcio.

***** Mathematico florentino.

D'entre barbaro po volume antigo
Os assombrados seculos admiram
Da Oenotria terra no profundo sabio
Quanto o grego philosopho escrevêra!
Tu somente ao Geógono demostras
Quanto sôbre o nivel de extensos máres
Se levantem ignívomos cabeços
Que da atmosphera nos limites guardam
A labareda na espantosa cima,
E na fragosa espádua a neve eterna,
Quaes Bridone foi ver no Etna abrazado*.
Comtigo ao lado seu piloto insomne
Per entre as sombras da fechada noite,
E n'um mar de escarceos cuberto e cheio
A ver um mundo antípoda seguro
Leva o fragil baixel e observa os astros.
Até comtigo em pelago profundo
De sombras metaphysicas se lança
O lusitano hebreu; e errando é grande!
Tu d'alma racional pura substância,
Tu da nobreza de meu ser és próva!

Da sapiencia os luminosos raios,
Quaes os raios do sol no ustorio espelho,
Com maior fôrça reverberam n'alma;
O mortal se descobre, e se contempla
Ao clarão d'ésta luz; dentro em seu peito

* Verso duro.

Da voz do omnipotente escuta os echos,
Que tu, revelação, que tu fizeste
Depois mais claro ouvir; voz que lhe intima
A lei que uma so vez dictara o Eterno;
Constante lei da natureza é ésta,
E nunca opposta á voz da sapiencia:
D'ambas teem sido unisonos os brados.
Ella as paixões indomitas enfreia,
Entre o bem e entre o mal limites marca,
Do honesto e justo as raias assignala.
Ella a espada firmou nas mãos de Themis,
E lhe equilibra imparcial balança.
Digna sciencia so do estudo humano,
Que liga a terra aos ceos, e os ceos á terra,
Que á ambição delirante á vil cobiça
Açaima a furia, os impetus reprime.

Quanto póde atinar mesquinho humano
Co'as sendas da verdade e da virtude
Antes que a luz do ceo baixando ao homem
As densas trevas d'alma lhe espancasse,
O Egypto possuiu; foi este o berço
Da sapiencia que na Argiva terra
Ao fastigio chegou, como inda admiro
Dos sabios seus nos immortaes volumes.
Grande no Egypto foi, maior na Grecia
Se descobre o mortal; e aqui mais nobre
Eu contemplo o meu ser. Novo Anacharsis
Co'o pensamento rapido passeio

Do divino Platão nas aureas salas,
E de Epicuro nos jardins viçosos,
Á sombra vou do portico da Estóa;
Ja de Académo* nos vergeis me embrenho,
De mim se apossa vivo enthusiasmo,
Foge a sombra dos seculos, e paro!
Eis banhado de luz na Grecia vejo
O vasto mar da humana sapiencia!
Da etherea, da immortal substancia d'alma
São próva as producções da Grecia docta;
Não é dado ao mortal subir mais alto;
Tudo além d'este ponto é cego abysmo:
Intransgredivel méta ao ser pensante
O Eterno assignalou. Cook atrevido
Assim do clima austral rompendo o seio
Parou, retrocedeu co'o lenho ovante,**
Quando de eterno gêlo e sombra eterna
Barreira insuperavel se lhe antolha.

No pelago ideal do *bello* engolpha
O extatico Platão, sua alma, e chega
Dos entes todos á fecunda origem;
N'ella conhece um Deus, quanto sem sombras
Dos mundos no espectaculo se mostra.
Parte do veo que involve a natureza,

* Philosopho atheniense.

** Triumphante: é propriamente o latino *ovans* participio presente do verbo *ovo*, transportado per Camões para o idioma. É mui significativo e sonoro.

Aosolhos de Aristoteles se rasga,
E mais além do perystilo pôde
Do grande templo entrar: nem dado a elle,
Nem dado a ti, geómetra britanno,
Foi descubrir o sanctuario augusto.
Aomenos foi o genio de Estagyra
Achar um fio ao cego labyrintho
Do humano intendimento. Ó Locke, é este
O phanal que te guia, é teu modêlo!
Aos ceos se lança e conta os meteóros;
O quadro se debuxa, e a causa ignora,
Como vós todos a ignorais ainda,
Philosophos do Sena, Arno e Tamiza.
Nas trevas metaphysicas descobre
A pouca luz que a análysé nos mostra,
A ás luzes philosophicas ajuncta
Energico pincel que exprime ao vivo
Quanto Buffon nas paginas divinas
Ao mundo depois deu, e á eternidade.
Leis aos vates dictou (se ha leis ao estro
Que o homem leva além da esphera do homem)*
Pelas veredas da razão dirige
O dom maior que a natureza outorga
Do humano affecto a despota eloquencia.

* Que bellos commentarios não fariam a estes dous versos alguns grammaticões, e perluxos philologos! mas eu tenho, que para o estro poetico e o gôsto, são nullas todas as leis.

Expurga o coração, fórma os costumes;
Quanto diz a Nichómaco é grandeza,
São timbres, são brazões da especie humana.
Inda agora ser árbitro da eschola
De Peripáto o genio merecêra,
Se não embaciasse arabe fumo
A grega e durá luz do texto intacto;
Qual desejaste, ó gran' Policiano, *
A sinuosa logica dictando
Á assombrada Florença, á Italia, ao mundo!
A moral co'a politica enlaçaste,
Immortal Phocião, aos reis dizendo
Que so tem bases na justiça o throno.

O moto vário dos rotantes globos
Encontra Philolau:** e elle o primeiro
Que o sol, astro central, declara immobil.
Nas luminosas trémulas saphyras
Que recamam da noite o veo sombrio,
Descobre ardentes sóes, descobre centros
De mil ignotos planetarios mundos.

Em quanto vai nas solidões do espaço
Té no infinito se perder, Cleanthes ***
Dá mais uteis lições, virtude inspira;
(Respeito o varão justo, admiro o sabio)

* Sabio toscano.
** Philosophico pythagorico.
*** Philosopho grego.

Doctos fórma Platão, Socrates probos,
E julga um crime a preferencia dada
Á fragil vida sôbre o pejo e honra;
Da virtude foi victima, e colloca
Nos mores bens da natureza a morte.
Da fonte da sciencia as artes brotam;
So conhecemos pelo nome Athenas;
Existe em seu logar mesquinha aldeia,
Que o feroz Ottomano ignora e piza:
Beija apenas com lagrymas Delille
Involtas d'hera e po lascadas pedras
Do templo de Minerva inuteis restos.
Mas vives, vivirás, Meonio vate;*
Sábia Athenas é po, Corintho é nada,
Eterno vai teu canto, e nos teus versos
Vais disputando a duração c'o mundo.
Quanto seja o mortal inda hoje mostras;
Teus quadros, teus pinceis respeita o tempo.
Entre o medonho estrepito das armas
Ao Macedonio heroe prendeste os olhos.
A teu sublime ingenho a natureza
Sem veos se mostra e desabrocha o seio;
Tiveste bustos, inscripções e templos,
Cidades sette o berço te disputam;
Por que és seu filho, a Grecia ind'hoje é grande;
Dou-te maior brazão, verteu-te um Pope! **

* Homero.

** Alexandre Pope traduziu da lingua ingleza a

As azas pelo espaço ind'hoje vejo
Que altisonante Pyndaro* sacode;
Não longe d'elle vão transpondo os tempos
De Mitylene os ínclytos alumnos:
Alceu que os hymnos immortaes entoa,
A desditosa Sapho **, amor das musas,
De um desgraçado amor victima infausta.
Com fluctuantes roupas magestosas,
Com torvo aspecto, na sanguinea dextra
Com buído punhal, sombria e triste
Levanta a voz d'Eurípides *** a musa;
Pinta o fado dos reis, da sorte os golpes:
E das paixões tumultuante imperio.
Festival Aristophanes **** debuxa
Os vicios e os baldões de indocil vulgo,
Té dos sabios o orgulho e as vans ideias:
Treme a seu riso amargo ind'hoje o vício.
Luzes, trovões, relampagos brilhantes
Da boca facundissima desfecha
Assustador Demosthenes ***** e salva
Do precipicio a patria vacillante.

Iliada em verso; toda a Inglaterra subscreveu para a impressão, e obteve mais de cento e vinte mil cruzados.

* Poeta lyrico grego.
** Poetiza grega.
*** Tragico grego.
**** Poeta comico atheniense.
***** Orador atheniense.

De médo enfiam despotas tyrannos;
Rebate de Philippe a espada, as furias:
So d'estes louros a eloquencia póde
Cingir, ornar victoriosa frente.
Se em collossal architectura excede
O fabuloso Egypto á Grecia docta;
Ésta o vence no gôsto e na belleza.
De Corintho os cinzeis respiram vida,
Animam bronzes que o guerreiro indocto
A cinzas reduziu; (não foste ó Mummio *
Filho do Tibre aqui!) Zeuxis, Apelles **
Rivaes da natureza, aos olhos fallam
Na portentosa poesia muda.

Tanto a esphera mortal s'estende e illustra
Entre o grego saber!... Como em pulidos
Crystaes que uniu Buffon do sol a chamma
Reverbéra mais forte activa e clara,
Da avassallada Grecia assim ressurte
No vasto imperio da potente Roma
Luz, que espalhou revérberos mais vivos.
Nas duras artes da sanguinea guerra
Roma a Grecia excedeu; e excede a Grecia
Nas artes divinaes que a paz fomenta.
Voaram pelo globo altivas aguias;
A Lusitania as ve, o Hydaspe as teme,

* Consul romano, que trouxe a Roma muitas estatuas, e outras preciosidades gregas.

** Famosos pintores gregos.

Chegam do Elba á foz, do Nilo á fonte.
Onde Roma fulmina o estrago, a guerra,
Dá sciencias cо' a luz e imperio chega.
Qual dos guerreiros seus na excelsa fronte
Co'as triumphantes mãos não prende e ennastra
Os verdes louros de Minerva e Marte?
Quando a espada depõe, sustenta a penna
O immortal Scipião *; se lança os ferros
Ao vencido Perseu **, d'entre os despojos
So Paulo Emilio*** quer das doctas artes,
Da sciencia os depositos, aquelles
Volumes que Platão sagrára aos evos.
Quem ha que opponha a Tullio**** á Grecia, o mundo?
Tullio o maior brazão da especie humana!
Tu mesmo, ó vão Lucrecio*****, e tu, Vanini,******
E tu que igualas o mortal á planta,
Que instincto no mortal so ves dos brutos,
Ó La-Metrie******* phrenetico, contempla,
Ve se a materia combinada póde
As grandes obras produzir d'um Tullio!
Reúne de Demosthenes o genio
Ao genio de Platão e Estagirita,

* Consul romano.
** Rei de Macedonia.
*** General romano.
**** Orador romano.
***** Poeta latino.
****** Atheu italiano.
******* Medico philosopho francez.

Se é profundo Epicuro*, inda mais entra
Da natureza no sacrario immenso:
Se de consul a púrpura arrastrando,
Magestoso na voz, no gesto augusto,
Nas mãos de Themis encadeia os raios,
E os infiados reos salva da morte;
So dobra o coração do invicto Cesar,
Se á patria dá Marcello, ao mundo o justo
Mais que Aristides**, virtuoso honesto;
Se ao feroz Catilina*** o crime afeia,
O imperio firma e liberdade a Roma:
Nem Górgias**** nem Pericles***** contemplaram
Tanto dos labios seus pendente o mundo!
Mas inda mais em Túsculo o respeito.
E s'entre os labios de Theophrasto****** tinham
Deposto o favo as atticas abelhas
Com brando eloquio******* amenizando austeras
Veredas da razão; se luz profunda
De Xenophonte******** nos escriptos brilha;
Ambos excede Tullio, e excede a todos
Quando entre heroes e consules disputa;

* Philosopho grego.
** General Atheniense.
*** Celebre romano.
**** Orador siciliano.
***** Illustre atheniense.
****** Philosopho grego.
******* Eloquencia; do latim *eloquium*.
******** Escriptor grego.

E sóbe onde inda alêm não póde agora,
Sôbre as azas dos seculos levada,
Remontar-se , subir philosophia !

Na progressão do que é perfeito nunca
O ser humano se suspende e pára.
Eu vejo após um Cicero, de Nero*
O generoso mestre, o sabio, o forte:
De Zeno, de Xenócrates ** austero
Alumno, e vencedor no ingenho e vida
Mais sublime que Socrates *** na morte:
Recebe o vaso da cicuta, e cala
Profundo Phocião ; Seneca **** entorna
O quente sangue das rasgadas veias;
Tem ja no rosto a morte, inda disputa,
E entrando nos umbraes da eternidade
Demonstra que é ventura o golpe extremo.
Tullio me assombra, sim, mas tu me ensinas,
Ó dos estudos meus sublime emprêgo :
Tudc o que sou te devo ! E se a fortuna
Avara para mim, risonho encaro,
Se muito abaixo da voluvel roda
Existo por estado, e muito acima
Por coração magnanimo me elevo,

* Imperador romano.
** Philosopho grego.
*** Philosopho atheniense.
**** Philosopho romano.

Se os bens, se os males seus desprézo e pizo,
Se as solidões da Libya e o Tejo ameno
São para mim morada indifferente;
Se com semblante igual me víra o mundo
Ou n'um profundo carcere, ou n'um throno,
Se os mesmos ceos descubro em toda a parte,
Se em toda a parte pizo a mesma terra,
Se descubro no escravo e no monarcha
Um individuo so da especie humana;
A teus escriptos immortaes o devo:
Á mente luz me dão, valor ao peito.

J. A. de Macedo, *Meditação.*

A CREAÇÃO.

Quam longe estou da terra! Eis se esvaece
Engolphada no ar... Enthusiasmo,
Pára, detem-te aqui... admira um pouco
Ceo que outro ceo circunda, e todos cheios
De immensa luz, revérbero brilhante,
Que outros sóes fulgentissimos derramam.
Inda me alongo mais; rapido vôo
Mais que a fuga do rapido cometa,
Me leva pelos ceos onde não chega,
Nem fugindo per seculos, um raio
Do fulgurante sol. Do espaço eu toco
A extremidade incognita aos humanos,
Onde a luz desfallece, onde se perde
De orgulhosos philosophos o estudo.
A congerie dos ceos, dos sóes, do todo,
Um ponto se me antolha e brilha apenas;
Qual aeronauta ve d'além das nuvens
Assomar no horisonte a argentea lua
Toda involta no eclipse, em veo sombrio.
O que espaço não é, nem é materia
Além do immenso circulo dos mundos,
É throno, onde se assenta eterna causa.
Eis o Deus que a Moysés inspira, ensina,

Auctor da natureza, auctor de tudo;
Aos degraus de seu throno a fe se eleva,
Vai da razão seguida humilde e muda;
Philosophia é so docil escrava
Da luz que revelada illustra os homens.
Sôbre um throno immortal preside, existe
O que existe per si: seu nome soa;
Ergue-se Newton, curva-se a seu nome.
Sem Deus em quem repouse o homem se perde.
A creação mysterio impenetravel
Ficará para sempre á mente humana.
São confusas hypotheses, problemas
Tudo o que Roma disse, e ouvíra Athenas.
Sôbre as ruínas das sciencias todas
Alça a voz um propheta, e explica tudo:
(Oraculo immortal minh'alma abastas!)
« Creou Deus no princípio os ceos e a terra. »
Mortaes, eis a verdade: o mais... deliriò.
Não rompe o intendimento a sombra escura
Do nada onde o senhor continha os entes;
Da confusa razão fragil compasso
Não póde medir tanto. Amaina as velas
O vogante baixel da intelligencia
Quando, ao chegar dos terminos prescriptos,
Co'este immenso Oceano entesta, e pára.
Um Deus assim fallou; de um Deus que falla
Em prodigios sem fim descubro as próvas.
Se repugna á razão matería eterna,
Um Deus lhe deu princípio, um Deus a chama

Do nada; e repentino o nada é tudo.
Na perenne fluxão da eternidade
Deus um ponto marcou; e existe o mundo.
E, se do immenso espaço a essencia ignoro,
Deus o espaço formou; ja n'elle os astros
Á voz do eterno Auctor scintillam promptos;
O moto lhes prescreve; a lei lhe escutam,
E nas prescriptas orbitas se movem,
Té que á voz do immortal suspenda o tempo
As, que teve até agora, immensas azas.
Chama as constellações; no espaço brilham,
No logar que lhes deu inda hoje existem.
Arde aqui Berenice, alèm nas frias
Plagas do norte as Ursas* não banhadas
Nas inquietas ondas do Oceano,
Phanaes que estão mostrando o pólo aos olhos
Do navegante intrepido nas ondas.
Na parte opposta a fúlgida coroa
Pelo antarctico ceo fulgura accesa.
Manda surgir zodiaco brilhante;
Eis subito apparece e traz no seio
Globos, astros de luz, e á voz suprema
Pelo espaço s'estende, o espaço cinge
No portentoso círculo que fórma;
Doze porções iguaes marcam seus signos,

* Vimos as *Ursas*, apezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.
CAMÕES, Lus. cant. V. est. 15.

Per onde os olhos crêem que o sol brilhante
Absolva a regular supposta marcha.
Ao longe os claros ceos, ao longe o espaço
Mil thesouros de luz guardam no seio;
Porêm a terra opaca inerte e fria,
Do sol, astro central, inda não sente
O fogo animador, clarão suave
Que fórma o dia, o mundo afformoseia.
Eis chega o quarto instante; o sol scintilla;
Traz n'uma nuvem d'ouro a frente involta;
A nuvem se rasgou, mostra-se o mundo.
No firmamento subito se espalha
Nova luz, nova pompa; ao longe os globos
Formam emtôrno d'elle o gŷro eterno,
Que incessante produz a opposta fôrça.
O sol os chama a' si, do sol se apartam,
E assim descrevem regulares curvas.
Aos desertos do espaço a ellipse estende
Este, e gyrando vai frouxo e tranquillo;
Outro quasi involvido, e quasi immerso
No gran' disco do sol se mostra aos olhos.
Entre elles corre a terra escura e triste,
As leis universaes dos globos segue
Que obedecem ao sol, qual centro e foco:
No vário moto seu fórma as diversas
Fecundas estações; constante volta,
Que é brado da existencia, é próva eterna,
Que um saber immortal preside ao mundo.
Do seu amor, da providencia sua

Foi o globo da terra objecto e termo.
Em grandeza ou volume a vence Urano;
É menor que Saturno e inda que Jove,
Que de claros satéllites se escoltam;
É maior o clarão do indocil Marte,
Do pensativo astronomo tormento.
So parece menor Mercurio e Venus;
Mas assim mesmo escura os ceos a invejam.
Deus a manda surgir, e é massa inerte,
É d'aspecto uniforme e muda e fria;
Mas á voz do Immortal se esparge a vida;
O seio se lhe rasga, o mar fluctúa;
Da plana superficie os montes sobem;
Alguns co'a fronte altiva as nuvens rasgam:
D'outros borbulham crystallinas fontes,
Que, pouco a pouco em rios engrossadas,
Vão fugindo da terra aos turvos máres.
No revolto Oceano, ond' hoje as ondas
Furiosas mugindo aos ceos se lançam,
Quaes montanhas d'espuma ond' hoje os ventos
Como implacaveis déspotas pelejam.
A paz então reinou; zephyros meigos,
Pelos ares subtis equilibrados,
Da liquida campina a face encrespam.
Conduz seu doce assôpro as salsas ondas,
Tocam brandas na praia, e brandas fogem.*

* Note-se como a poesia n'estes versos dá corpo e vida a tudo!

Do rei universal dos seres todos
É nua a habitação, nenhuma pompa
Nenhum manto suberbo a enroupa e veste:
Ella mesma o produz; o Eterno o manda.
A fôrça vegetal se desinvolve
De um verde perennal se arreia* e cobre:
De fresca relva os campos se tapizam;
E subito rompendo as brandas flores
Ao ar elevam calyces mimosos,
D'onde incantados halitos derramam.
Ondeiam sem cultura as louras messes,
De plantas collossaes se cobre o monte,
Alça entr'ellas a coma o cedro altivo,
Cruzam-se, enlaçam-se os virentes ramos,
Formam tufado bosque e a sombra entornam,
Asylo ao pensador, asylo ao vate.
Menos suberbas árvores se cobrem
Entre flores gentis de opímos fructos,
Que prestes colherão seres mais nobres.
Eis a terra fecunda, eis os thesouros

* Atavia, adorna, enfeita, etc. Algumas pessoas, pouco versadas em nossos classicos, tacharam este verso de indecente em poema serio. Bem serios são os Lusiadas, e todavia Camões escreveu:

> Escandinavia ilha que se *arreia*
> Das victorias que Italia não lhe nega.

E Sa de Menezes na Malaca:

> ..... Flores, com que a Aurora a fronte *arreia*.

Que no immudavel germe inda persistem.
Surge maior prodigio ; os ceos risonhos
Divisam nova scena, objectos novos.
Eis de seres organicos se cobre
A fecundada terra ; eis nova vida
Nos espontaneos movimentos mostram :
A fórma é vária, o número infinito.
A formosura, o talhe, o gesto... assombram!
O soberbo quadrupede campeia,
E bate a terra, e corre impetuoso.
O ignorado reptil seu corpo arrasta
Em complicados tortuosos gyros.
Brandas aves no ar se agitam lédas,
E se equilibram nas voluveis azas;
Do nativo elemento o imperio deixam,
E a mais extenso flúido s'entregam.
Segue-lhe o vôo ao longe o insecto alado,
Bemcomo flor que os zephyros despregam;
Insano atrevimento! Eis cai prostrado,
De nada vale a côr que as azas vestem!
O mar profundo e vasto os peixes cortam;
Numerosos exercitos de seres
Das ondas cidadãos, na especie vários.

Entre os entes organicos, que tomam
Logar que a lei na creação lhes dera,
Inda aos ceos não dirige a fronte augusta
Humana creatura ; inda debalde
Pelo terreno alvergue os ceos fitavam.

Avidas vistas que o monarcha buscam.
Eis subito apparece, e sôbre o globo
Movendo magestosamente os passos,
Seu pôder annuncia, e sceptro empunha:
Na frente ingenua e livre um raio assoma
Da substancia immortal; resurte viva
Dos olhos seus celeste intelligencia:
Pelos labios de purpura desliza
Doce brando surriso: os entes todos
No mortal pensador seu rei conhecem;
Traslado é do Senhor e imagem sua;
Feliz se o não levasse atroz suberba
A querer ser rival! Nunca descêra
Do solio á escravidão, do sceptro aos ferros!
Ethereo sôpro a máchina dirige,
Assôpro animador simples e activo:
Produzido uma vez eterno existe;
Pensa, prevê, recorda-se, reflecte;
N'um ponto sobe aos ceos desce n'um ponto:
Cogitação perenne essencia é sua:
Imperceptivel laço ao corpo o prende;
Na mesquinha prisão rasteja o Eterno,
Té que sôlto uma vez rètorne aos astros.
Tal foi do braço do Motor eterno *
Extrema producção, e último esmêro.

* A palavra *eterno* está tres vezes repetida n'ésta pagina.

Na grande maravilha um Deus conheço,
O quadro do universo o mostra aos olhos;
Verdade revelada as sombras vence
Que o circonscripto intendimento ennoitam.
Tudo reclama um Deus, tudo o publíca,
E desde o berço ao tumulo do dia,
A terra, o mar, os ceos, bradam que existe.
Deu leis á natureza, e as leis subsistem.
Materia, espaço, movimento e tempo
Pende do aceno seu. Co'a voz somente
Tirou do nada a máchina do mundo;
Invisivel, presente, abrange o todo:
É sua duração a eternidade.
D'este círculo immenso o centro é tudo,
E os limites s'escondem no infinito.
Produz a seu sabor a tempestade,
Do mar amotinado enfreia a sanha;
E seus decretos immudaveis guíam
Do raio estragador rodeio e golpe.
De seu imperio á voz, morrem, renascem
O dia, a noite, as estações, os annos.
So elle esmalta nos viçosos prados
A tenra flor, encurva e doura as messes.
Elle no rico outomno aos doces fructos
Perfeita madurez, sabor reparte.
Desde o vasto elephante ao verme humilde,
D'aguia volante ao paludoso insecto,
Tudo consegue movimento e vida,

Ou tudo se confunde, acaba e perde:
Se elle um aceno faz, se a fronte inclina,
Se o sobrôlho carrega, os montes fumam,
Inflammam-se os volcões, vacilla a terra.
E se a face serena ao mundo amostra,
A pintura dos ceos se aviva e brilha.

J. A. DE MACEDO, *Meditação.*

O CASAL DO LAVRADOR.*

Quando os homens errantes, como as feras,
Dos fructos do carvalho se nutriam;
Quando, de um arco e settas sempre armados
Viviam de seguir pelas montanhas
As indomitas feras, ou co'as redes
As aves em ciladas apanhavam,
As gruttas, as cavernas contra as chuvas,
Contra os ventos crueis e contra as neves
Eram o seu abrigo; sem cuidado
Sôbre o futuro, á nutrição de um dia
Votavam d'esse dia o so trabalho.

Errantes na extensão dos frescos prados,
Mais pacificos sob as leves tendas,
Os primeiros pastores se abrigaram,

* Relativamente ao poema, de que extractei estes lugares, eis o que o Snr. C. X. escreveu nos Annaes das sciencias, das artes, e das lettras, impressos em París:

« Este poema nos parece recommendavel pela facilidade da composição, correcção e movimento do estylo, exacção das ideias, clareza dos preceitos, viveza e verdade das descripções, e ligação natural dos episodios com a materia. »

Sem ter fixa a morada, o tempo, os pastos;
O int'resse dos rebanhos tam somente
Os movia a acampar e a retirar-se.

O cultor, obrigado a viver sempre
Juncto ao solo* que arára, a defender-se
Do rigor da estação, e a pôr seguras
Das injúrias do ar provisões ganhas
Com fadiga e suor, foi o primeiro
Que levantou asylo permanente.
Fixando em terra despojados troncos,
Enlaçando-os com mais flexiveis ramos,
Uma cabana ergueu, aonde o colmo
Cobriu filhos e esposa: ás mesmas rêzes
Um abrigo erigiu; mas bemdepressa
A chuva, o vento, o tempo inexoravel
A fraca habitação lançou per terra.

Desde então os humanos trabalharam
Em cimentar com massas pegajosas
As duras pedras, em formar paredes
E mais firmes asylos**.....

* Do latim *solum*, o chão, a terra:
Fica n'este meio a cidade Dofar, *solo* d'onde
ha o melhor e mais incenso de toda ésta
Arabia. BARROS, dec. I. liv. 9. cap. I.

** Ésta palavra ja se acha onze versos acima: além de *abrigo*, *habitação*, *morada*, inda o auctor podia servir-se de *acolheita*, *guarida*, *retiro*, etc.

De risonha collina em branda encosta,
De Nayades saudaveis refrescada,
Vizinha a um solo* grato aos pomareiros
E grato aos hortelões, onde Pomona
E Vertumno floreçam com vantajem,
Ditoso te contempla se podéres
Da tua habitação lançar as bases;
Longe da vizinhança das lagoas,
Focos de corrupção, que o ar viciam:
Longe dos valles humidos e frios,
Onde um ar nebuloso pouco a pouco
Da vida diminue o lume escasso,
E o saudavel vigor aos membros tira:
Logares onde os tristes habitantes
Sôbre o pallido rosto impresso trazem
De um clima ingrato o desastroso cunho:
Onde os fracos mortaes languidos sempre
Não lhes é dado emtôrno á frugal meza
Ver assentar-se a prole numerosa,
Honra das cans, e da velhice amparo.
Foje tambem de um sítio aonde as fontes,
De lympha escassas, no calor do estio
Recusam aos rebanhos a bebida,
E ás hortas e pomares a frescura.

Exposições se encontram desabridas,
Que se devem fugir**, d'onde luctando

* Outra vez *solo?*...
** Repetição escusada.

Em viva guerra os indomados ventos,
Parecem desterrar a prole humana.
Alli as tempestades furiosas,
C'os troncos mais robustos investindo,
Os derribam per terra; alli no hinverno
Aquilão regelado, que assobia,
Fere, opprime o cultor, offende as rêzes,
E á morte certa o seu rebanho entrega.

Uma vez escolhido o logar proprio,
Com methodo começa os teus trabalhos.
De um pequeno cultor o pobre asylo
Não iguala dos ricos a morada.
Aquelle que pequenos campos ara,
Menor curral precisa e menor tecto,
Menos tendo a cubrir; porêm a ordem,
Boa disposição, util limpeza,
A singela elegancia, necessarias
São tanto á humilde choça dos pastores,
Como á morada do colono rico.
Cadaum proporciona na grandeza
Os edificios seus aos seus trabalhos,
Bemcomo ás producções das terras suas,
E um plano regular dirige o todo.

Vę com que ordem a abelha industriosa
De branda cera as cellas organisa,
Com que ordem juncto ás limpidas correntes
O castor seus asylos edifica,

Com que cuidado as aves amorosas
Entre os ramos das árvores copadas,
E no seio da terra as providentes
Formigas o sustento depositam
Em ordenadas covas resguardado. *

Quanto fólgo** de ver*** os louros trigos,
Producto da cultura cuidadosa,
Em um limpo celleiro recolhidos;
Pelo ar conservada ao grão de Ceres
Seccura e fresquidão, com que elle folga;
Bem construídos branqueados muros,
Ao rato roubador impenetraveis,
Onde fendas não ha em que se abriguem
Os malignos insectos roedores;
De finas redes de tecido arame
As pequenas janellas guarnecidas,

* Bella applicação!

** Este verbo acha-se quatro versos abaixo.

*** Tambem o verbo *ver* está tres vezes n'éstas paginas. Porque motivo repete o auctor tam amiude os mesmos termos? (como póde notar quem ler todo o poema) é a caso por falta de synonymos correspondentes ás vozes de que usa? mas facil é substituir ao dicto verbo, os seguintes: *considerar*, *contemplar*, *divisar*, *enxergar*, *examinar*, *reparar*, etc. Que próva isto pois, senão a celeridade com que escreveu e imprimiu? E é este o estylo a que o Snr. C. X. chama *correcto?* Ah *nonumque prematur in annum*, quando serás seguido!....

Com caixilho int'rior de rala têa.
Que vedar possa á borboleta a entrada.
Se alli per varios tubos, té o meio
Do grão amontoado, o ar circúla,
Em perfeição guardados largos annos
Os trigos podem ser, sem que os ataquem
Funestos males que lhes poupa a indústria,
A indústria, mãe fecunda das riquezas.
Quantas vezes colheitas abundantes
De trigos e cevadas, que aos cultores
Dera um terreno grato e generoso,
Quantas, tenros legumes preciosos,
Producto de fadigas e trabalhos,
São a prêsa do rato malfazejo,
Chegam a corromper-se, ou devorados
N'um momento se vêem per mil insectos:
Do incauto colono penas justas!
Oh quanto irrita o ceo, fatal descuido
Que entrega á corrupção, que perder deixa
Bens ao sustento humano destinados!
Oh quantas vidas da miseria ás garras,
Poderiam roubar somente as perdas,
Que a van priguiça causa aos lavradores!

Do teu suor o prémio, o dom dos numes
Não exponhas portanto a anniquilar-se:
Mas, segundo os teus meios, ergue ao lado
Do tecto, aonde habitas, um celleiro
Em que segura tenhas a abundancia.

Dos palheiros alli tambem levanta
O reparado abrigo, aonde aquelle
Que attentamente cuida de seus gados,
Provisão guardará de palha e fenos,
Sustento necessario, e mais que todos,
Ao boi, como ao cavallo proveitoso.

Qual abelha raínha emtôrno á cella
Espaçosa e real, manda se formem
Per toda a parte os bem dispostos favos,
E d'alli rege o povo industrioso
Nos diversos empregos e trabalhos:
Em quanto parte, volitando* ao longe,
Extrahe o succo das cheirosas flores,
Parte prepara o mel e a cera branda:
Umas da nova prole attentas cuidam,
Ou mortos corpos do cortiço lançam,
E o resto, contra os zangãos conspirado,
Da colonia extermina um fardo inutil:
Tal, digo, o lavrador dos seus cercado,
Providente os trabalhos distribue,
Banindo o ocio da indústria imigo.
Além faz conduzir o mato ás covas,
E ás rêzes estender um novo leito;
Aqui faz padejar de um lado ao outro
O trigo no celleiro amontoado;

* Voar amiudo, voejar, etc. Vem do latim *volitare*.

Umas vezes percorre os seus palheiros,
E reparar os faz das frias aguas;
Outras, manda abrigar do tempo iroso
Os uteis instrumentos, que descançam.

Porêm * cauto, dos varios edificios
Em isolar cogita as varias partes,
Afim de prevenir do incendio o estrago.
Une da natureza a simples graça
Com as obras da arte. Oh quanto é doce
Aos olhos, descançar sobre a verdura
Das árvores viçosas, que interrompem
Aqui, alli, os muros branqueados!
Quanto agradavel a frescura e sombra
Das verdes copas no calor do estio,
Quando de um puro gaz os arcs enchem,
E uma aura impura próvidas embebem;
Na primavera mil fragrantes flores
Ver pender em festões; no outomno os fructos,
Gratos ao paladar, colhêr nos ramos;
Attrahidos das árvores co'a sombra
Os mimosos cantores das florestas
Véem alli fabricar os brandos ninhos,

* Os nossos bons poetas sempre evitaram começar uma narração qualquer com a conjunção *porém* no principio do verso. Acham-se exemplos em contrário nas Georgicas, canto I. pag. 20 e 32; canto II. pag 59; canto III. pag. 88, 94, 109; e canto V. pag. 171, 180 e 185.

E mil concertos variados soltam
Emtôrno á casa, que o cultor habita.

Em tam feliz asylo, amada Nize,
Ve na serena paz correr seus dias
O que isento do ocio e van cubiça,
Faz do tracto rural o seu estudo.
Os primeiros humanos imitando,
Cultiva cuidadoso a terra grata;
Se lhe lembra deitar-se á fresca sombra
De frondoso carvalho sobre a relva,
Os rios brandamente murmurando,
As aves descantando nas florestas,
Tudo o convida a socegados somnos.
Se não queima a seus pés a dependencia
Da lisonja o incenso, se o não cercam
As pompas e as grandezas, ao seu lado,
Habita a doce paz, vive a abundancia.

Do diurno trabalho fatigado,
Folga de ver ao descahir da tarde
O pastor, que tocando a doce avena
As ovelhas conduz; no cheio tarro
Aquelle lhe apresenta o branco leite,
E a esposa os niveos queijos e a qualhada.
Mais tarde os lentos bois trazendo assomam
Reclinada a charrua ao jugo prêsa;
Mugindo além as vaccas criadoras,
Dos novilhos seguidas apparecem,

Que exp'rimentando as inda tenues forças,
Uns c'os outros em lucta já se ensaiam;
Os rafeiros c'o gado, que preservam
Do lôbo roubador, no pateo entrando,
Lhe véem as mãos lamber, e emtôrno saltam.*
Um recreio innocente finda e c'roa
As horas destinadas ao trabalho.
Depois de recolher as mansas rêzes,
O guardador, ao som das tesas cordas,
Cantando dansa em gyros c'o as pastoras.
Emtanto a par da espôsa, rodeado
Dos tenros filhos, lavrador ditoso
Ensinando-lhes vai c'o proprio exemplo,
Linguagem expressiva, a limitarem
Os desejos a gozos innocentes,
A desprezar o orgulho, a ambição louca,
Oppostos sempre á solida ventura.

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

* Ésta bella pintura, por sua amavel e vera simplicidade, deleita e incanta em summo grau.

CYBELE.*

Musa, singela musa, que ao meu lado
Á sombra das florestas recostada,
Com o nome de Nise docemente
Fazes ouvir ao echo os sons da frauta;
Musa, a quem deram ser, e a quem conservam
Enlaçados amor e a natureza,
Ah, dobra do meu canto a melodia!
Chegae d'este lugar, vinde oh colonos,
Do meio d'éstas árvores frondosas,
Que entre as nuvens a altiva fronte escondem
Do lado d'este arroio crystallino,
Que vem de penha em penha murmurando
E de um contínuo orvalho enchendo as plantas,
Sôbre esta verde relva que matizam
Calyces, ** e corollas de mil côres,

* Ésta prosopopeia da terra ou Cybele é nova em poesia portugueza.

** O *calyx* na maior parte das flores, é o tegumento externo dos orgãos sexuaes, de côr verde, ou menos corado que a *corolla*.

Per entre as quaes se esquiva caprichosa
A leve borboleta, em quanto activa
Abelha, que sussura, extrae seu nectar;
D'este throno singello, que a meu lado
Lhe elevou a natura, vinde ouví-la;
É sim Cybele, é ella quem vos falla.

Antigos torreões, capiteis, fustes *
A fronte, como outrora, não lhe adornam;
Uma c'roa de flores e de fructos,
De mil tenras folhagens que tecêram
As Graças ledas, sobre os seus cabellos
Ao vento soltos, hoje se divisa;
Mollemente na relva reclinada,
Meio-apartado o fino veo que a cobre,
Deixa aos olhos mirar** seu lindo seio;
Seio fecundo que alimenta os entes!
Que lindas côres, graças, que figuras,
Que producções aos olhos não descobre
O seio desnudado de Cybele!
Vêde mil animaes que emtôrno a cercam,
Cadaqual se desvela em ameigá-la,
Ella a todos surri e a todos lança
Carinhosa e suave, o olhar materno.
Mas com que extremo, com que expressão doce

* O cano ou corpo e tronco da columna entre a base e o capitel.

** Voz prosaica.

A vós a mãe commum os olhos lança,*
A vós cultores, seus dilectos filhos!
« Ornae cada vez mais, ornae meu seio,
Ella vos clama, que aos cuidados grata
Eu juro sempre ser; para instigar-vos
Á indústria e ao cuidado, fui eu mesma
Quem o meu seio revesti de abrolhos:
Hoje pois a vós toca, oh filhos caros,
De mais bellos adornos revestir-me.
Ah deixae, deixae erros e phantasmas;
Deixae o luxo, que do orgulho filho,
Me ultraja e me assassina; vãos thesouros
Cessae de procurar, e de arriscar-vos
Aos p'rigos e aos trabalhos por colhê-los;
Em mim, em mim tereis, com pouco esfôrço,
Da riqueza real, dos bens a posse.
No regaço da paz, e da abundancia
Eu vos farei viver, grata aos desvelos
Que praticardes sem cessar comigo. »

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

* Acha-se tres versos atrás. Toda a repetição que não compõe uma graça é defeito.

A GRUTTA DE SILENO.*

De Naxo nas montanhas, que povoam
Per toda a parte verdejantes cepas,
Uma grutta se ve de toscas penhas;
De um lado e outro crystallinas fontes,
Brandamente sahindo de entre as lapas,
Sussurram com doçura; as lentas vides,
De Apollo aos raios, com viçosas folhas
A entrada impedem, e subindo ao cume
Dos alamos frondosos que a guarnecem,
Pendem em mil festões per toda a parte.

* Este lindo episodio mereceu ser, em parte, traduzido em versos francezes per um homem de gôsto; eis a dicta versão:

Vois-tu cette île? au pied de ces riants côteaux
Que la vigne embellit de ses riches rameaux,
Vois-tu dans le rocher cette grotte champêtre?
Asyle sombre et frais, là jamais ne pénètre
Du midi dévorant la dangereuse ardeur.
L'ombre en cache l'entrée; et de sa profondeur,
A travers les cailloux une onde toujours pure
Jaillit, fuit et s'échappe avec un doux murmure.
Un air suave y règne, et sur ses bords fleuris

Uma relva mimosa e sempre verde,
De varias lindas flores esmaltada,
Lhe fórma o pavimento: alli da calma
Jamais penetra a fórça, um ar suave
De continuo temp'rado se respira
Entre as heras, que a par das negras bagas
Mostram lustrosas folhas sempre-verdes.
No mais profundo d'este fresco asylo
Guarda o ebrio Sileno o doce mosto,
Seu amor, seu desvelo e seu cuidado.
Esculpidas estão na penedia
As insignes victorias do Thebano,
Quando tirado per malhados tigres,
Entre o bando das férvidas Bacchantes,
A Asia sujeitou, e em vez de lança
Na dextra maneava um verde thyrso.
Vão após o seu carro foliando
Os Satyros galhudos e os caprinos

De mousse et de gazon s'étend un verd tapis,
Où Zéphyre se joue amoureux de l'ombrage.
Le lierre à l'arbuste enlaçant son feuillage,
Grimpe de branche en branche, habile à se lier.
Plus loin s'élance aux cieux l'élégant peuplier;
Et le pampre à Bacchus présentant ses offrandes,
Jusqu'à son faîte monte, et retombe en guirlandes.
De son nectar chéri Silène dans ces lieux
Conserve prudemment le dépôt précieux;
Du brûlant Sirius pour prévenir l'injure,
Il oppose à ses feux un rampart de verdure.

Faunos de verdes heras enramados.
Cem amphoras, que ainda aroma exhalam,
Cem torneados vasos e cem pelles
Pela grutta esparzidas se divísam.
Imitemos Sileno em seus cuidados;
Seja o seio da terra quem resguarde
Os succos que nutríra a superficie.

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

OS PASTIOS E OS GADOS.

Entremos n'esse reino numeroso,
De que o homem, qual rei, o sceptro empunha;
E para o ajudar em seus trabalhos
Dos animaes a fôrça aproveitemos.
Tire o boi, o cavallo o nobre pêso
Da cortante charrua; nas campinas
Pascendo a mansa ovelha adube os campos;
Emquanto nos outeiros atrepando
A cabra roedora, ja co' as crias,
Ja com o branco leite nos premeia.

Ah! quando chegarão a ver meus olhos
Os cultores de Luso na abundancia?
Quando verei* os campos, que ora cobrem
Moitas selvagens, mil inuteis plantas,
Em verdejantes prados convertidos,
Apresentar a face da riqueza,
Da cuidada fecunda agricultura,
Do corpo social vigor e nervo?

Surgi da molle incuria, agricultores,

* *Ver e verei!* é forte repetir!..

Sarjae esses terrenos pantanosos,
Onde ora crescem juncos e espadanas:
O trevo lhes lançae, lançae-lhes gramas,
Que apenas cultivais em curto espaço;
Cubri, cubri os aridos outeiros
De onohrychis c'o germe productivo,
E os terrenos mais frescos co' a luzerna;
Então, e então somente, em vosso aprisco
O gado abundará; então somente
Nos curraes entrarão gordos novilhos,
Após as fortes mães, ledos brincando;
Somente então as crinas sacudindo,
Leves cavallos rincharão nos campos;
Somente então, em vez da magra fome,
Off'recerão ditosas as aldeias
A face do prazer, e da abundancia.
So produz o terreno cultivado:
É sem gado impossivel a cultura,
E o gado nutrir so prados podem.

Tu pois, que o nobre emprêgo tens em sorte
De cultivar a terra, attento cuida
Pastagens em formar. Duas especies
Ha de prados: n'uns d'estes a natura
Per si mesma produz as verdes plantas;
Porêm se a arte a ajuda, se nos baixos
E quasi pantanosos, vallas abre,
Se terra alli conduz para elevá-los,
Se os grãos, que dos palheiros se retiram,

Cuidadosa alli lança; oh que vantajem
Produzirá trabalho tam pequeno!
São comtudo estes prados inf'riores
Aos altos e elevados, onde as hervas
Menos aquosas são, mais nutrientes,
E sempre para os gados mais saudaveis.
Muito melhor, se a indústria formar soube
Nos sitios elevados providente
Reservatorios de agua, que no estio
Matem a sêde ás abrasadas plantas;
Alli tambem convem de quando em quando
Dos bons fenos lançar os grãos fecundos;
Distribuir de quando em quando adubos;
Às moutas arrancar e toda a planta,
Que ou com os ramos seus suffoca as hervas,
Ou com a sombra espessa as damnifica;
No contôrno formar vallados fortes,
Que prohibam a entrada dos rebanhos
Nas epochas não proprias; seja quando
Hervas que para feno se destinam,
Na sua florescencia são cortadas;
Seja depois das chuvas copiosas,
Quando com as pizadas, o chão molle
Se tornar desigual: com taes desvelos
Os prados naturaes bom pasto criam....

Mas ja correr diviso nas campinas
O formoso animal,* que abrindo a terra,

* Certa occasião em que o Snr. M... (como pro-

C'um golpe de tridente, á luz do dia
Deu das ondas o nume soberano.
Tu, conquista completa dos humanos,
Cavallo docil vivo activo e forte,
Dos quadrupedes rei pela elegancia;
Em quem da escravidão não póde o jugo
Destruír o valor, manchar a audacia.
Aqui cheio de po e branca espuma,
Salpicado de sangue, horrido estrago
Debalde te rodeia, arremessando
O peito aos p'rigos, o clarim da glória,
O retinir das armas mais te animam:
Intrepido a afrontar a morte voas,
Com teu senhor os louros repartindo.
Aqui per entre as lanças te arremessas,
Alli ouves zunir de Marte o raio;
Mas no centro do horror submisso e docil,
Da mão, que te conduz, a lei procuras.
Erguido o collo, as ondeadas clinas
Sóltas vaidoso ao ar, o freio mordes
Com orgulhosa audacia; e o chão que pizas
Com a ligeira planta apenas tócas,
Quando da paz serena no regaço

fessor de agricultura) antepunha a este episodio o do *boi;* o Snr. N.., (ex-major de cavallaria) o atalhou, dizendo com vehemencia: O *cavallo...!* Snr. M.. *o cavallo...!* O certo é

. . . . Que quem não sabe a arte não a estima.

Em nobres jogos teu senhor conduzes.
Além, ao peitoral lançando o peito,
Com ligeireza e brio ufano arrastras
Das bellas nymphas os dourados carros.
Mais baixa a frente, menos leve o passo,
Prêso á charrua traças ao colono
O productivo rêgo, ou com a grade
Cobres o grão fecundo, ou per mil modos
Ao lavrador uteis serviços fazes.
Companheiro do heroe em seus combates,
Servo do cidadão nos seus prazeres,
D'alta pompa dos grandes lustre e ornato,
Alívio do cultor em seus trabalhos,
A toda a parte teu serviço estendes;
Do homem para o bem, viver so sabes...*

Oh tu, que ver desejas bons novilhos
Entrar no curral teu; pastagens busca
Altas e sêccas; para mãe escolhe
De pequena cabeça e corno breve,
De vivo olhar, de larga espadoa e peito,
De collo grosso e dilatado bojo
A criadora vacca, e la no tempo

* Ésta descripção do cavallo (aliás bella) pouca novidade offerece em poesia: é quasi toda imitada da pintura que Buffon fez do cavallo, e das de alguns poetas francezes, que não citâmos, por não alongar a nota. Tem além d'isso o inconveniente de ser longa em demasía; o que afrouxa a ideia.

Em que ella dá mugidos amorosos,
Na florente estação, então a entrega
Ao seu suberbo amante, o qual ter deve
Tres, até nove annos; com firmeza
Pizar os campos levantando airoso
Um collo grosso, uma cabeça breve
De negras curtas armas adornada:
Sôbre os joelhos seus pender diviso
Sôlta papada do robusto peito;
Entre as carnudas pernas vigorosas
Lhe desce até o solo a longa cauda,
E emquanto c'o mugido os ares fere,
Dos negros olhos flammas lhe chammejam....
De ciume incendido, quantas vezes
O suberbo animal * o imigo busca,

* Todo este episodio do *boi* é imitação do de Virgilio, nas Georgicas, livr II.:

Atque ideo tauros procul atque in sola relegant
Pascua, post montem oppositum et trans flumina lata;
Aut intus clausos satura ad præsepia servant.
Carpit enim vires paulatim, uritque videndo
Femina; nec nemorum patitur meminisse, nec herbæ
Dulcibus illa quidem illecebris, et sæpe superbos
Cornibus inter se subigit decernere amantes.
Pascitur in magna sylva formosa juvenca:
Illi alternantes multá vi prælia miscent
Vulneribus crebris; lavit ater corpora sanguis,
Versaque in obnixos urgentur cornua vasto
Cum gemitu, reboant sylvæque et magnus Olympus.
Nec mos bellantes unà stabulare; sed alter

Olha-o de longe, e com a mão potente
Em torbilhões da terra o po levanta;
Muge, ameaça, e qual o ardente raio,
Fero procura a singular peleja!
Ja as frontes cornigeras se encontram;
Ja a ponta o contrário dilacera;
Urros de dor, mugidos de vingança
Ja temerosos echos mil repetem;
Em borbotões na terra o sangue corre;
Raiva e ciume os animaes respiram.
Mas o vencido em po e em sangue involto,
Perdida a fôrça, extincta quasi a vida,
Ao contrário a final cede a victoria:
E em quanto com o collo levantado,
Este suberbo a recompensa busca,
Co' a fronte baixa, com o olhar em fogo,
O vencido dos campos triste foge,
E so, entre os remotos fundos valles

Victus abit, longèque ignotis exsulat oris:
Multa gemens ignominiam, plagasque superbi
Victoris, tum quos amisit inultus amores;
Et stabula adspectans, regnis eccessit avitis
Ergo omni curá vives exercet, et inter
Dura jacet pernox instrato saxa cubili,
Frondibus hirsutis et carice pastus acuta:
Et tentat sese, atque irasci in cornua discit
Arboris obnixus trunco, ventosque lacessit
Ictibus, et sparsá ad pugnam proludit arená.
Pòst, ubi collectum robur viresque receptæ,
Signa movet, præcepsque oblitum fertur in hostem.

Occulta o opprobrio, e a vingança estuda.
Vingança sanguinosa, em que embebido
O animal se nutre, contra os troncos
Ja a ensaiar começa o corno agudo,
E parte em lascas o ferido lenho.
As fôrças e o vigor emfim restaura,
Renova-se-lhe a raiva, e ja bramindo
Corre ás planicies, e o rival procura....
Nem deixarei ficar no esquecimento
O passivo serviço, os uteis dotes
Do jumento, do pobre unico alívio;
Da mais vasta porção da humanidade,
Que langue * na penuria, elle somente
O trabalho e fadiga é quem supporta.
Se com elle a natura foi avara
De graça, de belleza, e de elegancia,
Co' a sobriedade, c'o vigor, c'o geito

* Vem do francez *languir*, ou primitivamente do latim; v. g: (*amore langueo.*) Tem boas authoridades em poesia.

Triste *languia*
O deus de amor

DINIZ, tom. III. pag. 203.

Langue a triste em esteril rocha alpina.

DOM. MAX. TORRES, pag. 60.

Deita a vista sagaz e carrancuda
Aos ermos, onde *langue* o Paladino.

FRANCISCO MANUEL, tom. XI. pag. 89.

Com que os maus passos vence, co' a dureza,
Que lhe faz afrontar o sol e as neves,
Assás o indemnizou. Como seu dono,
Condemnado á penuria e ao trabalho,
O tojo hirsuto, o cardo, as duras folhas,
As vergonteas das árvores, a relva,
Toda a especie de grão, todo o legume
Lhe serve de alimento; longa vida,
Inda apezar de um trato aspero e duro,
Chega o triste a contar.....

Não mais, não mais de agricolas manadas;
Adeus por uma vez tenazes leivas;
Adeus forte charrua, bravos touros,
Ageis cavallos, vigorosos mulos;
Adeus emfim amados lavradores.
Nas margens de um regato humilde certo
Flexiveis canas, com que brinca o vento,
Per entre ellas ligeiro volitando;
Co' a branda cera os varios canaes uno;
De Pan á imitação, correndo os labios
Co' a doce frauta, agora ante mim chamo
Das rusticas malhadas os pastores.

Vinde, oh mansos rebanhos, ao meu lado
Saltem sôbre a verdura os cordeirinhos,
De pedra em pedra os cabritinhos saltem.
Balae emtórno a mim, mansas ovelhas,
Trincae os ramos, cabras roedoras;

E em quanto o deus capripede me guia
Os accentos e a voz no humilde metro,
Ah! vem juncto de mim, oh Nize amada,
Acompanhar c'o teu meu doce canto....

Porêm tu, que as inquietas duras cabras
Tens a teu cargo, ao pasto, em quanto o fresco
Orvalho sobre as plantas se demora,
Na manhan as conduze; a um tal rebanho
Não so apraz pascer nos largos campos,
Ou nas doces encostas das collinas,
Antes prefere a cabra pendurar-se
Dos elevados cumes das montanhas,
Dos serros, das selvagens penedias,
Das escarpadas rochas, das barreiras
Dos fundos horrorosos precipicios;
Desde a mais tenra infancia as mães seguindo,
Trepam de pedra em pedra os cabritinhos,
E folgam de escolher entre os rochedos
Os novos rebentões de agrestes plantas*....

L. S. Mozinho de A. *Georgicas.*

* Eis os lugares que me pareceram dignos d'entrar n'ésta escolha. O auctor das Georgicas carece ainda daquella variada, magéstosa e concisa dicção que tanto sobresai nos escriptos de nossos antigos poetas, e nos dos modernos de melhor nota. Accresce, ser o metro das Georgicas, em partes, monótono, prosaico e languido. Vislumbra n'ésta óbra pouca philosophia, e poucos episodios; so abunda em preceitos:

mas muitos d'elles que assás prestariam emum tractado em prosa, são grande defeito n'uma composição poetica, onde o espirito requer o levem per veredas um pouco desviadas, e lhe apresentem objectos que não aguarda. Ora o poeta deve pretender menos profundar uma sciencia, que attrahir a ella os olhos embellezando-a : isto practicou Virgilio, e practicaram depois d'elle os seus bons imitadores, bem persuadidos *de que o espirito raramente goza duas vezes o deleite de aprender a mesma cousa; mas o coração pode gozar duas vezes o prazer de sentir o mesmo abalo.*

Ouso pois rogar ao Snr. Mozinho que, antesque publique uma nova edição das Georgicas, leia muitas vezes estes versos da poetica do sabio Vida :

Atque ideo ex priscis semper quo more loquamur
Discendum, quorum depascimur aurea dicta,
Præcipuumque avidi rerum populamus, honorem.
Aspice ut exuvias, veterumque insignia nobis
Aptemus. Rerum accipimus nunc clara reperta,
Nunc seriem, atque animum verborum, verba quoque ipsa.
Nec pudet interdum alterius nos ore locutos
Cùm verò cultis moliris furta poëtis,
Cautiùs ingredere, et raptus memor occule versis
Verborum indiciis, atque ordine falle legentes
Mutato : nova sit facies, nova prorsus imago.
Munere (nec longum tempus) vix ipse peracto
Dicta recognosces veteris mutata poetæ.

Metamorphoses.*

O CRYSTAL E O TOPAZIO.

Inda no seio da espumosa Thetis
Ás atrevidas proas se occultava
Da madre terra a quarta parte nova;
Quando em seus campos graciosa nympha
Seguindo as feras fatigava os bosques.
Crystallia era o seu nome, e a mais formosa
Que até hoje pizou o novo mundo.
Mais alvos do que a neve que nos Alpes
Congela o frio vento, eram seus membros:
Nas lindas faces, na engraçada boca,

* O erudito e laborioso editor das obras de Diniz, impressas em Lisboa no anno de 1814, nada refere acerca do merecimento d'éstas metamorphoses. Não possúo tampouco auctor algum de nome que as haja avaliado. Parece-me, todavia, não ser este o genero em que Diniz se distinguiu.

Dos cravos, e das rosas a côr viva:
Dos olhos doce incanto lhe brilhava;
E sôbre o collo de alabastro fino
Em crespos fios de ouro lhe ondeava
O comprido cabello sôlto ao vento.
Amor travêsso, que em seus olhos mora,
Tam vivas chammas d'elles despedia,
Que n'elles sem allívio se abrasavam
Os tristes corações de mil amantes.
Emfim era Crystallia tam formosa
Que inveja á mãe de amor fazer podia.

Um dia que de agudo dardo armada
Com seus cães denodada perseguia
Um mosqueado tigre na floresta,
A viu passar um rustico Silvano,
(Quanto melhor lhe fôra se a não víra!)
Que habitava o horror d' aquelles matos.
Topazio se chamava; e era tido
Entre os sylvestres deuses do contôrno
Pelo mais sabio em grande acatamento.
Viu-a; e vê-la e adorá-la foi o mesmo.
Desde este ponto o triste um so instante
Não deixou de seguir suas pizadas.
Em vão tentou com lagrymas e rogos,
Em vão com tristes dons mover o peito
Da dura nympha, mais que os montes dura.
Em bravissima costa alto rochedo
Tam firme não resiste ás duras vagas

Do mar que em flor * rebenta em suas abas;
Como a fragueira nympha resistia
Ás tristes mágoas, ao contínuo pranto
Do importuno Topazio. Quantas vezes
Dos mortaes invejou o triste a sorte,
Desejando acabar a infeliz vida!
Mas a lei dura pelo fado escripta
Em rígido diamante, lhe embargava
Este misero allívio. Quantas vezes
Ao Amor se queixou da ingrata nympha!
Mas o travesso deus, que por deleite
Os corações amantes atormenta,
Que de pranto, e de sangue se não farta,
Outras tantas se riu de suas queixas.

* Sempre me agradou ésta locução antiga, que, infelizmente, vai ja cahindo em desuso. Não o merece, bemcomo muitas outras, por imitativas e elegantes. Foi usada pelos melhores Ingenhos portuguezes. Citarei so dous;

> As aguas arrebentando *em flor*, de dia eram da côr do pez feias e escuras; e de noite quebravam em fogo.
>
> Lucena, liv. v. cap 20.
>
> As ondas eram tam suberbas, que rebentavam *em flor*, quebrando-se cruzadas com a fôrça do temporal.
>
> Jacinto Freire, pag. 172.

Desenganado emfim de achar remedio
Servindo e suspirando, a seu tormento;
Tentar manhoso a fôrça determina.
Ah rustico Topazio, a que te arrojas!
Tem-te insano, suspende a dura fôrça!
Suspende, que infeliz te precipitas!
Ternos suspiros, lagrymas ardentes,
Brandos rogos, invicto soffrimento
As fortes armas são, que so sujeitam
Rebeldes corações de ingratas nymphas.
Ai! que se ellas não bastam, nada basta.

Juncto de um claro rio que corria
Bordando com mil gyros a campanha
De fragrantes boninas, se elevava
Um frio bosque de árvores sombrias,
Onde os campestres deuses n'alta noite
C'os Faunos f oliões tecer costumam
Ligeiras graciosissimas chorêas.
Aqui as verdes folhas encrespando
Serena viração c'o fresco bafo,
Aqui cantando nos confusos ramos
Mil passaros de mil diversas côres,
Doce paz, doce somno derramavam.
Aqui pois uma sésta, fatigada
De seguir pelo mato as bravas feras,
De suor, e de sangue salpicada,
A repousar Crystallia se retira.
N'um ramo dependura o eburneo arco,

N'outro o buído dardo, e sôbre a aljava,
Innocente do mal que alli a espera,
O lindo rosto mansamente inclina.
Em breve espaço lisonjeiro somno
Os membros lhe occupou. Então Topazio,
Que idonea occasião anda espiando
Para suas traições ha longo tempo,
Com ella arremetteu, e os tenros braços
Com seguras cadeias que tecêra
De floridas vergonteas, manso, manso
A uma árvore vizinha lhe prendia.
Seguro da victoria, e em voraz fogo,
Que as entranhas lhe corre, todo ardendo,
O Silvano insoffrido se dispunha
De seus desejos a tocar a méta;
Quando a nympha accordou, e ao ver-se prêsa,
Do lascivo Topazio ao ver a furia,
Desbotadas do rosto as vivas rosas,
Palpita, e semiviva aos ceos levanta
Os bellos olhos, porque as mãos não póde;
E com cortada voz assim exclama:
« Oh deuses! se entre vós algum assiste
Que dos tristes mortaes cuidado tenha,
D'uma innocente môva-vos a sorte,
A virginal pureza defendei-me. »
Disse, e subitamente (caso estranho!)
Os delicados membros se lhe gelam,
E em transparente pedra se convertem,
Sem que da antiga alvura nada percam.

E qual candido jaspe, a quem deu vida
De Polycleto ou Phidias* a mão déstra,
Tal fica a bella nympha. Largo espaço
Espantado do subito prodigio
Immobil fica o misero Topazio:
Mas logo que em si torna, sôbre o collo
Do adorado crystal se precipita:
Com terno pranto o rega, e ardentes beijos
Na fria pedra suspirando imprime.
Logo em crueis imprecações horrendas
Se volve contra Amor, d'um tigre hyrcano,
De uma marpesia rocha filho o chama;
O seu arco detesta e suas frechas.
Depois ao ceo se torna, e em seus delirios
De quando em quando repetir se ouvia
Com ternas vozes de Crystallia o nome.
Emfim taes cousas fez, taes cousas disse,
Que os deuses lastimados de seus males,
A dar-lhe algum remedio se moveram.
Louco, sem tino á pedra se voltava,
E os pés endurecidos se lhe travam.
Os braços estendidos se endurecem.
Frio gêlo lhe corre pelas veias,
E o sangue pouco e pouco lhe coalha.
Crystallia quer chamar, e a fria lingua
Dobrar não póde. Emfim d'ésta maneira
Ficou tambem o misero Topazio

* Célebres estatuarios gregos.

Todo em pedra tornado, que inda guarda
Na côr a pallidez do afflicto rosto :
E juncto d'um penedo outro penedo.*

DINIZ.

* Verso de Camões.

O CAUHY.

Juncto das verdes margens, que talhando
O Paraíba vai com suas aguas,
Um mancebo vivia o mais famoso
Entre os outros d'aquelles arredores
Em brandir com destreza o curvo arco.
Cauhy era o seu nome; e as suas manhas,*
Seu valor, e seu brio de mil nymphas
Eram doce attractivo; mas de todas
As que dentro no peito mais sentiam
Lavrar este cuidado, uma Itaubira
Por nome tinha, e a outra era Itaúna.
Eram ambas iguaes na formosura,
Ambas no amor iguaes, iguaes na idade.
Mas o frecheiro deus, que a seu capricho
Os que àmam faz felices e infelices;**
Quiz que Itaubira então fosse a ditosa,
De seus olhos vibrando a setta ardente

* Este termo foi modernamente censurado de pouco nobre; comtudo, acha-se nos Lusiadas, canto VI. est. 54.

Várias gentes e leis e várias *manhas*.

** Verso prosaico.

Que de Cauhy feriu o isento peito.
De um e d'outro os quebrados ternos olhos,
De suas almas foram os primeiros
Interpretes subtís, que declararam
O vivo incendio em que ellas se abrasavam.
Mas depois que ao amor cedeu o pejo,
E que ousaram fallar-se; que ternuras
Vós solitarios montes, não lhe ouvistes!
Entre trespassos * mil e mil caricias,
Polos raios do sol ambos juraram
De se amarem fieis até á morte;
E á promessa fieis, até á morte **
Com o mesmo fervor ambos se amaram.
D'ésta arte longo tempo venturosos
Em doce paz, em doce amor viveram;
Até que o vil ciume cruelmente
Sua doce affeição perturbar veio.
Quanto, oh infame monstro, mais ditosa
Sôbre a terra sería a raça humana,
E quanto de invejar a feliz sorte
Dos que âmam, e igualmente são amados,
Se não fôras na terra conhecido!
Juncto das praias que Helle *** fez famosas

* Ésta palavra, que so póde aqui tomar-se na accepção afrancezada de *transporte*, parece-me impropria.

** Repetição pouco elegante.

*** Filha de Athamante rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do ódio e

N'uma escabrosa furna onde morada
A fria Noite tem, se alverga o monstro;
A quem assobiando horrendamente
Em feia confusão ceruleas cobras
Guarnecem a cabeça, e no pescoço
E descarnados braços se lhe enroscam,
E o triste coração estão roendo.
Per entre as cegas carregadas sombras
Que a caverna, qual denso fumo, inundam,*
Mal se distinguem sem cessar voando
Espantosas visões, crueis cuidados:
De cem partès soar ao mesmo tempo
Tristes queixas se escutam, tristes prantos,
E contra Amor imprecações horriveis,
Que as naturaes abbobadas ferindo,
Retumbam tristemente, enchendo os peitos
De espanto, e de pavor. Feras suspeitas,
Vaõs receios, fallaces apparencias,
E ás vezes vis traições, feios enganos
Os seus ministros são, suas espias,
Por quem o quanto sôbre a terra passa
Entre os amantes sabe, e per quem soube
A sincera união, a paz gostosa

traições de sua madrasta Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhe dera, cahiu no mar; o qual por ésta occasião se ficou alli chamando Hellesponto.

* Bella metaphora!

Em que os dias passavam desfructando
D'um recíproco amor todas as glórias
Itaubira e Cauhy.* Então disposto
A turbar dos felices o descanço,
Um dos duros ministros que o rodeiam,
Raivoso chama, e chammejando** intíma,
Que as azas despregando veloz parta,
E da terna Itaubira o brando peito
Com uma fria cobra, que impaciente
Arranca da cabeça, o peito fira.
Voa a fera suspeita, e invisibil,
O que o monstro lhe manda, fiel cumpre.
Itaúna, que bemque desprezada,***
De seu peito lançar amor não póde,
Escapar não deixava vigilante
Uma so occasião de apresentar-se
Sempre louçan do amado móço aos olhos:
E postoque Cauhy, como quem tinha
Á formosa Itaubira a alma entregue,
E com ella as potencias e sentidos,
Em tal não attentava; a nympha bella
A quem o coração ferido havia
A barbara suspeita, estimulada
Pelo excesso que observa em Itaúna,

* Toda ésta pintura (sem ser nova) é admiravel.

** *Chama* e *chammejando* fórmam uma ambiguidade pouco euphonica.

*** Verso duro.

Começou a temer dentro em seu peito
Da rival a belleza, e do mancebo,
Postoque sem motivo, a inconstancia;
E desde este momento principía
(Ah funesto momento!) as acções todas
De Cauhy a espiar attentamente.
Um dia pois, que o descuidado môço
Na selva a caçar foi como soía,*
Ella per entre o mato o foi seguindo.
Cauhy, depois de haver veloz cançado
As mais ligeiras feras na carreira,
Com seu sangue manchando hervas e flores;
Do calor, e do excesso fatigado,
A respirar um pouco se retira
N'uma sombria lapa, que se esconde
No mais denso da selva, onde rebenta,
Com suave murmurio borbulhando,**
Um grande jorro de agua crystallina.
Itaubira que o doce amante vira
Embrenhar-se na selva, dentro n'alma
Crecer sente a suspeita, que lhe finge
Que Itaúna a Cauhy alli aguarda:
E para ver se é certo o que receia,

* Costumava (*solet* lat.)

> Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
> Te negue o amor devido, como *soe*.
>
> CAMÕES, Lus. cant. III. est. I.

** Verso onomatopeico.

Para aquelle lugar dirige os passos.
A sua turbação, sua impaciencia,
A pressa com que corre, * lhe não deixam
No ruído attentar, de que era causa,
Movendo impetuosa as bastas ramas
Da intrincada floresta. N'este tempo
O mesquinho Cauhy alborotado
Do subito rumor, e presumindo
Que d'elle origem era alguma fera,
Das armas lança mão. Ah cego môço!
Quanto melhor te fôra, se essas settas
Nunca houvesses tam destro arremessado!
Mas quem póde fugir de seu destino!
Toma o arco Cauhy, e n'elle a setta
Promptamente embebendo, o tiro aponta
Para onde o gran' rumor alçar-se ouvia.
Veloz a setta voa, e emcontinente
Os ouvidos lhe fere um ai piedoso,
Que de Itaubira ser se lhe figura.
Então largando as settas, prompto corre
Ao lugar d'onde a triste voz saíra.
Mas qual seu espanto foi, quando passada
Da desastrada frecha a nympha encontra!
Sobre a terra jazia rociando
As árvores e flores que a rodeiam,
De seu sangue com as roxas espadanas;
E entre crebros soluços exhalando

* Especie de pleonasmo.

Da triste vida os últimos respiros.*
Itaubira, Cauhy lhe brada afflicto,
E a nympha á fôrça abrindo os turvos olhos
Que da morte a pesada mão cerrava,
N'elle per um pequeno espaço os fita,
E a cerrá-los eternamente volve.
Coado, frio, e qual marpesia caute **
Fica l immobil Cauhy per algum tempo;
Mas tornando em si, desesperado
Corre a arrancar do peito de Itaubira
A despiedosa frecha; porque acabe,
Com ella o coração atravessando,
Juncto da amada nympha a amarga vida:
Mas ao tirá-la viu (cousa espantosa!)
Que o sangue, que do peito lhe corria,
Em crystallino humor se transformava:
Viu que a pallida nympha pouco a pouco
Se ía derretendo, e em claro arroio
Toda se convertia. Então absorto,
Primeiro que de todo o lindo corpo
A antiga fórma perca, a abraçá-lo
Pela postrema vez, chorando, corre.
Mas ja entre seus braços não aperta

* Bocejo, bafo.

O chão raspado das escamas sóa
E o *respiro* que negro sahe da estygia
Garganta inquina os bafejados ares.
ALMENO, Poes. tom. 1. pag. 136.

** Rócha.

Mais que o crystal, que entre elles lhe escorrega
Então em pe se alçou, e reflectindo
Que dos deuses era obra este portento,
Aos deuses roga que jamais permittam
Que do amado crystal elle se aparte.
Annuíram os numes aos seus votos;
Pois os ligeiros pés subitamente
Á terra se lhe pegam, e na terra
Profundamente se lhe vão cravando,
Em torcidas raízes convertidos.
Os braços se lhe estendem, e se mudam
Em retorcidos ramos que de folhas
Em ramos vestem suas mãos tornadas.
Os cabellos se erriçam, e em vergontas,
Da mesma folha ornadas, se convertem.
Asp'ra cortiça lhe involveu o corpo;
E de Itaubira ao repetir o nome
A boca lhe tapou, e a lingua trava.
D'ésta sorte Caūhy o antigo nome,
E sob a nova fórma inda parece
Que da antiga paixão se não esquece; *
Pois se a par d'agua brota; sôbre a mesma,
Como para abraçá-la, os ramos curva.

DINIZ.

* A rima n'estes dous versos foi descuido do auctor.

ARENÊO E ARGIRA*.

Estro de Ovidio seguirei teus vôos,
Se não me é dado emparelhar comtigo.

Depois que de Thessalia o rei piedoso **
As pedras converteu na especie humana,
Quando ja pela fragil natureza
De novo a corrupção lavrado havia,
A moral corrupção, que gera os crimes;
Quando para viver cumpria ao homem
Suando exercitar custosa indústria,
La perto do Penêo, tam caro ás musas,
N'um retiro assombrado de mil plantas,
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.
Apenas cinco lustros numerava,

* Ésta metamorphose próva que o genio creador não fôra a partilha do bardo do Sado. Quem como interprete marchou sempre a par de Ovidio, não póde, como imitador, segui-lo senão mui de espaço. A invenção d'este poema é vulgar e pouco interessante, e haverá crítico a quem elle pareça mal conduzido. Mas a poesia do estylo o fará sempre ler com gôsto.

J. M. da C. e Silva.

** Deucalion.

Era de alta estatura, e de agil corpo,
De estranha robustez, feições grosseiras,
Olhos ardentes e cabello escuro.
Phebo lhe ennegrecêra as mãos e as faces
No fragueiro exercicio em que lidava,
Seguindo e derribando ou ave ou fera
Com settas que jamais o objecto erraram.
Extinctos os irmãos, os paes extinctos,
Na agreste solidão vivia o môço,
Ora subindo as empinadas serras,
Orá os confusos bosques indagando,
Em quanto o fulvo sol nos ceos luzia,
E apenas desdobrava a muda noite
Sobre os ares subtis seu véo lustroso,
Volvia á choça o rustico mancebo,
De sanguineos despojos carregado.
So n'isto, por effeito do costume,
Embebido trazia o pensamento,
Ignorava as paixões da natureza,
Até desconhecia a mais ardente,
A mais incantadora, a mais funesta.
Mas ah tyranno Amor! ou cedo ou tarde
É forçoso aos mortaes soffer teu jugo;
Amor, tu és um mal que fere a todos:
Longa experiençia contra ti não vale,
Ou virtude, ou razão, so vale a morte.
Viste o ledo Arenéo no lar campestre,
Viste-o sem ti, cruel, gozar mil fructos
Das suadas asperrimas fadigas,

E, isento de memorias importunas,
Molles somnos gostar no leito hervoso.
Súbito, enraivecido, impaciente
De que inda alguem feliz no mundo houvesse,
Olhaste de travez o alegre môço,
Males dignos de ti depois lhe urdiste.
Em venatorias artes doctrinada,
Annexa ao coro da immortal Diana,
Corria a bella Argira o valle e o monte.
Nos olhos tinha a cor formosa e viva
De que se veste o ceo na primavera;
Á descripção dos zephyros as tranças,
As tranças, per si mesmas enfeitadas
Com lucidos anneis, com aureas ondas,
Se ao sol se expunham, como o sol brilhavam;
Eram, lácteo jasmim, purpúrea rosa,
Tam alvas como vós, e tam coradas
Da loura semidéa as brandas faces;
Candido pejo, virginal surriso
Nos labios lhe pousava entre os amores,*
(Amores que inspirava e não sentia)
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,
E o seio tentador mais bello ainda
Que o da cypria deidade, e não tocado.
O frio, o vento, o sol jamais ousaram
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:
Realçava estes dons a flor da idade,

* Que bellissima poesia!

E ao ver-se aquelle assombro, oh natureza,
Estranho então se achou que o teu sublime
Ingenhoso podér chegasse a tanto.
Descendente de origem mais que humana,
(Tambem não longe de thessalio rio)
De mil dignos amantes cubiçada,
E ás conjugaes delicias insensivel,
Não quiz ir de hymeneo no altar brilhante
Sacros votos firmar co' a voz e a dextra,
Illesa conservando a flor suave,
Que, invôlta em brandos ais, colheis, Amores.
Com éstas perfeições, com éstas graças
Tramou vingança crua o paphio nume
Ao livre caçador, que, errando um dia
Em ermo bosque de viçosos loiros,
Argira viu luzir per entre a rama,
Argira, que das nymphas se perdêra,
E que á benigna sombra de um loireiro
Repousava do acerrimo exercicio,
Temendo a força do apollineo raio
Que ardia no azulado ethereo cume;
E tendo a par de si na hervosa terra
O luzente carcaz, vasio, em damno
Das selvaticas feras que avistara.
Morno suor em crystallinas gotas
Pelo virgineo rosto escorregando,
Resplandecente aljôfar parecia;
O cançaço, o calor nas lizas faces
As rosas e os incantos lhe avivava:

Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,
Depois de ter vagado as agras serras,
Descança do arvoredo ao fresco abrigo,
Ou entre o lindo coro, ou solitaria.*
Dest'arte alli jazia a virgem bella,
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,
Que mal crê per si mesmo ir enredar-se
No laço, com que Amor sagaz o espera,
Curioso, amparando-se das plantas,
Vai manso e manso, e per detrás de um tronco
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)
No perigoso objecto os olhos firma.
Desgraçado! imprudente! ah que fizeste!
Ei-lo acceso; ei-lo attonito, ei-lo absorto,
Ei-lo incantado e tremulo e perdido:
Repentino fervor lhe escalda o peito,
Lhe anceia o coração, lhe tinge o rosto.
« Que assombro, oh ceos! que divindade é esta!
(Comsigo o môço diz) será dos bosques
A deusa pudibunda, irman de Phebo?
No trage, no carcaz, e em formosura,
Em gestos o parece.... oh ceos! oh deuses!
Que incanto! que belleza!...eu ardo...eu morro.»
N'isto arrancando um férvido suspiro,
Assusta a clara nympha, que, volvendo
Os olhos derepente ao som queixoso,
Te ve, misero amante, e, visto apenas,

* Que amabilissimo quadro!

Sólta um ai, lança mão do eburneo coldre,
E vai per entre as árvores fugindo
Mais prompta, mais* veloz, do que os ligeiros
Silvestres brutos de ramosas frontes.
Qual ficaste Arenêo, vendo esconder-se
Aos olhos teus o incanto de teus olhos!
Longa perturbação prendeu-te as plantas,
Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo,
Qual devia infundir-te o raro objecto,
O deixaste voar; depois, sahindo
Do lethargico espanto em que jazias,
Seguiste accelerado a doce causa
Do teu mal, dos teus ais, mas ja foi tarde;
Ja co' a turba gentil se tinha involto
Das alvas companheiras, e com ellas
Voltado ao bosque da latonia deusa.**
Quam saudoso, frenetico, anhelante
O infeliz Amador se acolhe aos lares!
Alli arde, alli geme, alli pranteia,
Alli, sempre em cruel desassocêgo,
Desvelado, e carpindo, as noites perde.
Apenas as manhans no ceo roxeiam,
Em vez de proseguir o usado officio,
Torna ao sítio funesto, onde espreitara

* A repetição do adverbio *mais*, torna pesado este verso, que devia imitar a velocidade da nympha fugindo.

** Diana.

O caro enlevo de seus olhos tristes,
Torna, mas sempre em vão, não ve nem rasto,
Que ao das queridas plantas se assemelhe.
Dias e dias no lugar damnoso,
E pelas densas matas circunstantes
Pragueja contra si, delira e freme;
Até c'um fero impulso ás vezes tenta
Amolado farpão cravar no peito;
Mas acode a benefica esperança,
E com destro pincel na fantasia
Lhe pinta de mil jubilos vindoiros
A scena, o quadro, a seductora imagem:
De faustas illusões lhe doura a mente,
Finge-o nos braços da risonha amada;
E assim lhe inova o soffrimento exhausto.
Mas nem sempre, esperança incantadora,
Tens arte que hallucine os desgraçados.
Cançou de se fiar o ancioso amante
Nas vans consolações, nas vans promessas
Com que adoçavas o ácido veneno
Da teimosa paixão que o perseguia;
Cançou de se fiar, e abandonado
Ao agro desengano o peito afflicto,
A raiva em languidez se lhe converte.
Sempre encerrado na colmada estancia,
A gemer e a chorar, de dia em dia
O afanoso * Arenêo se vai finando.

* Afadigado, cançado, etc. O diccionario de Mo-

Amor, que do aureo throno, onde promulga
As despoticas leis, ve toda a terra,
Todos os corações, poz n'elle os olhos:
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,
E piedoso uma vez, e arrependido
Dos damnos que forjara ao môço triste,
Mudou de condição, quiz dar-lhe allívio.
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pousa
Ante o tugurio de Arenêo choroso,
Que, á porta reclinado, involto em ancias,
Com roucas preces invocava a morte.
« Esmorecido amante, (o deus lhe clama)
Que desesperação, que vil fraqueza
Tomou posse de ti! que é da ousadia,
Com que per entre as selvas acossando
Cerdosos javalis de agudas prêsas
Mil e mil vezes afrontaste a morte?
Fragil mulher te afraca, e te consterna!
Eia, recobra alento. Eu sou de Venus
O filho omnipotente, inevitavel,
Eu mando em corações, em pensamentos,

raes não aponta auctor classico que usasse d'este epitheto; nem eu me acordo de o ter visto em nenhum: talvez Bocage o composesse; porque n'outra parte disse:

> Qual *afanoso* Orestes
> Das furias acossado.

Eu sou auctor de bens, auctor de males,
E se dispuz teu mal, teu bem disponho.
A dura negação que d'antes víra
No rude genio teu para seguir-me,
E o desuso em que estou de achar quem próve
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,
Me instou a machinar-te o precipicio,
E logo da melhor de quantas nymphas
Á deusa das florestas se votaram;
Mas notando porfim como em teu peito,
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,
Quero atalhar-lhe o tragico progresso,
E comtigo applacado, affabil, pio,
Seccar teus prantos, serenar teus dias
De lugubre tristeza anuveados.
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,
Que rastejaste em vão per esses bosques.
Á hora, em que te fallo, á hora amena,
Em que o férvido sol no mar se apaga,
N'um fresco e puro lago é seu costume,
Por effeito da calma, e do conçaço,
Banhar sosinha os delicados membros;
Que, em virginal modestia requintando,
Nem permitte ás silvestres companheiras
Olhar-lhe nus os candidos thesouros,
E so tendo findado a lida agreste,
E dicto a deus ás mais, demanda o lago.
Approvo que lhes negue a doce vista
Das altas perfeições, de que é ciosa;

So compete essa glória aos meus mimosos,*
So a ti, meu valído, a ti somente.
Não receies o enfado, a resistencia,
O desdem pertinaz da inculta virgem,
O afêrro, com que exerce as leis de Cynthia:
São brãndas as que dou, crueis as d'ella.
Meu fogo, meu podêr, teus ais, teus prantos,
A natureza, os ceos por ti combatem,
Que nem Jove immortal de mim se esquiva.
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:
D'ella os bens, os bens d'elle extrahe a audacia,
O acanhado temor convem que expulses;
Exhaure os mimos, a ternura, as preces,
E se os mimos, se as preces, se a ternura
Baldadas forem, não o seja a fôrça.
Obstaculos não ha, que amor consinta,
Todos, todos per mim serão vencidos;
E se um de meus farpões, arremessado
Contra a nossa inimiga insana e bella,
Não vai ferir-lhe o coração rebelde,
Dispô-lo a teu favor, e amaciá-lo,
É por te não roubar a immensa glória,
O gôsto de a render, sem que eu te acuda

* Favoritos, protegidos, etc.

De Lusitania as musas mais fermosas
Vos devem, a tal conta, eterno canto;
Que será se de vós forem *mimosas?*

BERNARDES, Lima, pag. 242.

Com toda a força minha. Eia, não tardes,
Vem, que é proprio o lugar, e Amor te guia.»
N'isto, o facho invisivel sacudindo,
E com elle roçando-lhe no peito,
Desusado vigor, ardencia estranha
Ao froxo coração lhe communica.
Ja folga, ja se apresta, ufano e ledo
O cubiçoso amante, segue o nume,
Quasi igualando na carreira o vôo.
Por milagre de Amor, que o guia, em breve
Vence a longa distancia, avista o lago.
Jaziam na raiz de alpestre serra
As incorruptas aguas transparentes,
De que o vasto depósito arenoso
So tinha pouco fundo aope das margens.
Deserto era o logar, fechado emroda
De mistas densas árvores, e idoneo
Ao tímido pudor da virgem bella.
Antes de a divisar per entra as plantas
Amor e o socio, sem que os visse Argira,
Havia a casta nympha retirado
Do lago venturoso as alvas carnes,
E reposto as ligeiras vestiduras:
Assim do immaculado amavel corpo
A vedada recondita belleza
Teus olhos, Arenêo, não profanaram.
Co' a vista immobil nas immoveis aguas,
Á margem citerior do lago ameno
Abstracta reflectia a semidéa:

(Era a meditação talvez presagio
Do eminente perigo) ainda em terra
O formoso carcaz lhe reluzia,
Per onde agudas settas apontavam.
Amor, para frustrar-lhe a resistencia,
A distracção da nympha aproveitando,
Mais veloz que o relampago, e mais leve
Que os favonios subtís, adeja, furta
Os nocivos farpões no rico estojo,
(Tudo é facil a um deus, não foi sentido)
Torna com elle, occulta-o entre o mato,
E diz com mansa voz, com voz suave
Ao mancebo (que attonito ficára
Da vista incantadora) o que desejas
Alli tens. Sólta o freio a teus suspiros,
As lições, que te dei, vai pôr em uso.
Cála-se, e ja co' a mente em mais emprezas,
D'elle se aparta, some-se, voando.
D'éstas palavras Arenêo pungido,
Apressa para a nympha os passos move.
Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,
E, vendo-o ja propinquo, receiosa,
(Qual se fôra de um satyro assaltada)
Á aljava quer lançar as mãos de neve,
Mas da aljava o signal so ve na areia,
E, em subito furor arrebatada,
Indaque ao caçador pende dos hombros
Carcaz do seu diverso em côr e em fórma,
Se hallucina, se abstrahe, baldões profere,

De infame roubador, de vil o accusa.
« Não, não sou roubador (elle a interrompe)
Sou teu amante, escravo de teus olhos,
Víctima da ternura, e proseguindo,
Com vivissimo ardor lhe expõe, lhe affirma
As ancias, as saudades, os delírios,
Os males que soffreu, depois que a víra,
Ousa mais: de consorte a mão lhe pede,
Da austera írman de Phebo as leis condemna,
Jura que a lei de Amor so é ligada,
So conforme á razão e á natureza;
Blasona, ostenta de afouteza, e de arte,
Outro Orion * se diz, e per mil modos
Quer attrahir a indomita donzella,
Insta, para apiedar-lhe o genio duro.
Ella, que ouviu suspensa, e como absorta
As ternas expressões do audaz amante,
So, e não tendo alli com que puni-lo,
(Ja suspeitosa de amoroso insulto)
Em fogo os olhos, arrugada a testa,
Com raiva lhe gritou: « não mais, insano »
E á fuga se dispoz; mas o mancebo,
A que um tal desengano as ancias dobra,
Quasi fóra de si, lhe impede o passo,
E, depois que outra vez deu uso aos rogos,
Aos requebros, e aos ais, porém sem fructo,
As ternuras vertendo em ameaços,

* Caçador famoso na antiguidade.

Carregado o semblante, a voz pesada:
Insensivel! feroz! oh penha! oh tigre!
Oh barbara inimiga! (o cego exclama)
Se a amor não cedes, cederás á raiva.
Annue a meu desejo, a meus extremos,
Ou..... convulsa de horror ao som terribil
D'éstas vozes crueis, a semidéa
C'os vagos olhos todo o sitio corre:
Ve d'um lado a lagoa, a serra ingente,
E o frenetico amante do outro lado,
Ve que fugir não póde e n'este apêrto,
(Fitos nos ceos os maviosos lumes)*
« Oh leis augustas da immortal Diana!
Sanctas leis do pudor! dever sagrado!
A vós me sacrifico. » Assim fallando,
Arremessa-se ao lago a malfadada
Co'a pressa, com que o raio a nuvem rompe.
Ao vê-la baquear,** sumir nas aguas,
Subito acode o môço arrebatado.
O brunido carcaz, e o arco arroja,
Lança-se após a nympha, e mergulhando,
(Que as ondas qual delphim cortar sabia)
Depois de estar occulto alguns momentos,
O lindo corpo amado extrahe sem alma.
Eis, com elle nos braços sôbre a areia,

* Olhos.

**Não sei porque alguns hypercriticos estranharam este verbo em Bocage! elle é tam onomatopeico, e

Á desesperação, e á dor se entrega:
Ve-se auctor da tragedia lastimosa,
Sem lume os olhos ve, que lhe eram vida,
Ve na face macía e puro seio
Formosa a pallidez, formosa a morte;
Chora, soluça, applica os froxos labios
Á gentil muda boca, e n'ella imprime
Beijos... ah! beijos bem diversos d'esses,
Com que o sofrego amor se apraz, se incanta;
Até que supportar ja não podendo
O pêso da miserrima existencia,
N'um transporte, n'um impetu invencibil,
Co' a mão convulsa pelo peito enterra
Pontiagudo virote, e cahe, e expira
Juncto da nympha, que morrendo, abraça.
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,
Da catastrophe atroz foi dar-lhe aviso.

tem tam boas authoridades, que não merece esquecer-se.

Alli (os portuguezes) *baqueados* no chão,
se deixaram estar.

Couto, Dec. vi. liv. 2. cap. 8.

Chegando ao lugar determinado se *baquearam*
em terra, para não ser vistos dos mouros.

Jacinto Freire, pag. 147.

. . . . . Pela terra
A recheiada meza *baquearam*.

Diniz, Hys. pag. 102.

E o nume enganador, que acceso andava
Com guerra, em que alta glória obter podia,
Mal que ouviu no suspiro o triste annúncio,
Desistiu por então da grande empreza,
E ao theatro volveu do caso acerbo.
La, no horrendo espectaculo attentando,
Collige dos signaes e circunstancias,
Que de Argira o rigor e a pertinacia
Foram causa fatal da morte de ambos.
Dá-se por gravemente injuriado,
A sua omnipotencia a si convoca;
Avizinha-se aos dous, e por castigo
Da fera ingratidão, do amargo insulto
Em feia ran loquaz converte a nympha,
Para que no lugar, onde acabára,
Para que, ás mesmas horas, em que altiva
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gôstos,
Começasse a rogar, porém vanmente,
Com voz descompassada aos ceos vingança,
Tendo sempre em memoria azeda e viva
O seu antigo ser, e o lance infausto.
Ja se vai apoucando o niveo corpo,
Despe a côr, perde a fórma, e recebendo
Nova respiração, vozeia e salta
No lago crystallino. Amor emtanto
Pago, ufano de si, de estar vingado,
C'um ar piedoso a vista apenas lança
Ao mancebo infeliz, e o deixa e vôa:
Tam mesquinha em Amor é a piedade!

Indo a cruzar um prado, acaso á dextra
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,
E descortina* sobre a relva amena
A gozar da frescura em ocio brando
Delia** formosa co' as sequazes nymphas,
Ja descontentes de tardar-lhe a socia.
C'um íntimo despeito as olha, as mede,
E por dar-lhes pezar, por dar-se glória,
Librando-se nas azas côr de fogo;
Narra-lhe em breves empolados termos
Qual fôra a morte, a punição de Argira,
E nos ares, a rir, desapparece.
De lagrymas se banha o bello coro
Apenas ouve o deploravel caso:
Eis que de Apollo a irman lhes diz que a sigam,
E com ellas caminha ao fatal sítio,
De vingativo impulso estimulada.
Chega, observa na areia as tristes próvas
Da tragedia cruel, olha o virote
No peito de Arenêo todo entranhado,
E d'isto não contente, e ainda irosa
Da acção de Amor, e intrepidez do amante
Co' a nympha mais prezada, e mais pudica

* Descobre, observa, etc.

Os arredores do arraial sejam bem *descortinados* pela vista.

PEDEGACHE. tom. II. pag. 87.

** Diana.

De quantas pelos bosques a acompanham,
Para a desaggravar, para vingar-lhe
Tanto a transformação, como a virtude,
(Reparar não podendo o damno injusto,
Porque as obras de um deus nenhum desmancha*)
Portentosas palavras murmurando
Contra o corpo sanguento, o piza, o muda
Na ave importuna, que prevê desastres,
Diffunde agouros, aborrece o dia,
E, quando vem do lôbrego Occidente
A fusca noite semeando horrores,
Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,
Onde, em quanto arrancais, oh rans limosas,
Enfadoso clamor que atrôa os ares,
(Do que era, e do que amou saúdosa ainda)
Até que aponta no horisonte a aurora
Em voz desconcertada está carpindo
Seu miserando amor, seu negro fado.

BOCAGE.

* *Neque enim licet irrita cuiquam*
Facta dei fecisse deo.

OVIDIO, Met. liv. III.

A PALMEIRA.*

Do undante Nilo a rubida Pomona
Houve um filho e uma filha, ambos d'um parto;
Elle Oreno chamado, ella Palmira.
No ponto do seu triste nascimento
Sinistros corvos roucos grasnos deram,
Negro amentado lobo huivou tres vezes,
E igneo meteóro ardeu sôbre seus lares:
Os paes cheios de horror de agouros tantos,
Querendo os fados precaver, consultam
Sôbre o destino dos recentes gemios.
O equóreo vate que apascenta as focas.
Este, depois que prêso em rijos laços
Horriveis fórmas por soltar-se toma**,

* Julgo que o leitor imparcial não achará nas minhas metamorphoses menos verósimilhança e invenção que nas de Ovidio; n'ellas involvo a moral, mostrando o castigo da avareza, da indocilidade, da lascivia, do perjurio, e outros crimes tam nocivos á sociedade.

O Auctor.

** *Est in carpathio Neptuni gurgite vates,*
Cæruleus Proteus, magnum qui piscibus æquor
Et juncto bipedum curru metitur equorum.

Do nubloso futuro o veo rasgando,
A fatidica voz assim desata:

« Se ha pouco os olhos no universo abristes,
Quaes vossos crimes são, tenros infantes,
Para o ceo contra vós chover desgraças!
N'um louco terno amor ardereis ambos,
Que além da morte passará comvosco:
Sustos, horrores, oppressões, desastres,
Nunca abater farão vossa constancia.
Fugi, fugi um do outro, ó desditosos!
Porque logo que virdes coroado
Vosso impudíco incestuoso affecto,
O extremo golpe soffrereis da parca,
E os proprios deuses mostrarão piedade,
De vosso triste desastrado termo. »

Hic nunc Emathiæ portus, patriamque revisit
Pallenen: hunc et nymphæ veneramur, et ipse
Grandævus Nereus: novit namque omnia vates,
Quæ sint, quæ fuerint, quæ mox ventura trahantur
Quippe ita Neptuno visum est, immania cujus
Armenta, et turpes pascit sub gurgite phocas.
Hic tibi, nate, prius vinclis capiendus, ut omnem
Expediat morbi causam, eventusque secundet.
Nam sine vi non ulla dabit præcepta, neque illum
Orando flectes: vim duram et vincula capto
Tende: doli circum hæc demum frangentur inanes.
Ipsa ego te medios cùm sol accenderit æstus,
Cùm sitiunt herbæ, et pecori jam gratior umbra est,

Disse, e escapando aos laços que o prendiam,
Per entre as vagas subito se esconde.
Os ternos paes de mágoa e dor feridos
Ouvindo a sorte dos gentis infantes,
As leis pretendem prevenir dos fados;
Esperam que dous lustros se completem,
E á casta Delia a tenra filha votam,
E o filho exulam para estranhos climas.
Mas quem foge aos decretos do destino?
Quem póde contra o fado oppor barreiras?
D'um sympathico amor victimas ambos,
Ambos feridos per crueis saudades,
Afim de se gozarem tudo emprendem.
A triste ausencia, das paixões verdugo,
Mais as chammas de amor lhes sopra n'alma.
Quantas vezes Palmira n'alta noite

In secreta senis ducam, quo fessus ab undis
Se recepit; facile ut somno aggrediare jacentem.
Verum ubi correptum manibus, vinclisque tenebis,
Tum variæ illudent species, atque ora ferarum:
Fiet enim subitò sus horridus, atraque tigris,
Squamosusque draco, et fulvá cervice leæna;
Aut acrem flammæ sonitum dabit, atque ita vinclis
Exidet; aut in aquas tenues dilapsus abibit.
Sed quantò ille magis formas se vertet in omnes,
Tantò, nate, magis contende tenacia vincla;
Donec talis erit mutato corpore, qualem
Videris, incœpto tegeret cùm lumina somno.

VIRGILIO, Georg. liv. IV.

Em busca do fraterno ausente amante,
Errando per medonhos densos bosques,
Foi dos lascivos satyros corrida!
Quantas vezes ligada a rijos troncos,
Sendo colhida na teimosa fuga,
Provava as íras da feroz Diana!
Ora exposta ao calor do intonso Phebo,
Quando aprumo dardeja os igneos raios;
E ora vendo rasgar seus alvos membros
Com flagellos de silvas espinhosas!
Ja suspensa nos ramos pelas tranças,
Ja cuberta de injúrias, e de affrontas!
Porêm seu genio indomito e constante,
Ao pêso sotopôsto dos tormentos,
Em vez de se abater, fôrças tomava.
Emtanto Oreno, de si proprio alheio,
Morto de amores, de saudades morto,
Ais impacientes com fervor soltava:
A um louco phrenesi de amor entregue,
Foge do lar que o exula* de quem ama,
E intenta prescrutar o mundo inteiro,
Até que a nympha, por quem arde, encontre.
A precipicios horridos exposto,
Exposto á furia de famintas feras,
Ja barreiras transpõe, montes alpestres,
Ingremes serras cruza, aridas brenhas,
Inhospitos sertões, areiaes ardentes,

* Desterra, expelle, etc.: vem do latim *exul*.

Até que as vagas por limite encontra:
Mas sem que ao pêso de oppressões se abata,
Fazendo a Venus sacrificios, votos,
Ei-lo em fragil baixel se entrega ás ondas:
Com longos remos fere o mar, levando
O acaso por govêrno, o amor por norte.
Denso negrume emtanto enlucta os ares,
Sôltas procellas furiosas bramam,
Rebenta o mar em flor na aguda proa
Do curvo lenho que os tufões sossobram,
E em negras rochas, onde as vagas fervem,
Em mil pedaços se lhe torna o lenho:
Mas sem que o triste na constancia afroxe,
A fragil vida salva sôbre um remo:
O vento o arroja sôbre as fundas praias
Que ás fugas do seu bem termo teem pôsto.
De novo cruza serranías arduas,
De novo arrosta ignotos precipicios:
Mas ja o ponto lastimoso chega
Escripto no volume da ímpia sorte,
Em que se hão de cumprir as leis do fado.
O louco amante, de si proprio alheio,
Tristeza e gôsto sente n'alma a um tempo.

Guiado pela mão do atroz destino,
Entra n'um verde solitario bosque
Onde Palmira fatigada á sombra
Da nova fuga descançava os membros.
Morpheu na ideia á misera pintava

Entre scenas de mágoa o terno amante,
E tanto horror lhe dava o sonho horrivel,
Que erguendo a voz bradava: *Oreno*, *Oreno!*
Oreno, *Oreno* os echos repetiam;
E Oreno, ouvindo resoar seu nome,
De susto e gôsto esfria e titubeia;
Nova esperança lhe alvoroça o peito;
Triste alvoróço * o coração lhe assusta:
Corre, procura, indaga o bosque inteiro,
Até que a nympha suspirada encontra.

Que transporte! que susto! que alegria!
Elle subito a abraça, elle a desperta;
Elle de beijos férvidos a cobre;
Palmira duvidosa, alvoroçada,
Crendo-se indigna de ventura tanta,
Inda o que vendo está julga que é sonho;
Aperta o caro irmão, une-o a seu peito,
Sente-o, goza-o, conhece-o, não duvida,
Franqueia-lhe a alma... e o resto lhe franqueia.
As árvores que emtôrno o incesto víram,
De horror os ramos para o chão curvaram;
Murchou-se a relva, que pizaram ambos;
Ave agoureira lhe piou deroda,
Triste presagio de propinquos damnos.
Emtanto soam nos fragosos montes

* *Alvoroça* e *alvoróço*, claudicam na harmonia.

De velozes libreus* crebros latidos;
A casta deusa venatoria assoma
Com farpas duras perseguindo as feras.
Os dous amantes em prazer ondeando,
De nada tino dão, de nada cuidam,
Tremulos froxos ais soltam convulsos:
Diana os ouve, e os ve, furiosa os chama,
E Oreno a si d'um extasi tornando
A fuga emprende com terror da deusa.
Palmira, em tanto horror, menos sentindo
Perder a vida, que perder o amante,
Vai Oreno chamar; eis cega d'íra
Lhe vibra a deusa ao peito um ferro agudo
Que leva a morte na cruenta ponta;
A voz lhe fica na garganta prêsa,
E do nome de Oreno a desditosa
O *O* somente inicial soltando,
Entre os labios com elle a vida exhala.
Doído Jove de seu fado acerbo,
Em honra á deusa que a trouxera ao mundo,
Em árvore converte a infausta nympha,
Que Palmira ou Palmeira inda se chama.
Oreno apenas soube a scena horrivel,

* Galgos, cães de fila.

. . . . . Qual javali cerdoso,
Que retirando-se, aos *libreus* se vira.
SA DE MENEZES, Malaca, liv. XI. est. 34.

Pedindo aos deuses uma igual mudança,
Furioso rasga o coração e expira.
Jove igualmente em árvore o converte,
Dando-lhe nome igual, e igual figura.
Mas quanto as leis dos fados são penosas
Logo que alêm da morte se transmittem!
Em troncos duros convertidos ambos
Inda em amor se abrasam mutuamente;
Inda a indomavel condição conservam.
Por isso, como o pêso das fadigas
Nunca pôde abater sua constancia,
Debaixo os ramos seus do maior pêso,
Em vez de se abaterem, se levantam:
Symbolo da constancia nos trabalhos,
Os heroes por tropheo e ínsignia os tomam.
E inda é tam forte o amor da malfadada,
Que apezar da cultura, ou longos annos,
Sem ter o irmão defronte não dá fructos;
Nos caroços dos quaes se ve gravada
A letra inicial do nome *Oreno*,
O *O* derradeiro que soltou dos labios
No instante em que findou seus curtos dias.

B. Curvo Semedo.

Heroicomicos.

O GENIO
DAS BAGATELLAS.*

Nos vastos intermundios de Epicuro
O gran' paiz se estende das chymeras,
Que habita immenso povo, differente
Nos costumes, no gesto e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda

* O Hyssope goza e sempre gozará das honras de poema classico. Não tem phrase, nem expressão que não seja de natural cunho portuguez. Se o auctor adoptou alguns termos estrangeiros, v. g. *aremes*, *corbelhas*, *bougias*, *compotas*, etc. o mesmo fizeram os nossos maiores de melhor nota. Cousas que em tempos antigos não eram conhecidas, nome não podiam então ter de certo: uma vez admittidas, nome devem ter, e a nossa lingua lh'o deve imprimir, derivado do que teem no paiz d'onde as recebemos,

Aos vaidosos mortaes as várias fórmas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras;
Unico emprêgo de cabeças ôcas.
Trezentas bellas caprichosas filhas,
Presumidas a cercam, e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica van philosophia,
Que os claustros innundou; e que abraçaram
Até á morte os perfidos Solipsos *
Daqui saíram a infestar os campos
Da bella poesia, os anagrammas,
Labyrinthos, acrósticos sonetos,**

e o mais consoante possivel ao genio de nosso idioma. Assim o prescreve Horacio, que bom juiz é em gôsto, lingua e poesia:

Adsciscet nova, quæ genitor produxerit usus.
. . . . *Latiumque beabit divite lingua.*
Horacio, Epist. liv. II. ep. 2.
T. L. V. . . . . .

* Palavra composta das duas latinas *solus* e *ipse*, que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome de *egoísta*. Melchior Inchofer, jesuita alemão, é o inventor d'essa expressão que produziu, para designar per ella os padres, geral, chefes, e regentes da companhia de Jesu.

** Em alguns manuscriptos, e nas duas edições que antes d'ésta se publicaram, lia-se *segures* em

E mil especies de medonhos monstros,
A cuja vista as musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas gruttas do Parnaso.
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burletta, que tyranna
Do theatro desterra indignamente
Melpomene, e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da nação castrada. *

Do denso povo, que o paiz povoa,
Um com pródiga mão ricos thesouros,
A trôco d'uma concha ou borboleta,
Ou d'uma estranha flor que represente
As vivas côres do listrado Iris,
Dispendem satisfeitos: outros passam,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo Lacio antigos manuscriptos,

vez de *sonetos*. Eis o que Francisco Manuel escreveu ao edictor acerca d'ésta palavra:

« *Segures* eram certas composições mui tolas, em que as prosas ou alcunhados versos, tomavam a fórma d'uma *segure* ou machado, etc. como ha exemplos nas que se podem ver n'um gordo livro em-4°, que Fr. Francisco da Cunha, *augustiniano*, imprimiu á custa da raínha mulher de D. João v. — *Elogio da raínha de Hungria* —

* Os italianos.

Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do—H—sobre a pronúncia; ou se se deve
A conjunção unir ao verbo, ou nome
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente !) inutilmente
Compoem grandes Iliadas,* e tecem
Aos vaidosos magnatas mil sonetos,
Mil pindaricas odes e epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças disgraçadas
Não bastam a curar tres Antyciras **,
Abrasados se crêem d'um sancto fogo,
E ter commércio com os altos deuses:
Senhores da aurea fama e seus thesouros,
Se inculcam aos heroes, e em seus delirios,
Se julgam mais felizes e opulentos
Que o grande imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cubertos de baldões, e de improperios

* Isto é maus poemas, como v g. a *Henriqueida*, a *Joaneida*, e outros mais.

** Ilha d'Eubea, hoje chamada Negroponto: era célebre entre os antigos, em razão do helleboro que produzia, e a que elles attribuíam a grande virtude de desterrar a melancholia, e de restituir a seu siso os que eram affectos de loucura; fosse qual fosse o genero ou grau d'ella. Horacio disse:

Si tribus Anticyris caput insanabile nunquam.

Dos ricos ignorantes, e dos grandes,
Com mofa e com desprêzo, são olhados.

D'este pois populoso e vasto imperio
Em paz empunha o sceptro poderoso
O Genio tutelar das Bagatellas.
N'um magestoso alcaçar, que se eleva
Com estranha structura, até ás nuvens,
Assiste o grande nume; e d'alli rege
A lunatica gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro tôrres de lata se levantam,
Do capricho obra em tudo muito prima,
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio
Do seu imperio os principaes dynastas.

N'um vistoso salão, todo cuberto
De papel prateado e lantejoilas,
Se ajuncta a grande côrte; e alli per ordem,
Assentando-se vai: aos pés do throno
De alambres e velorios embutido,
A lisonja se ve, e a excellencia;
Segue-se a senhoria, e abaixo d'ella,
O dom surrado, as grandes cortezias,

O whist, o trinta-e-um, os comprimentos;
E logo a vampirismo, os sortilegios,
Os sylphos, salamandras, nymphas, gnomos,
E os outros genios da subtil cabala *
De mil vans ceremonias rodeiada,
Os assentos reparte a precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla:
« Illustres moradores d'este excelso
Magnífico palacio, bem sabido
Ja ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto genio, a nossa côrte,
Ao gran' prelado, que as ovelhas pasce
Dos elvenses redís: notorio a todos
Sem dúvida vos é, como pospondo
Das funções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas, so se emprega
Em cousas vans, ridiculas e futeis.
A corrupta, mas real genealogia,
O rôxo-tercio-pêllo dos sapatos,
As pedras que lhe esmaltam as fivellas,
A preciosa saphyra, a linda caixa,
Onde, (sobre Amphitrite que tirada

* É uma d'aquellas loucuras que com o nome de sciencia tem acommettido, em diversas epochas, a triste humanidade. Os judeus hellenistas foram os inventores d'essa especie de *giria*, a que deram o sublime nome de *sciencia occulta*.

De escamosos delphins, n'uma aurea concha,
Os verdes campos de Neptuno undoso,
Cercada de tritões, nua passeia)
Do famoso Martin * o verniz brilha;
Seu emprêgo so são, e seu estudo.
Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda
Á minha divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho,
Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Dar á sua vaidade um novo pasto.
Que a uma escusa porta o Deão saia,
C'o Hyssope, a espera-lo, determino.
D'este meu parecer quiz dar-vos parte,
Não so para escutar os vossos votos,
Mas para que saibais e fiqueis certos,
Que a côrte não fazeis a um nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio congresso o seu dictame,
Um sussuro no cônclave se espalha,
Ao do zephyro em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bella Flora segue, que travêssa
Ca, e la, entre as flores, se lhe furta.

Diniz, *Hyssope*.

* Era um torneiro em París, nomeado pelo verniz e burnimento que dava ás caixas de tabaco, carruagens e outros trastes que saíam de sua fábrica.

O DEÃO NA CÊRCA
DOS CAPUCHOS.

Sobre uma agra montanha, que se estende
Em pequena distancia, dos suberbos
Guerreiros muros da triumphante Elvas,
O célebre convento se levanta.
Aqui, da molle inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia, se ve cem padres graves,
Ex-guardiões, ex-porteiros, ex-leitores,
Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos
Pelas artes subtis, pela ardileza,
Com que forçado teem o sp'rito-sancto,
Nos rixosos capitulos, mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
D'estes tambem no meio, alli se encontram
Do gordo badulaque ex-cuzinheiros,
Na fumosa cuzinha, entre as tisnadas
Certans fuliginosas e marmitas,
Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,

Chega o Deão, a tempo que o porteiro
A porta da clausura prompto abria;
E vendo do Deão a gran' fadiga,
D'ésta sorte lhe diz, sobresaltado:
« Que é isto, meu senhor? Que estranho caso
Aconteceu a vossa senhoria,
Que per baixo de calma tam intensa,
Á nossa casa o traz tam afrontado?
Matou acaso algum dos seus collegas?
Roubou a sacristia? ou, do diabo
Tentado, violou alguma virgem,
E asylo vem buscar na nossa igreja?»

— «Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!
Me succedeu; (o Lara lhe replica)
Ao padre-guardião somente quero
N'um negócio fallar, se for possivel.»

— «Inda bem: pois cuidei que era outra cousa;
(Lhe torna o bom porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.

« O padre-guardião, antes das cinco,
Não costuma da sésta levantar-se;
Mas, por servir á vossa senhoria,
A desperta-lo vou; no emtanto póde
La na cêrca esperar, tomando o fresco.»

Isto dizendo, ao dormitorio sóbe;

E o Deão, caminhando para a cêrca,
Com outro reverendo, acaso tópa,
De gran' barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta e acompanha.

Quiz então a fortuna, que este fosse
Um dos padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, ex-leitor e jubilado,
De todos o mais docto, excepto o Arronches,
Pregador de gran'fama, na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo
Que n'ésta sancta casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, junctos se lhe off'recem
As areiadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cubertas, e que, emtôrno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na statua que primeira alli se encontra,
Pergunta ao Jubilado: « Quem é este
Monsieur París? segundo diz a lettra,
Que per baixo, na base, tem aberta:
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi francez, e talvez cabelleireiro,

Inventor do topete que o enfeita. »

— « Páris, e não París diz o lettreiro,
(Circunspecto lhe volve o padre-mestre)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa ;
Mas em Troia nasceu de stirpe régia. »

— « Pois, se Francez não foi (replica o Lara)
Como monsieur lhe chamam ? »—C'um surriso
Lhe torna o padre-mestre : « Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo :
Aope de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tractam de monsieurs os Portuguezes.
Isto, senhor, é moda ; e como é moda,
A quizemos seguir ; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que françez sabêmos. »

—« De tanto pêso pois (lhe volve o Lara)
É, padre-jubilado, per ventura,
O saber o francez, que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas reverencias ?
Per acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sabios ?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o francez, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos selvagens Boticudos. »

—« Não diga. senhor, tal ; que n'este tempo,

Ó Tempos, ó costumes! (diz o padre)
O saber o francez é saber tudo.
É pasmar ver, senhor, como um pascasio,*
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doctos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a sancta theologia,
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoto,**
Aos Baconios,*** aos Lullos,**** e a mim proprio.

* Palavra composta, e bem como outras muitas singularmente nossas, derivada das gregas πᾶς, α, ᾶν *adj.* que segnifica *todo*, e do verbo σκάζω, que em sentido physico e moral, lembra o defeito de *coxear*, *claudicar*, etc. *Pascasio* quer dizer, homem que *todo*, ou em *tudo* coxeia, manqueja ou claudica; seja de corpo, seja de juizo, ou seja emfim, em mesclar a sua lingua com expressões escusadas, e quasi sempre improprias, que, per affectação, vai buscar a idiomas que mal conhece: o que é próva incontestavel de cabal tolice.

** É assim chamado por ter sido Escossez: nasceu perto de Berwick n'uma pequena villa que tem nome de Dustan ou Duns.

*** Roger ou Rodrigo Bacon nasceu em 1214 no condado de Sommerset em Inglaterra. Foi na verdade homem superior ao seculo em que viveu, e merece a attenção do nosso. Buscando o socêgo que requer o estudo da natureza, entrou na ordem de san' Francisco, e n'ella fez seus votos.

**** Reimundo Lullo nasceu em 1235, na cidade de

D'ésta audacia, senhor, d'este descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias,
É a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções que merecem ser queimadas!)*
Em mil termos e phrases gallicanas;
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Saíssem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos varões, que com a penna,

Palma, capital da ilha de Maiorca Não se sabe se foi frade, ou meramente irmão terceiro da *Seraphica*: escreveu innumeraveis volumes sobre diversas materias, em estylo cabalistico : e por isso no seu tempo considerado foi como um grande doctor.

* Commetteram-se traducções de várias obras e tractados (que parece teriam extracção) aos aventureiros, que se presumiam capazes de similhante empreza, ou elles mesmos as offereciam, sem esperar que os rogassem; e nas circunstancias presuppostas, sendo taes traducções feitas muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela presumpção, sahiam taes como se podia esperar. Apparecia no público mais um livro novo em linguagem da moda. Das lojas dos livreiros e botequins saíam os votos das obras traduzidas, e recommendações aos desejosos da fructa nova. Se era uma collecção de sermões passava ás mãos de pregadores principiantes; se era uma historia ou novella ou obra de theatro, servia de recreação ao cavalheiro, e ao escudeiro curioso. Os

Ou com a espada e lança, a patria ornaram;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos auctores;
(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios)
Subito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofála ou Moçambique;

dogmatistas, que liam o francez, não deixaram de chegar-se ás versões dos tractados, pelo convite de alguma nota aqui ou alli, ou simplesmente pelas inculcas, que deu o impressor no aviso ao público. Ninguem la se embaraçava com gallicismos, nem se enojava dos termos ou phrases improprias que iam involvidas no contexto. Applaudia-se a linguagem por ser nova, sem se advertir, que era barbara ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, não havia cousa mais ordinaria, que o dizer-se em tom decisivo: *Isto é bello : est' outro está bem fallado :* tomando cadaqual por bello e bem fallado o mesmo que não intendia. Mas quem dicesse o contrario era idiota raso ou pedante, ou não tinha bom gôsto. Calásse a boca quem intendia o que vale nas linguas a analogia, os privilegios do uso, a fôrça da authoridade. Não se disputasse sobre pureza de linguagem, propriedade de expressões, e regularidade de idioma. Ninguem diria : *Nunca assim fallaram os nossos avós ; nunca assim escreveu Andrade, Souza,*

Até que ja, porfim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Per tam estranhos modos, afrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.

Mas elles teem disculpa ; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga ;
Sem saber o que escrevem, escrevendo,
Buscam d'ella o remédio, e como logram

Vieira, *Camões*, etc. ; estava certa a treplica : *Esses teem phrase rançosa ; escreveram para o seculo dos Afonsinhos ; isto agora é portuguez moderno.* O que mais admira é, que muitos homens doctos e versados nos nossos auctores, que não deixaram de conhecer ésta desordem, se deixaram (não sei como) levar da torrente, e abraçaram as francezias, querendo mais comprazer com o gósto dos insensatos, do que seguir a prudente austeridade do pequeno número dos censores judiciosos : e o peior é que o seu exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de authorizar e propagar a corrupção, principalmente nos pulpitos, onde (por desgraça nossa, e a maior dos mesmos pregadores) a doctrina de Christo ja por moda custuma ter mais de phrase franceza, que de phrase evangelica. D'alli pois é que o povo aprende com a doctrina os vocabulos, ou (o que é mais commum) aprende os vocabulos sem doctrina, e tanto mais perversamente se insinúam n'elle, quanto mais loucamente os applaude sem os intender.

MEMOR. DE LITTERAT. PORTUG. tom. IV, pag. 463.

Os fins de seus intentos ; o que escrevem ,
Seja ou não portuguez , isso que monta ?
Quem desculpa não tem , nem a merece ,
É quem vedar-lh'o deve , e não lh'o veda.
Mas por ora deixemos éstas cousas ,
Que o mundo corrigir a nós não toca.

« Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos que o phrygio Xantho corta ,
Guardando , em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno e Pallas, entre si, com Venus ,
Sobre a belleza , um tempo, sustentaram ;
No qual não sei porêm, se com justiça ,
Deu a favor de Venus a sentença ,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançara n'um banquete.

—« Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar : (lhe volve a Lara)
Mas o tal monsieur Páris foi um asno ;
(Perdoe a sua ausencia). Se na causa ,
De ser juiz a sorte me coubera ;
Daria mal ou bem minha sentença ,
Conforme o meu bestunto me ajudasse ,
Sem em nada gravar a consciencia ;
Mas a maçan havia d'eu papa-la ,
Pelas custas, porcerto : e quando muito ,
Daria á vencedora d'ella as cascas.

Mas, diga-me, meu padre-jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa e penteado?»

—« Essa é boa! (replica o reverendo)
Pois parece-lhe a vossa senboria,
Que lhe bastava o sêcco tratamento
De monsieur, que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra?»

—« Essa razão me quadra (diz o Lara)
E ésta madama Helena (continúa)
Que d'elle está defronte, per ventura
É Troiana tambem, ou é Franceza,
Como do penteado mostra o gôsto?»

—« Não foi, senhor, Franceza, nem Troiana;
(Responde o padre-mestre) d'alto sangue,
Em a Grecia, nasceu; e no seu throno
Esparta um tempo a viu: mas sceptro, spôso,
A patria, a fama, a glória d'alta stirpe,
Tudo deixou por Páris.
—« Pois que o spôso,
A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,
Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
Valente marafona foi por certo,
A tal madama Helena! E quem foi ésta?
Diz a lettra, madama Penu-Lopes,

(Proseguia o Deão) talvez sería
Tam boa, como ess'outra?»
— Essa (responde
O docto Jubilado) é d'outra laia.
A famosa Penelope foi ésta,
Do conjugal amor, da fe jurada,
Do sagrado hymeneo nas castas aras,
Um perfeito exemplar, grande matrona,
Boa mãe-de-familias, e estremada,
Entre a mais de seu tempo, tecedeira.
N'uma têa gastou mais de dés annos... »

—« Que lhe diz, padre-mestre? Está zombando!
(O Deão aturdido lhe replíca)
Em urdir e tramar uma so têa
Dés annos consumia a tal madama!
E diz-me que foi grande tecedeira?
A minha ama... e mais é uma zoupeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes:
E comtudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sabichona n'este officio. »

—« N'isso mesmo é que esteve a habilidade,
(O padre lhe tornou) poisque de noite,
O que obrava de dia, desmanchava.»

— « Peior! (diz o Deão) Isso é o mesmo,
Que para trás andar, qual caranguejo.
Jurarei em cem pares de Evangelhos

Que essa mulher perdido tinha o siso. »

—« Perdido o siso! Que galante cousa!
(O padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se viu tam atinada
E digna de passar á eternidade
Sôbre as azas da posthuma memoria.
Foi prudencia, senhor, o que loucura
A sua phantasia lhe figura.
Pois se assim practicava, era somente
Por enganar (em quanto o caro esposo
Da prolongada ausencia não volvia)
Cansados rogos de importunos procos *
Que aspiravam do seu consorcio á glória.
Arachne, que Minerva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella; certamente
Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Como é isso? (o Deão diz assustado)
Pois, salvo tal lugar, um homem póde.

* Cicero e outros classicos latinos fizeram emprêgo da palavra *Procus* : mas Diniz a tomou certamente de Horacio, e applicou-a, como este, aos que sollicitavam a mão e o throno de Penelope :

Non te Penelopen, difficilem procis,
Tyrrhenus genuit parens.

Liv. III, od. 10.

(Isto fallando, todo se persigna)
Ou póde uma mulher em feio bicho,
Ou animal quadrupede, mudar-se ? »

—« Isto fabulas são, com que os antigos
Quizeram explicar aos seus vindouros
De muitos animaes a indústria e arte;
E além d'isso ensinar, que ás divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer possa, quem duvída ?
(Dizia gravemente o dòcto padre)
Não fallo agora das antigas Lamias,
Que inteiros enguliam os meninos,
De Circe, de Medea, nem de Alcina,
Ou da velha Canidia, de quem conta
O bebado de Horacio as nigromancias.
Todos sabem, que todas éstas bruxas,
Em ossudos leões, manchados tigres,
Em ardidos ginetes, negros ursos,
Ou em toupeiras vis, vis musaranhos,
A seu sabor, os homens convertiam.
Além d'isso, Apuleio * nos informa,

* Philosopho da eschola platonica : viveu no segundo seculo de nossa era, e sob o imperio dos Antoninos. Foi natural de Africa, viajou per muitos paizes, e veio a Roma, onde depois de aggregado ao collegio dos sacerdotes da deusa Isis, advogou causas suas e alheias; professou philosophia e eloquencia, e escreveu várias obras, umas em grego, outras

Que, per malicia d'uma certa Fotis, *
Em asno, n'um instante, se formara,
E como asno passara mil trabalhos.
Não tem ouvido vossa senhoria,
Ruidosos cães uivar, la na alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uivos,
Senão, que anda no bairro lobis-homem,
Ou homem, por fadario, transmudado
Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?»

— «Sancto bréve-da-marca! (aqui exclama
O farfante Deão, de temor cheio;
E logo proseguiu.) »Se minha estrella
Ordenado me tem, que per incantos
De alguma feiticeira ou nigromante,
Em fero bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, sanctos ceos! ao fado praza,
Que, antes do que em sendeiro lazarento,
Em brioso cavallo, elles me mudem:
Pois assim poderei, inda algum dia,
A sorte vir a ter de ser pae d'egoas.
Que bons potros darei da minha raça!
Mas, se muito julgais o que vos peço,

em latim. N'ésta última lingua compoz a fabula ou metamorphose, a que deu o nome de *Asno de ouro*, (*Asinus aureus.*)

* É no *Asinus aureo* a feiticeira agente, em seu prol e prazer, no decurso de toda a metamorphose.

Aomenos concedei-me, que em fuinha
Ou matreira raposa me transtornem;
So para do bispo ir ao gallinheiro,
De quantas aves tem a dar-lhe cabo. * »

Socegado o Deão do seu espanto,
Ao bom padre pergunta : « E quem é este
Circunspecto monsieur que ca se enxerga ? »

—« Esse que ahi está, nem mais, nem menos,
É o facundo decantado Ulysses,
De madama Penelope marido :
De todos quantos gregos aportaram
Da neptunina Troia ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres idades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Ilion, per suas traças,
E da altiva cidade so ficara
O campo, em que imperiosa antes estava,**
Voltando á patria amada, carregado
De altos despojos da immortal victoria,

* Esta falla do Deão é uma obra prima de chistosa simplicidade. Poucos lugares, talvez, se achem no *Lutrin* de Boileau, mais originaes, e escriptos em tam faceto estylo.

** *Et campos ubi Troja fuit.*

VIRGILIO.

De Neptuno soffreu a cruel sanha,
E dos ventos e vagas açoutado,
Undívago correu per longos mares,
Vendo de muitas gentes as cidades,
As várias artes, os costumes vários,
Até que levantou, na foz do Téjo,
A raínha do mar, Lisboa invicta.»

— « Oh grande fundador da minha patria,
(Aqui brada o Deão) se mãos tiveras,
E se pernas e pés te não faltaram,
Os pés e mãos humilde, te beijara!
Mas se manco e maneta aqui te vejo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face.»
Disse: e ao collo, furioso se lhe lança,
E na face tres beijos lhe pespega.

Passado este pequeno enthusiasmo,
O Lara, proseguiu: «E aquell'outro,
Que do jardim no meio se impertiga
Com cara de ferreiro, é por acaso
O grande Ferrabraz de Alexandria?
Ou Galafre da ponte de Mantible? *

*Veja-se o capitulo 10 do livro II, e o capitulo XXII do mesmo livro, na decantada historia do *imperador Carlos Magno, e dos doze Pares de França.*

— « Esse (responde o padre) foi Alcides,*
Cujo tremendo braço, cujos feitos
Hade, por certo, vossa senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso padre Arronches.

—« Engana-se, senhor: (O Deão volve),
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;
E postoque, no côro, muitas vezes,
Em razão d'ésta minha dignidade,
A meu pezar, alguns ouvir eu deva;
Em quanto o padre grita, estou dormindo:
Pois d'outra sórte disfarçar não pósso
A fome que me attaca a essas horas.
Se eu algum dia for eleito bispo,
(Como esperar me faz o regio sangue
De Lara, que nas veias me circula)
Ja, desde aqui, meu padre, lhe prometto,
Que estes sermões desterre do bispado;
E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De pregar, lhe darei prompto remédio:
Mandarei, que cumprindo seus desejos,
Vá prégar aos hereges e gentios,
Que o prémio lhe darão do seu trabalho;**

* Em Lisboa corre um livro impresso com o titulo de *Hercules da igreja;* e esse Hercules é san' Domingos.

**Allude, talvez, aqui o poeta, entre outros missionarios, a Reimundo Lullo; o qual pretendeu, pela

E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve, per uso, o povo e não intende,
E a pagar vem, perfim, por alto preço ;
Dando (cousa que muito a mim me espanta)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.
Sermões ? — E quando quer jantar a gente ?
A fome so augmentam, causam somno.
Mas, tornando, meu padre, ao nosso ponto,
Este Alcides, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos.

—« Foi amigo de môças ? Que tem isso ?
Ve-me aqui ? pois com ter mais de settenta,
(Dizia o Jubilado) nem por isso
Onde quer que as eu topo, lhe perdôo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa !
(O Deão exclamou) ó quanto pejo
Me custa, padre-mestre, o confessa-lo !
Outro tanto de mim dizer não posso ,
E comtudo não passo dos sessenta ;
Mas isso é do burel virtude innata.

fôrça de sua logica, converter os mouros de Africa : estes premiaram o seu zêlo com tanta pedrada, que deixado por morto, foi recolhido a bordo do navio que a tam sancta expedição o levara, e n'elle morreu antes de chegar á sua patria.

Agora pois, se á vossa reverencia
Pesado lhe não for, dever quizera
Que d'este traficante toda a história
Me referisse; pois, segundo penso,
Hade ser vária e muito divertida.
Lembra-me a mim, que sendo inda estudante,
Do bacharel-trapaça, e peralvilho
De Cordova*, a história portentosa
Ouvi ler (por signal, que por ouvi-la,
Na classe pespeguei valentes gazios
A um clerigo vizinho, bom poeta,
Que sabía o Borralho** todo inteiro,
E tinha uma escolhida livraria;)
E confesso-lhe, padre-jubilado,
Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
Cousa, que ca no goto mais me désse. »

— « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto
(O padre lhe tornou, e assim começa:)
Este grande varão Alcmena e Jove
Teve por paes, aindaque gran' tempo
Do forte Amphitrião passou por filho... »

— « Com que, de mais a mais o tal Alcídes
De barregan foi filho?... Ávante padre,

* Engraçadissima novella que (se não me engano) vem n'um dos tomos da constante Florinda.

** Auctor de uma indigesta arte de versificação.

Que o comêço promette grandes cousas. »
(Diz o Deão,
— E o padre proseguia :)

« De tantas fôrças foi, logo em nascendo,
Que inda elle não contava bem dés mezes,
Quando, em lugar de bêrço, repousando
N'um escudo de cobre, que a Pterelas*,
Amphitrião ganhara batalhando,
Duas cobras, mais grossas que um madeiro,
Que entraram a papá-lo surrateiras
No silencio da noite, per mandado
De Juno, que em ciumes se abrasava,
Rompeu, espedaçou com mais presteza,
Do que eu trinchar costumo uma gallinha,
Quando, com fome estou, na nossa cella :
Digo—na cella—; pois no refeitorio
Ésta ave nunca entrou; que n'elle reina
Somente o bacalhau, e talvez podre.
Depois, sendo mancebo, a estrebaría
De Augías** alimpou; façanha grande!... »

* Rei dos Thelebanos.

** Rei da Elida. Concertou-se com Hercules de lhe dar a decima parte de seu gado, por lhe alimpar os seus curraes, cujo estêrco inficionava os ares. Hercules encaminhou para alli (a fim de o podêr conseguir) as aguas do rio Alpheu; depois matou o dicto rei, que lhe denegara o seu salario, e deu os seus estados a Phyleu, seu filho.

— N'este ponto o Deão ter-se não póde
Sem que ésta sábia reflexão fizesse:
« Filho de barregan! môço de mulas!
Vejam de que relé era a criança! »

— « Logo (prosegue o padre-jubilado)
Fez maiores acções; um leão fero
Na floresta Nemea cara á cara
Destemido afrontou; e lhe machuca
Com a pesada massa o duro casco..... »

Aqui chegava o padre em sua história,
Quando o esperto Deão, á porta vendo
Da cêrca o Guardião que a vê-lo vinha,
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao Guardião gritando: « Appéllo, appéllo
Perante vossa sábia reverencia,
Varão constituido em dignidade,
Da affronta que me faz o meu cabido,
Pretendendo com mulctas constranger-me
A vir apresentar ao gordo bispo,
A uma porta escusa, o sancto Hyssope.
Peço tambem com todo o acatamento
Os reverenciaes apostolos, mil vezes
Com mais e mais instancia, instantemente... »

— « Basta: (o prelado diz) ja interposta
A appellação está. Agora, em quanto

O reverendo padre-jubilado,
Pois notario não ha que dê fe d'isso,
A certidão lhe passa, nos sentemos
Aope d'ésta roseira a tomar fresco. »

Dictas éstas palavras, se assentaram,
E o farfante Deão assim começa:

— « Por certo, que não póde duvidar-se
Do augmento, senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, per alto influxo
Do grande forte e nunca assás louvado
Rei, primeiro no nome e nas virtudes,*
E do sabio ministro que lhe assiste.
Não fallo nas sciencias e nas artes,
Que eu d'ellas nada sei; pois meu emprêgo
Ás lettras applicar-me me** não deixa
Como meu gôsto e genio me pediam;
E da arte da cuzinha tam somente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa***

* El-rei D. José.

** A concurrencia syllabica *me*, torna difficil a pronúncia d'este verso.

*** E não se enganava o Lara quando assim discorria; pois, aqui em París, todos os tres mezes, sai, com nova edicção o chorudo livro intitulado — *Cusinheiro-real.* — Certo, não aconteçe o mesmo ás mais gabadas producções philosophicas, moraes, oratorias, etc. A gastronomía é quem brilha!

Aos homens que o francez que anda na moda)
Alguns pedaços leio estando vago.
Fallo, sim, no apparato dos banquetes,
No polido dos trajes e assembleias,
Dos jardins no bom gôsto, e dos palacios:
Digo isto, meu senhor, porque ésta cêrca
Que era um chiqueiro ha menos de dous dias
Hoje tornada está n'um paraíso.
Mas que não poderá um genio grande.
E tal como o de vossa reverencia? »

— O guardião então todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde:
« Aqui que póde haver que os olhos encha
De vossa senhoria, que tem visto
As terras estrangeiras tam gabadas,
Se é tudo uma pobreza franciscana! »

N'este ponto chegando o jubilado,
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande certidão, que passar fôra.
O Deão a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous padres, cortez, se despediu.

Dinis, *Hyssope.*

CANTO DO VIDIGAL.

VATICINIO DO GALLO.

——

Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma bandurra que na orchestra estava,
Per mão de insigne mestre trabalhada:
N'ella se viam, sôbre a branca faia,
De marfim embutidas e pau sancto,
As folias do filho de Semele,*
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia
Entre ledos tripudios se tornava.
Estava o gordo deus alli sentado
N'um grande carro que virentes parras
Contra os raios do sol todo toldavam;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jorro de liquor vermelho,
De throno lhe servia; e o môço imberbe
C'o verde thyrso, de uma mão picava
Os dous accesos mosqueados tigres,
E co'a outra chegava á sêcca boca,
De saboroso çumo um cheio vaso.
Após elle se via debuxado

* Baccho.

O bebado Sileno, sobre um ruço
E cançado jumento; de verde hera
C'roada a fronte tinha o semi-capro;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêem, se representa
Que, balançando, o semi-deus caía,
C'os fumos que a cabeça lhe toldavam.
De foliões silenos uma tropa,
Quasi para o suster, o rodeiava,
E sôbre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o carro desgrenhadas
Mil bacchantes e satyros lascivos
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavam buzinas retorcidas,
Outros rijos adufes e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,
Se encommendou ao deus a quem amava,
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz com que costuma
Levantar os mementos nos enterros.
Com tam grande attenção não pendem promptos
Do novo batalhão da elvense terra
Os marciaes soldados na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;

Como a festiva companhia pende
Dos duros berros do cantor famoso,
Que da patria em louvor, assim dizia :
« Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,
Por teus famosos filhos, memoranda!
Hoje té ás estrellas meus accentos
Teu nome levarão e tua fama;
Mas d'onde a minha voz a teus louvores
Dará princípio? Tu, ó brincão Bacche,
Como tens por costume, tu me inspira!
Mil em silencio deixarei successos
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua glória illustram; pois não póde
Um ingenho mortal todas as cousas;
E a louvar passarei do teu senado
A rara e nunca vista economía
Com que no velho, ja rachado sino,
(Por se acharem as rendas do concelho,
Em luminarias, luctos e propinas,
Todas, em seu proveito, consumidas)
Quatro gatos* mandou lançar de ferro. »

Com tal arte feria o cantor destro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,

* Allude o poeta á logração em que caíu certa corporação religiosa que ainda conserva rachado o seu sino maior. Um charlatão roubou-a de quantidade de marcos de prata fina, sob o pretexto de fazer uma solda particular com que havia de soldar o

Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as marteladas.

« Que direi, (proseguiu) da subtileza,
Com que gravar mandaste sôbre a porta,
Que tem de esquina o nome, em negra pedra,
Por que ninguem a lê-la se atrevesse,
A famosa inscripção em negras lettras?
Mais intrincado, mais escuro enigma
Que o que nas portas da famosa Thebas,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge. * »

dicto sino. Depois de sustentado á custa da communidade, e de ter recebido algum dinheiro á conta do promettido milagre, deixou sôbre a eiva do sino um emplastro de chumbo, e levando comsigo a prata, desappareceu.

* Monstro que tinha o rosto de mulher e o resto do corpo similhante a um cão e a um leão com azas. Juno indignada contra os Thebanos, por causa de Alcmena haver attendido Jupiter, enviou o dicto monstro para cima do monte Cytheron; no qual propunha um enigma, e devorava aquelles que o não explicavam, depois de se apresentarem para o decifrar. Consistia este enigma em saber, qual era o animal que tinha quatro pés de manhan, dous ao meio-dia, e tres de tarde. Œdipo reconhecendo o homem por ésta imagem, interpretou o enigma, e a Sphinge, precipitando-se de raiva, quebrou a cabeça.

Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se calou; e em alvo pondo,
(Como quem pensa em cousas mais profundas)
Os turvos olhos, prega um grande escarro,
Com que assustou os circunstantes todos;
E de novo começa: « Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E alli, na tenra idade, me tivessem,
Qual misero e novel frangão, castrado;
Que então so, dignamente, em fino tiple,
Qual Achiles nas operas d'Italia,
De teu grave senado cantaria
A acção maior que víram as idades!
Tu, ó povo miudo, e povo grosso,
Que dos touros ao barbaro combate,*

* Este passatempo tam usado em toda a Hespanha, que sem elle não ha festa de gôsto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações, e nem os barbaros, que folgam de ter em suas casas tigres e outros animaes ferozes e sempre temorosos, o admittem. E na verdade é um passatempo, de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma desculpa. O jôgo da péla faz o corpo agil; a lucta endurece os membros; a justa, que para a briga tem pouco risco, é para festa demasiado; comtudo, o ser exercicio militar, a defende. So nos touros nenhuma cousa ha boa; se são mansos, é cousa fria e aborrecem; se são bravos poucos se correm, que não façam voar corpos ao ceo e almas ao inferno. E que então alegrem, en-

Presidido dos serios magistrados,
La na praça assistias galhofeiro,
Tu testimunha foste! e no futuro
Testimunha serás, que não matizo
Com falsas côres o notavel feito:
Fallo na profusão com que lançaram
(Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a fama espalhava vagamente
A notícia dos regios desposorios
Da princeza real, real infante*)
Depois de terem feito bem o papo,

tão sejam materia de gôsto, e lhe chamem — *bons touros* — como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christão: é renovar-mos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos. Não ignoro que perdemos tempo n'este aviso, como o perderam muitas pessoas gravissimas que per vezes o deram. Mas obriga-nos o zêlo do bem-commum, o officio de historiador, que é dar parecer nas materias; e sôbre tudo sabermos, que um tam grande sancto como foi o Papa Pio V, religioso de nossa sagrada ordem, trabalhou muito pelo tirar do mundo; e fiquem advertidos os auctores de tal espectaculo, se algum houver que passe os olhos per estes escriptos, que em boa Theologia, levam sôbre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.

Souza, *Vida do Arcebispo*, tom. II.

* Foram os da princeza então successora immediata ao throno, e depois raínha de feliz memória, a senhora D. Maria I, com seu tio o infante D. Pedro.

As reliquias da pródiga merenda,
Sôbre as cabeças da apinhada gente.
Então (cousa pasmosa!) os ovos-molles
Arroz-doce, cidrão, e leite-crespo,
Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,
De toda a parte a flux chover se viam,
Cubrindo n'um instante toda a praça.
Qual nas tardes de maio, (quando Jove,
Com a rubida mão dardeja irado,
Per entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor, torcidos raios)
Cai a grossa saraiva, enchendo os campos;
Taes, de manjar branco as tostadas pélas... »

Aqui chegava, quando os convidados,
A quem de tantos doçes a lembrança
Tinha feito crescer agua na boca,
Da demora da ceia impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropel se levantam, e lançando
Pela terra cadeiras e instrumentos,
Correram para a meza, onde scintilla
Nos dourados crystaes, nos finos pratos,
A radiante luz de cem bougias,*.

O primeiro que occupa a cabeceira

* Ésta palavra, *Bougia* é definida per Moraes — *vela de cera fina* — Vem do francez *Bougie*.

É o tolo Aguilar; sem comprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado çumo
Que desterra a cruel melancholia
Da meza festival, — reina a saúde *

Mas de todos tu foste, gran' Gonsalves,
Quem as primicias colhe; todos brindam
A teu grande valor, á tua astucia;
Em quanto tu, no collo recostado
Da prezada consorte, entre os seus mimos,
Do Bispo, e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza;
Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Gyravam sem cessar; sua excellencia
De todos era o alvo; todos n'elle
Malhavam satisfeitos e contentes;
Postoque era malhar em ferro frio.

Uns, a brilhante escolha lhe louvavam
Dos synodaes theologos,—do Arronches,
Eximio pregador (que leu inteiro

* Ésta locução significa — *ha muitos e repetidos brindes;* e não se deve intender da saúde individual dos circunstantes. Faço ésta observação, porque algumas pessoas tropeçam aqui no sentido que dou, e que me parece ser o genuino.

O livro dos *Conceitos-predicaveis*,
O *Zodiaco-sob'rano*, e outros muitos,
Que na schola capucha estão em preço)
—Do guardião dos capuchos,—do Roquette,
Thomista petulante e confiado.

Outros, a prepotencia celebravam
Com que, de motu proprio, um pobre leigo
Despejar promptamente fez das casas,
Para n'ellas viver o seu barbeiro.

Este, a grande philaucia encarecia
Com que a portuense mitra na cabeça,
E seu bago reger ja se suppunha,
Officios repartindo e dignidades.

Aquelle, murmurava da arrogancia
Com que ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou; e rodeiado
De pages petulantes e lacaios,
Do Tibre assoberbar as verdes margens
Em malhados frizões imaginava.

E todos, sem respeito, blasphemavam
Da fatal ignorancia ou liberdade
Com que, apezar dos canones sagrados,
Beneficios-curados entregava
De avaros regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca xita
(Com que, á grande janella, empanturrado,
Da inutil ociosa bibliotheca,
Nas noites de verão, a calma passa)
Ás suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, callado,
Chupando os dedos, e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o dom alarve;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do *Anno-historico*, o grosso e torto Silva.

Quando, subitamente (caso horrendo
Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo!)
O velho Gallo, que n'um prato estava
Entre frangãos e pombos lardeado,
Em pe se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, éstas palavras
Em voz articulou triste, mas clara:
— « Em vão, cruel Deão, em vão celebras
Com nosso sangue o próspero successo
Que a futura victoria te promette;
Que porfim cederás a teu contrario. »

Disse: e cahindo sôbre o grande prato
Sem mexer-se ficou. N'este momento
Um gelado suor dos circunstantes
Banha as pallidas faces; os cabellos

Nas frontes se lhe erriçam ; largo espaço
Immoveis ficam, sem dizer palavra.
Mas o perdido spirito cobrando,
Se levantam tremendo, e pela terra
A recheiada meza baquearam :
Tres vezes se benzeram co' a mão toda ;
Tres vezes, mas em vão, esconjuraram
O fatal Gallo que jazia morto,
E, mil a infausta ceia dando ao demo,
Se fôram, sacudindo os calcanhâres.

DINIZ, *Hyssope.*